

Guy Eduardo de Holanda

Luta Incerta
Uma Tradução Engajada de Steinbeck
no Brasil

São José do Rio Preto
2002



1910001127



GUY EDUARDO DE HOLLANDA

LUTA INCERTA

UMA TRADUÇÃO ENGAJADA DE STEINBECK
NO BRASIL

São José do Rio Preto

2002



GUY EDUARDO DE HOLLANDA

LUTA INCERTA

UMA TRADUÇÃO ENGAJADA DE STEINBECK
NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e
Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São
José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Letras
(Área de Concentração: Teoria da Literatura)

Orientadora: Prof^a. Dra. Diva Cardoso de Camargo



T 1.127/02

São José do Rio Preto

2002



†8.035
H734L

80106005

Hollanda, Guy Eduardo de.

Luta incerta : uma tradução engajada de Steinbeck no Brasil / Guy
Eduardo de Hollanda. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2002
144 f. ; 30 cm.

Orientadora: Diva Cardoso de Camargo

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto
de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1.Tradução e interpretação. 2.Tradução - Historiografia. 3.
Tradução de literatura. 4. Brasil -História - Estado Novo 1937-1945. I.
Camargo, Diva Cardoso de . II. Universidade Estadual Paulista. Instituto
de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 8'255.4



CONDIÇÃO ILUSTRADA

Trabalhos

Prof. Dra. Dora Cardoso de Camargo - Orientadora

Prof. Dra. Filiz Maria da Silva Claro

Prof. Dr. Álvaro Luiz Hamada

Supervisor

Prof. Dra. Elaine Antônia Raposo

dedico o trabalho à mãe Hortênsia, ao pai Guy,
à esposa Cleo, aos filhos Gisela, Paula, Joana,
João, Camilo, Clara, Ariel e Francisco.

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo - Orientadora

Profa. Dra. Silvia Mussi da Silva Claro

Prof. Dr. Álvaro Luiz Hattnher

Suplentes

Profa. Dra. Cleide Antonia Rapucci

Prof. Dr. Carlos Daghlán



Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Manifestamos nossa gratidão a todas elas e de forma particular ao professor Carlos Daghlían pelo apoio permanente, à professora Diva Camargo pela orientação arejada, à professora Cristina Rodrigues por valiosas informações e contatos, à professora Marize Hattnher pela confiança no projeto e ao professor Álvaro Hattnher pelas sugestões de bibliografia.

À pesquisadora Lia Wyler, que introduziu-nos à historiografia da tradução no Estado Novo, apresentou-nos ao tradutor de *Luta Incerta* (1974), sugeriu textos, e pacientemente correspondeu-se conosco, agradecemos a participação em nosso trabalho.

Agradecemos:

a Alfredo Pinheiro de Lemos, pela franca disposição de desvelar o labor oculto do tradutor.

ao professor Antonio Candido, que ao partilhar sua participação nos eventos que pesquisamos trouxe à vida o que focalizamos como história.

à coordenação do professor Sérgio Motta e do professor Marcos Siscar.

à diretora da biblioteca do IBILCE, Maria do Carmo Junqueira, sua equipe, especialmente Gislaíne de Lourdes Gameiro, Elaine Aparecida Silva, Gláucia de Oliveira, e Maria Luíza F. J. Froner.

à Secretaria da pós-graduação: Oscar J. Marques, Rosemar R. de C. Brena, Nanci Q. de A. Pereira, Rosane M. G. Ferro e Genoefa Debiage.

Resumo

Com o intuito de localizar cultural e historicamente a tradução do romance *In Dubious Battle* (IDB), de Steinbeck, feita por Gustavo Nonnenberg, em 1944, discutimos alguns aspectos do engajamento social na literatura. Procurando esclarecer questões como a da qualidade do texto traduzido (TT), da relevância do conhecimento do contexto de produção do TT e da “fidelidade” do TT, utilizamos textos de teóricos dos Estudos de Tradução e Pós-estruturalistas. A apresentação do contexto de produção de IDB mostrou-se importante para esclarecer a “teoria da falange” de Steinbeck, que propõe uma explicação do *pathos* social dos anos 30, fora do marxismo e aproximada ao neo-pragmatismo e às visões biológicas do social humano. O contexto de produção da tradução de Nonnenberg – *Luta Incerta* (LI), por sua vez, tem como componentes principais o Estado Novo de Vargas e a Segunda Guerra Mundial. Aqui, a repressão das oposições de esquerda e da direita organizada, a censura aos meios de comunicação, o controle das liberdades civis e restrições impostas à importação de papel e livros, favorecem a produção de traduções de literatura. Os anos de guerra presenciam a criação de bibliotecas públicas com a finalidade de abastecer culturalmente amplas camadas da população. Por vezes estranhas iniciativas, como a criação de bibliotecas para o proletariado, proposta pela polícia estadual, mostram uma classe dominante não tão segura de seu poder. A conexão do jornalista e ativista político Hermínio Sacchetta com a editora Flama é outro indício de que o tom político da tradução não foi de responsabilidade única de Nonnenberg. A leitura de cartas e artigos de Sacchetta nos arquivos Edgard Leuenroth, na UNICAMP, consubstancia essa idéia. A análise estrutural da tradução, em seu primeiro momento, pelo corpus de 538 itens lexicais, revela uso de acréscimos e modulações que definem uma tendência política do TT, que vai ser posteriormente verificada na análise do TT como um todo. A primeira das três hipóteses formuladas sobre a tradução, de que LI foi uma tradução engajada politicamente, vai sendo comprovada pelo uso de modulações que dão ênfase ao jargão político da época. A segunda hipótese, de que LI foi pensada como literatura de formação, é comprovada pelo uso de acréscimos de conteúdos históricos que não fazem parte do texto de partida (TP). A terceira hipótese, de que LI constituiu uma oposição aos padrões da época, é confirmada pela apropriação simplificadora do TP, feita por meio de omissões, como da epígrafe de IDB. Analisamos uma apropriação formalizadora do estilo de IDB ocorrida na tradução dos diálogos, que correspondem a mais ou menos 80% do volume de texto do TP, com a ajuda de textos de Pretti(1990) e Milton(1994). Concluímos, apresentando a idéia de que a pesquisa possivelmente virá a revelar outros casos de tradução engajada de literatura, tão logo nosso olhar se volte ao estudo mais sistemático do acervo criado em condições interessantes como o Brasil estado-novista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura social, literatura engajada, literatura interessada, romance proletário, realismo socialista, tradução engajada, tradução política, socialismo, tradução, literatura, tradução literária, tradução de literatura.

Abstract

With the purpose of culturally and historically locating the translation of the novel *In Dubious Battle* (IDB), by Steinbeck, carried out by Gustavo Nonnenberg, in 1944, we discuss some aspects regarding social engagement in literature. Trying to clarify certain issues as to the quality of the translated text (TT), how relevant it is to know the context of TT production, and the “fidelity”, we have made use of texts regarding Translation Studies and Post-structuralism. The presentation of IDB’s production context has been important for clarifying Steinbeck’s phalanx theory, which proposes an explanation for the 30’s social *pathos*, away from Marxism and near Neo-pragmatism and biological view of human society. On the other hand, the production context of Nonnenberg’s translation – *Luta Incerta* (LI), is based on Vargas’ New State and World War II. Here, repression to opposition organized political parties, communication means censorship, civilian freedom control and restriction on book and paper import favor the production of literary translation. War years see the creation of public libraries aiming at culturally supplying the population. Sometimes, odd initiatives, such as libraries for workers, proposed by the state police, present a dominant class that is not so sure about its power. The relationship between the journalist and political activist Hermínio Sacchetta and Flama Publisher is another evidence that the translation’s political tone is not Nonnenberg’s responsibility alone. Sacchetta’s letters and articles found in Edgard Leuenroth’s files, at UNICAMP, corroborate with such idea. At first, the translation’s structural analysis, through a corpus of 538 lexical items, reveals the use of additions and modulations defining a political tendency of TT – what is then verified through a complete analysis of TT. The first out of three formulated hypothesis on the translation – LI is a politically engaged translation, is corroborated by the use of modulations emphasizing the political jargon of that time. The second hypothesis – LI has been considered formation literature, is corroborated by the use of historical content additions that were not part of the original text (OT). The third hypothesis – LI is an opposition to standards of that time, is confirmed by simplified appropriation of OT though omissions, such as the one regarding IDB’s epigraph. We have analyzed IDB’s style appropriation as to dialogue translation, which is about 80% of the OT, with the help of Pretti(1990) and Milton’s(1994) texts. We have come to the conclusion that this research will probably help to reveal other literary engaged translation cases as we systematically start studying other translations carried out under interesting conditions such as the New State in Brazil.

KEYWORDS: Social literature, engaged literature, interested literature, worker novel, socialist realism, engaged translation, political translation, socialism, translation, literature, literary translation, literature translation.

Sumário

Página

RESUMO	5
ABSTRACT	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – Engajamento político na literatura e na tradução da literatura	16
1.1 Literatura engajada	16
1.2 Tradução: cruzamento de perspectivas teóricas	27
1.3 Tradução engajada	31
CAPÍTULO 2 – Contextos: norte-americano e brasileiro	35
2.1 <i>In Dubious Battle</i> : relações entre narrativa histórica e narrativa literária	35
2.2 O contexto de <i>Luta Incerta</i>	45
2.3 Arquivos Edgard Leuenroth	58
2.4 Uma segunda lista de títulos	60
CAPÍTULO 3 – Análise de <i>Luta Incerta</i>	65
3.1. Primeira hipótese	65
3.1.1 Acréscimos: exemplos extraídos da amostra de 538 itens lexicais	66
3.1.2 Modulações: exemplos extraídos da amostra de 538 itens lexicais	68
3.1.3 Exemplos extraídos da totalidade da obra	69
3.1.3.1 Modulações	70
3.1.3.2 Omissão	75
3.1.3.3 Erro	78
3.1.3.4 Acréscimos	80
3.2 Segunda hipótese	82
3.3 Terceira hipótese	83
3.4 Aceitabilidade lingüística	91
3.5 Xilogravura de Clóvis Graciano	98
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	104
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	108
APÊNDICE A – <i>Corpus</i> de 538 itens lexicais	111
APÊNDICE B – <i>Corpus</i> de 538 itens lexicais incluindo tradução de Pinheiro de Lemos	119
APÊNDICE C – Diálogo de Mac com Al, do último capítulo de <i>In Dubious Battle</i>	126
ANEXO A – Artigos da <i>Revista da Academia Paulista de Letras</i>	129
ANEXO B – Proposta cultural do Secretário da Segurança Pública	133
ANEXO C – Carta de Engels à Srta. Margaret Harkness	135
ANEXO D – Manifesto político de <i>Clima</i>	137
ANEXO E – Artigo crítico sobre traduções, de Mário de Andrade	139
ANEXO F – Epígrafe de <i>In Dubious Battle</i>	143

Introdução

Nosso tema é a tradução literária engajada, particularizando uma abordagem da noção de engajamento na tradução literária no Brasil, na época do Estado Novo (1937-1945), a partir de um estudo de caso: trata-se da tradução do romance de John Steinbeck, *In Dubious Battle* (1936), *Luta Incerta*. Esta tradução, feita por Gustavo Nonnenberg, foi publicada em São Paulo, em julho de 1944, pela editora Flama. Em 1974 aparece, publicada pela editora Record, uma nova tradução de *In Dubious Battle*, com o mesmo título de *Luta Incerta*, feita por Alfredo B. Pinheiro de Lemos, que usaremos como apoio em nossa análise do capítulo III.

A pesquisa é relevante porque contribui com conhecimentos sobre a resistência ao conservadorismo nas elites intelectuais brasileiras durante o Estado Novo, os quais podem facilitar a compreensão do processo de desenvolvimento político brasileiro. Esta pesquisa é parte de um conhecimento em construção sobre uma época de autoritarismo na qual podemos reconhecer um impulso de crescimento como nação. Ainda que baseadas em conceitos difusos de democracia, socialismo e nacionalismo, as práticas sociais daquela época, tanto o exercício do poder, como da oposição, têm o vigor ausente em nossos dias de “democracia”, “liberalismo”, “globalização” e submissão ao capital financeiro internacional.

Constatamos, ao compararmos uma amostra extraída de *In Dubious Battle* com sua amostra correspondente de *Luta Incerta*, o que nos pareceu um viés político na tradução, o qual não corresponderia à intenção política de Steinbeck. Formulamos a hipótese de que seria possível observar esse viés com mais clareza após um estudo das condições de produção dessa tradução.

Na sequência deste estudo estabelecemos três hipóteses. A primeira, a de que o objeto de estudo fosse uma tradução política *per se*, e não somente uma versão mais radical do texto de partida (TP)¹; segunda, a de que a tradução se configurava como literatura de formação para segmentos progressistas da população; terceira, a de que *Luta Incerta* correspondeu a um rompimento consciente com os padrões burgueses de excelência na época.

¹ Independentemente das abordagens teóricas, empregamos o termo “Texto de Partida” como sinônimo de “Texto Original”; da mesma forma, usamos “Texto de Chegada” como sinônimo de “Texto Traduzido”.

A nossa pergunta é se a crise econômico-social é importante no engajamento de intelectuais e artistas. Apesar do intervalo de oito anos entre as edições, ambos, TP e texto de chegada (TC), são produzidos em períodos de crise. São contextos, geografias, e histórias diferentes, nos quais está presente um elemento comum: a possibilidade de mudança social radical. Vamos procurar indícios das diferentes maneiras de perceber essa possibilidade de mudança, por parte de autor e tradutor.

O objetivo geral da nossa pesquisa é compreender a função da tradução de literatura no Brasil do Estado Novo, com enfoque em traduções que possuem características de engajamento político-social, fixando-se o estudo em *Luta Incerta*, de Gustavo Nonnenberg.

Como objetivos específicos, procuraremos apresentar uma discussão sobre “fidelidade” que possa nos instrumentar na análise do nosso *corpus*, e delinear os cenários históricos em que se produzem o TP e a tradução, assim como os presumíveis objetivos da tradução de Nonnenberg.

Vida e obra de Steinbeck

Steinbeck nasceu em 27 de fevereiro de 1902, em Salinas, sede do condado de Monterey, pequena cidade da Califórnia, cercada por grandes plantações de alface, brócolis e alcachofras, que constituíram o “ouro verde” local desenvolvido após a Primeira Guerra Mundial. Seu pai era ativo na política do condado; e sua mãe, por formação, professora. Steinbeck matriculou-se na Leland Stanford University, em 1919, onde cursou cadeiras de biologia marinha e de língua inglesa, mas não chegou a se graduar. Trabalhou como repórter em Nova York; despedido, empregou-se como operário de construção, químico, aprendiz de pintor, e caseiro. Seu primeiro livro, *Cup of Gold*, um romance histórico baseado na vida do pirata jamaicano Capitão Henry Morgan, foi publicado em 1929. O reconhecimento público só veio em 1935, quando publicou *Tortilla Flat*, romance que tem, como personagens, desempregados e vagabundos de origem mexicana. Recebeu a *California Commonwealth Club's Gold Medal* pelo melhor romance escrito por autor californiano em 1935.

Cem anos após seu nascimento, Steinbeck continua um autor de importância mundial. Ainda hoje vende mais de cem mil exemplares por ano do seu romance capital, *The Grapes of Wrath* (*As Vinhas da Ira*). Sua obra está sendo constantemente estudada pela comunidade



acadêmica em todo o mundo, que conta, para isso, com um bom acervo de cartas, documentos, manuscritos, e outros legados, distribuído em coleções particulares, universidades e bibliotecas norte-americanas. Podemos citar a Rodgers Collection of John Steinbeck (Los Altos, California), os acervos da Stanford University (Stanford, Califórnia), e a Beyer Collection, na Princeton University Library (Princeton, New Jersey). A revista *Steinbeck Quarterly* data de 1968. Outras coleções são:

- The Adrian H. Goldstone Collection, Humanities Research Center, University of Texas, Austin, Texas
- The Annie Laurie Williams Collection, Columbia University, NY
- The Bancroft Library, University of California, Berkeley, California
- The Pierpoint Morgan Library, New York, NY
- The Steinbeck Research Center, San Jose State University, San Jose, California
- University of Virginia Libraries, Charlottesville, Virginia
- International John Steinbeck Association, Ball State University, Muncie, Indiana

Steinbeck morreu em Nova York em 1968, tendo ganho o Prêmio Pulitzer em 1940 e o Prêmio Nobel de Literatura em 1962. Suas publicações incluem: 1929 - *Cup of Gold*, 1932 - *The Pastures of Heaven*, 1933 - *To a God Unknown* e *The Red Pony* (Part one and two), 1935 - *Tortilla Flat*, 1936 - *In Dubious Battle*, 1937 - *Of Mice and Men*, 1938 - *Their blood is strong*, 1939 - *The Grapes of Wrath*, 1941 - *Sea of Cortez*, 1942 - *The Moon Is Down* e *Bombs Away*, 1945 - *Cannery Row* e *The Pearl*, 1947 - *The Wayward Bus*, 1948 - *A Russian Journal*, 1950 - *Burning Bright* e *Viva Zapata*, 1951 - *The Log from The Sea of Cortez*, 1952 - *East of Eden*, 1954 - *Sweet Thursday*, 1957 - *The Short Reign of Pippin IV*, 1958 - *Once There Was a War*, 1961 - *The Winter of Our Discontent*, 1962 - *Travels with Charley*, e 1966 - *America and Americans*.

A Grande Depressão colhe Steinbeck com poucos recursos, aos 27 anos, ainda dependendo de pequeno auxílio familiar, porém, incansável no intuito de se profissionalizar como escritor. Intelectual de classe média, Steinbeck prezava seu ambiente na Califórnia rural, onde se formou e aprendeu a observar cuidadosamente pessoas, afazeres do cotidiano e paisagens. Seu conhecimento das lutas sociais, travadas por toda a década de 30, foi se tornando, com o tempo, mais próximo e participante. Depois de sua “idéia comunista”, como ele se refere a *In Dubious Battle* em carta a sua agente literária (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p.96), Steinbeck visita, no verão de 1936, o *Gridley Migrant Camp*, ao norte de Sacramento, e depois segue viagem, em convívio próximo com os trabalhadores rurais, para participar na colheita de algodão. É nessa época que recolhe material para seus artigos no *San Francisco*

Chronicle sobre o trabalho dos *fruit tramps*, que constituem a coletânea *Harvest Gypsies* (BENSON, 1984, p.347, 369). Nosso recorte da obra de Steinbeck limita-se à sua produção literária engajada nos problemas políticos e sociais norte-americanos na época da Depressão. Essa produção começou em 1933-34 para se esvaziar com o início do esforço de guerra que se seguiu a Pearl Harbor (dezembro de 1941). Quaisquer que tenham sido os motivos para essa produção engajada, o fato é que ela foi diferenciada da produção literária de outros autores que escreveram literatura proletária nessa época. Uma diferença entre Steinbeck e muitos desses autores certamente foi política. Steinbeck não era filiado a nenhum partido de esquerda, apesar de freqüentar a casa de intelectuais progressistas e relacionar-se esporadicamente com membros do John Reed Club, e até com quadros do partido comunista, envolvidos na organização de greves de trabalhadores rurais na Califórnia. Uma mistura de admiração e ódio caracterizava seu relacionamento com os comunistas. Como escreveu a seu amigo Louis Paul, em fevereiro de 1936, logo depois da publicação de *In Dubious Battle*: “*I don’t like communists either, I mean I dislike them as people. I rather imagine the apostles had the same waspish qualities and the New Testament is proof that they had equally bad manners. But this dislike is personal*” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p.120). Steinbeck era também negativo em relação à União Soviética, mas crítico o suficiente para admitir, na mesma carta, que “*some of these communist field workers are strong, pure, inhumanly virtuous men.*” A história de *In Dubious Battle* nasceu e se nutriu do contato pessoal de Steinbeck com dois desses militantes comunistas.

O romance é baseado na recriação ficcional de greves de trabalhadores rurais na Califórnia por volta de 1933-34. A narrativa começa com o jovem Jim Nolan procurando o partido comunista americano em sua cidade e termina nove dias depois, com sua morte, em um acampamento de trabalhadores rurais em greve. Atraído para uma emboscada, leva um tiro de escopeta no rosto. Os dias que se passam entre sua admissão a uma célula do partido em uma cidade do interior da Califórnia, por volta de 1934, e a fase final de uma greve, que ele ajuda a organizar nas plantações de maçãs no vale de Torgas, são dias que correspondem à formação de um militante comunista na América da Depressão: formação prática, sem apego à teoria e sem atrelamento a diretrizes estranhas à realidade da greve. Mac, um dos principais personagens, experiente na organização de greves, é seu parceiro nessa viagem; ensina táticas para Jim e passa-lhe sua experiência, num relacionamento intenso, muitas vezes conflitivo. Doc Burton, um médico e intelectual que se dispõe a ajudar os grevistas nas questões sanitárias,

dialoga com Mac e Jim e expõe seus pontos de vista sobre política e sociedade. Doc desaparece, possivelmente seqüestrado por vigilantes (paramilitares), um acontecimento que é vital para a derrota final da greve. Destacamos a figura de Joy dentre os novos companheiros de Jim. Joy é um personagem-limite, que paira entre a insanidade e o sublime, e que Steinbeck desenvolve posteriormente em *Of Mice and Men*; é um ativista do partido que é morto por vigilantes no confronto entre grevistas e fura-greves. Sam, outro ativista que participou da *Bloody Thursday*², é mais um dos trabalhadores rurais que se envolvem completamente nos acontecimentos. Revoltado pelo incêndio criminoso da fazenda que abriga os grevistas, Sam incendeia a granja de um dos latifundiários locais e é obrigado a fugir, caçado pela polícia.

Steinbeck começou a ser traduzido para o português a partir de seu primeiro *best-seller* mundial, *The Grapes of Wrath*, publicado em 1939 nos Estados Unidos. A adaptação para o cinema veio no ano seguinte, um filme de Darryl Zanuck dirigido por John Ford, estrelado por Henry Fonda e Jane Darwell. *The Grapes of Wrath* foi publicado pela Editora Globo em 1940 (reimpressão em 1941), em tradução de Ernesto Vinhaes e Herbert Caro com o título de *As Vinhas da Ira*. A esta, seguiram-se muitas outras: *Ratos e Homens (Of Mice and Men)*, traduzido por Érico Veríssimo em 1940, *Boêmios Errantes (Tortilla Flat)*, traduzido por Edison Carneiro em 1942, *Noite sem Lua (The Moon is Down)*, traduzido por Monteiro Lobato em 1943, *O Pônei Vermelho (The Red Pony)*, traduzido por José de Barros Pinto em 1944, *Luta Incerta (In Dubious Battle)* traduzido por Gustavo Nonnenberg em 1944, e *Caravana de Destinos (Cannery Row)*, traduzido por Silvia Mendes Cajado, em 1945.

Como podemos observar, são publicações feitas durante o Estado Novo, época notoriamente difícil para os projetos culturais. A censura à imprensa, ao rádio, aos livros, e todas as restrições à livre associação e exposição de idéias, institucionalizadas a partir de 1937, as quais na prática ocorriam desde a malograda tentativa de levante comunista em 1935, fizeram do Estado Novo brasileiro um ambiente hostil aos que não podiam se furtar, por força de seus compromissos, à resistência ativa ao regime.

A publicação de traduções é uma saída da indústria de livros, para a desconfortável situação de insegurança, na qual as obras poderiam ser apreendidas e até destruídas pelos órgãos

² “Quinta-feira sangrenta”, São Francisco, Califórnia: no dia 5 de julho de 1934 os confrontos entre trabalhadores e polícia, desenvolvimento da greve dos portuários, iniciada dois meses antes, atingem seu mais alto nível de violência, deixando 3 mortos, 31 baleados e grande número de feridos.

da repressão política do governo Vargas. A contextualização da tradução de Nonnenberg se utiliza de textos sobre o Estado Novo, especialmente sobre o período do regime que coincide com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), período marcado por nosso isolamento cultural da Europa, acentuado depois da declaração brasileira de guerra ao eixo em 1942. São textos sobre a cultura, a intelectualidade, as traduções, os artistas, a política, a censura, enfim, sobre aspectos da sociedade que podem nos ajudar, através de sua compreensão, a situarmos de maneira empática em relação a essa tradução ambígua, mas vital, a qual constitui nosso objeto de estudo.

Foi justamente a empatia pelo TT, em seu contexto histórico, que nos levou a abandonar critérios anteriores de avaliação da tradução, como os de Nida (1964) e Catford (1965), mais formais, pouco preocupados com a função da obra traduzida na sociedade receptora. A mudança de um ponto de vista que prioriza o TO relativamente ao TT, para outro em que a tradução é vista como o fato principal, é uma de nossas preocupações. Será necessária uma rápida revisão em algumas teorias da tradução para que possamos nos instrumentalizar para a análise de *Luta Incerta*.

Os procedimentos metodológicos que adotaremos se valerão de uma revisão da literatura sobre a teoria da tradução e sobre o engajamento na literatura e na tradução. A análise que faremos de nosso *corpus* será do tipo descritivo, embora numa primeira fase tivéssemos usado um modelo estrutural.

A produção de trabalhos acadêmicos focalizando a tradução em suas relações com o engajamento político e as transformações sociais têm crescido na última década. Acreditamos que um estudo de caso localizado no Brasil, durante o Estado Novo, poderia contribuir para uma reflexão a respeito desse tema, tendo em vista a especificidade das condições de sua elaboração.

O rastreamento da repercussão da tradução de Nonnenberg em jornais e revistas da época poderia servir como sugestão para futura pesquisa, trabalho que poderia responder perguntas sobre a possível contribuição dessa tradução na discussão de idéias socialistas no Brasil de 1944-45. Outro desdobramento deste trabalho poderia ser a pesquisa da imagem de Steinbeck, criada pelos meios de comunicação de massa, no período que vai de 1940 a 1944, e também de que forma essa imagem contribuiu para a sua escolha de autor estrangeiro a inaugurar a linha de publicações da Editora Flama.

O capítulo I trata em primeiro lugar da literatura engajada, sendo nosso propósito apresentar o discurso de Antonio Candido (1995), em *O direito à literatura*, como fio condutor de nossa pesquisa teórica sobre os temas da literatura engajada, nas suas diversas formas, na primeira metade do século XX. No prosseguimento, procuramos, com base em autores de diferentes linhas teóricas, equacionar problemas que surgiram no início de nossa pesquisa, como a qualidade da tradução, a objetividade possível a partir do uso de somente uma tradução, a relevância do conhecimento dos contextos de produção do “original” e da tradução, e o problema da “fidelidade”, do “transporte de significados” e outras questões discutidas pelas tendências pós-estruturalistas e dos estudos de tradução a propósito das tendências tradicionais em tradução. Esse capítulo também aborda o trabalho de Tymoczko (2000) com tradução engajada de literatura irlandesa, e a pesquisa de Lefevere (1998) sobre traduções de *Mãe Coragem*, de Brecht, para o inglês em três ocasiões, nas décadas de 40, 60 e 70.

O capítulo II trata das relações entre a narrativa literária e a narrativa histórica no romance de Steinbeck *In Dubious Battle*. Temos, na dissertação, dois tipos de leitura e dois textos. A primeira leitura é a que Steinbeck faz dos acontecimentos históricos na Califórnia nos primeiros anos da Depressão e que materializou em seu romance *In Dubious Battle* (1936); a segunda leitura é feita pela Flama (Nonnenberg e Sacchetta, este último diretor literário da Flama) do texto de Steinbeck, acrescido de informações, e materializada na tradução *Luta Incerta* (1944). Este capítulo também se refere ao contexto de publicação de *Luta Incerta* – político, cultural, tradutório, editorial. O relacionamento entre intelectuais e determinadas instâncias do Estado Novo é visto sob ângulos políticos diversos. Reunimos textos sobre a atuação e pontos de vista dos militantes e dos intelectuais comunistas. Para a compreensão do cenário histórico do TT, apresentamos textos escritos na época ou posteriormente, por pessoas que participaram desse momento. Baseados em documentos da época, mostramos a difícil situação do poder getulista em seus últimos dias, o que se traduziu em inusitadas aberturas políticas e confusas tentativas de capitalizar o movimento social, como foi o caso das *bibliotecas para o proletariado*. Ventilamos um debate sobre a tradução, disponível em artigos publicados entre 1942 e 1945 pela *Revista da Academia Paulista de Letras*, que traz para um fórum mais conservador uma discussão veiculada nos jornais diários, e arrolamos a pesquisa de Lia Wyler (1995) sobre a crítica às traduções, com a intenção de compor um quadro relevante nessa área. Através da pesquisa de documentos (artigos e cartas datadas de 1939 a 1946) dos arquivos Edgard Leuenroth na UNICAMP, procuramos o lugar de Hermínio



Sacchetta, em eventual parceria com Gustavo Nonnenberg, na produção de *Luta Incerta*. Reproduzimos a carta recebida de Antonio Candido (cf. folha 62), que acrescenta dados inéditos sobre a Editora Flama.

No capítulo III, fazemos referência à aplicação parcial do modelo de Aubert (1984,1998), e que tipo de influência exerceu no desenvolvimento do nosso trabalho. Neste capítulo, dedicamos atenção a uma análise descritivo-comparativa de *Luta Incerta*, utilizando para isso exemplos do texto em inglês cotejados com exemplos correspondentes do texto em português. O problema apresentado na tradução dos diálogos, que não é exclusivo de nosso caso de estudo, foi abordado por intermédio dos pontos de vista de John Milton (1994) e Dino Pretti (1990). Colocamos também a questão da ruptura ideológica com os padrões da elite intelectual, manifesto por meio da supressão da epígrafe do romance de Steinbeck, e outras rupturas manifestas através da manipulação peculiar do estilo do TP. Apresentamos o depoimento de Clóvis Moura (1999), historiador engajado, participante da luta política na época da tradução de Nonnenberg, reforçando a idéia de que *Luta Incerta* pode ser abordado como literatura de formação socialista. Finalmente, dedicamos atenção à capa de *Luta Incerta*, na sua versão de 1944 e na versão de 1974, fazendo referência à participação do artista plástico Clóvis Graciano na edição de 1944. Utilizamos a tradução de *In Dubious Battle* disponível, *Luta Incerta*, por Gustavo Nonnenberg, em 1944, para uma análise estrutural de *corpus*, utilizando o modelo de Vinay e Darbelnet, reformulado por Aubert, que redundou na descoberta de uma tradução engajada. O trabalho com o texto traduzido, seu contexto histórico e a conseqüente revisão do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, levou-nos a formular três hipóteses, que acreditamos ter comprovado no capítulo III.

A conclusão trata da relação do nosso trabalho com a leitura de uma crítica historicista (BENSON; LOFTIS, 1980), iniciada no começo dos anos 70, que pretende avaliar politicamente o romance *In Dubious Battle*, escrito em 1936 por Steinbeck. Finalmente, abordamos, como meio de refletirmos sobre nossa própria pesquisa, a tradução engajada de literatura antiga irlandesa, a qual é objeto de estudo de Tymoczko (2000), e os tipos de engajamento descobertos por Lefevere (1998) nas traduções de *Mãe Coragem*, de Brecht para o inglês em três épocas distintas no século XX.

Capítulo 1 – Engajamento político na literatura e na tradução da literatura

1.1. Literatura engajada

O conceito de engajamento varia de acordo com o lugar e a época. Não existe uma literatura engajada *per se*; ela vai existir, em cada época, em suas várias e distintas manifestações, com maior ou menor intensidade. A política transforma-se, assim como as artes.

Sobre engajamento, neste capítulo, vamos restringir-nos ao campo da literatura, tomando como base o artigo “*O direito à literatura*”, de Antonio Candido (1995), no qual aborda a questão da *humanização*, um processo que confirma certos traços essenciais e desejáveis no homem, e que é em nós desenvolvido pela literatura.

Rideout (1956), em *The Radical Novel in the United States*, também aborda esse mesmo tema – *humanização* – no contexto norte-americano dos anos 50, em resposta ao desejo de críticos e políticos, no clima da guerra fria, de proibir o romance marxista. Rideout diz que comunistas doutrinários e conservadores doutrinários acreditam que a ideologia explícita em um livro é seu aspecto mais importante; ambos negam o valor do livro como literatura. Candido (1995, p.250), de maneira aproximada, coloca essa mesma questão quando se refere à Igreja Católica, para a qual “durante muito tempo, a ‘boa literatura’ era a que mostrava a verdade da sua doutrina ...”, e quando se refere ao regime soviético, para o qual “a literatura autêntica era a que descrevia as lutas do povo, cantava a construção do socialismo, ou celebrava a classe operária”. Candido (1995, p.250) rejeita essas posições porque elas pressupõe que a produção literária “se justifica por meio de finalidades alheias ao plano estético, que é o decisivo”. Análogo ao de Candido, prossegue o pensamento de Rideout (1956, p. 289) explicitando que “um romance, bom ou mau, pode ser sobre uma conversão, mas não necessariamente converte; o efeito pode até ser oposto”. Candido (1995, p. 250) introduz a questão da eficiência: “sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social, só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora”. Rideout (1956) enfatiza que um romance não empurra o leitor às barricadas e, sim, amplia sua experiência e o faz compreender melhor as possibilidades do ser

humano. O romance, qualquer que seja sua ideologia formal, é essencialmente uma força humanizadora. Não sabemos até que ponto “qualquer que seja sua ideologia formal” (RIDEOUT, 1956, p.290) corresponde a uma concessão política que faz, necessária à época da publicação.

Segundo Candido (1995, p. 249), o processo de humanização confirma no homem traços essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. Para atingir o ideal de humanização seria necessário o acesso de todos à literatura, ou melhor ainda, acesso a uma educação escolar para a formação do indivíduo. A questão que persegue os teóricos da educação apresenta-se também ao teórico que aborda a situação social da literatura.

Lajolo, confirma que:

Os textos a que a tradição reserva o nome de literatura, embora nascendo de uma elite e a ela dirigidos, não costumam confinar-se às rodas que detêm o poder. [...] Seus efeitos, a inquietação que provocam, podem repercutir em camadas mais marginalizadas... (LAJOLO, 1990, p. 64).

Barthes (1978, p. 158) enfatiza esse vínculo inicial da literatura à elite, que é a elite da burguesia. Mesmo que diversos tipos de burguesia tivessem se sucedido no poder desde 1789, “o estatuto profundo permanece: um determinado regime de propriedade, uma determinada ordem, uma determinada ideologia”. Na sociedade burguesa não há nem cultura, nem moral proletária, não existe arte proletária: ideologicamente, tudo o que não é burguês é obrigado a pedir emprestado à burguesia. Barthes minimiza as revoltas contra a ideologia burguesa; diz que são socialmente limitadas.

Mas é desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens que a literatura assume seu extremo poder transformador (LAJOLO, 1990, p.65, grifo nosso). Esse poder transformador da literatura, ou seja, seu caráter humanizante e formador, não vem da natureza ou quantidade de informação que ela dá ao leitor. “Literatura não transmite nada. Cria e dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado ...” (LAJOLO, 1990, p. 43).



Posto de outra maneira, por Afrânio Coutinho (1978, p. 8), “a literatura não tem o objetivo de informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso...”. O literário inclui o social, o histórico, etc., mas transformando esse material em estético.

Há na literatura um espaço de interação de subjetividades entre o autor e o leitor que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações, e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (LAJOLO, 1990, p.38). Esse espaço pode conter um conhecimento intencional, planejado pelo autor e conscientemente assimilado pelo receptor.

Aqui o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc.

Um poema abolicionista de Castro Alves atua pela eficiência da sua organização formal, pela qualidade do sentimento que exprime, mas também pela natureza da sua posição política e humanitária. Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a “literatura social” (CANDIDO, 1995, p. 249).

A literatura social, portanto, seria a literatura em que o autor exprime suas convicções frente às questões, na sociedade, que ferem seu senso de justiça e de humanidade; é uma “literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas” (CANDIDO, 1995, p. 249).

No século XX, o engajamento literário e artístico sofreu a influência da Revolução de Outubro de 1917. A União Soviética foi o primeiro laboratório de arte e literatura engajada, em um efetivo experimento social, sem precedente, onde o Estado burguês deu lugar a um Estado cuja preocupação foi, em seus primeiros anos, o resgate da classe operária e dos camponeses. Não abordaremos em profundidade essa influência da revolução bolchevique, mas podemos dizer que a literatura proletária norte-americana da Depressão (1929-1941) e a literatura social brasileira dos anos 30, ambas de interesse para o nosso trabalho, sofreram sua influência.

A concepção do regime soviético de “literatura autêntica” a que Candido (1995, p.250) se refere sofre modificações com o correr dos anos, e só vai existir como um entrave à criação artística a partir da década de 30.

Victor Serge (1932), escrevendo de Leningrado, comenta uma resolução adotada, em 1º de julho de 1925, pelo Comitê Central do Partido Comunista da URSS:

O partido se declarava a favor da livre emulação das escolas literárias, “porque qualquer outra decisão seria apenas burocrática”. O partido se recusava a conferir a um grupo, qualquer que fosse ele, o monopólio das edições: “conferir esse monopólio mesmo à literatura mais proletária por suas idéias, seria matar essa literatura.” (p.53)

A efervescência cultural na União Soviética do anos 20, que convive com grande miséria e sofrimento, é comentada por Leandro Konder (1967):

O ambiente literário de então se caracterizava pelo choque estrepitoso de várias tendências, que incluíam desde o formalismo dos *Irmãos Serapião* (grupo cujo nome era tirado de um personagem de Hoffmann) e do tradicionalismo acadêmico, até o refinamento dos *imagistas* (Essênin), o sectarismo do *proletkult* (grupo que teve como inspirador o machista Bogdanov, com quem Lênin polemizara em *Materialismo e Empiriocriticismo*), passando pela agressividade dos futuristas (entre os quais surgiu Maiacóvski) e a posição moderada, aberta e confusa de Górkí (p.62).

Nessa época, dizia-se haver critérios na URSS para julgar o conteúdo social e político da obra literária, mas não respostas claras para todas as questões que dizem respeito à forma literária (SERGE, 1932, p. 52).

Também fora da União Soviética, apresenta-se uma das questões mais difíceis sobre o engajamento literário: a qualidade. Se, por um lado, postula-se que “a eficácia humana é função da eficácia estética” e “o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes” (CANDIDO, 1995, p. 251), por outro lado, como classificar as produções de menor qualidade porém de grande impacto no público leitor? Ao comparar o trabalho de Bernardo Guimarães (*A Escrava Isaura*) com a poesia abolicionista de Castro Alves, Candido entra no problema da qualidade do texto literário, escrevendo sobre *A Escrava Isaura*: “No entanto, visto que só a intenção [grifos nossos] e o assunto não bastam, esta é uma obra de má qualidade”. Candido diz que Bernardo Guimarães não foi capaz de criar uma organização literária adequada em *A Escrava Isaura*, e que, portanto, não satisfaz os requisitos que asseguram a eficiência real do texto (CANDIDO, 1995, p. 251).

Serge (1932), equipara a qualidade da obra à sinceridade (da obra). Tanto Serge como

Candido afirmam que a qualidade compreende algo mais que a intenção e o assunto, sendo que a idéia de qualidade passada por Serge é mais subjetiva, menos comprometida com a forma:

A sinceridade das obras é uma das condições essenciais de seu valor. A literatura proletária não irá nascer nem de esforços (ainda que perseverantes) de organizações burocráticas, nem de congressos; as mais belas moções, concebidas no espírito da mais correta doutrina pelos funcionários mais empenhados das comissões de propaganda, não farão nascer um bom livro se a *esses esforços não se acrescentar uma sinceridade apaixonada* (SERGE, 1932, p. 39, grifo nosso).

Embora a qualidade da literatura seja fundamental, continua Candido, “isso não quer dizer que só serve a obra perfeita”, explicando que a obra de menor qualidade também tem seu lugar no movimento literário, constituído por textos de qualidade alta e de qualidade modesta (CANDIDO, 1995, p. 251). Candido dá como exemplo Eugène Sue: escritor “de segunda ordem mas extremamente significativo de um momento histórico”:

Nos seus livros ele penetrou no universo da miséria, mostrou a convivência do crime e da virtude, misturando os delinquentes e os trabalhadores honestos, descrevendo a persistência da pureza no meio do vício, numa visão complexa e mesmo convulsa da sociedade industrial no seu início (CANDIDO, 1995, p. 253).

Essa escolha nos pareceu muito interessante, pois temos uma detalhada crítica, feita por Karl Marx, a uma crítica de *Os Mistérios de Paris*, de Sue (feita por Szeliga), a qual retornaremos adiante.

O ensaio, traduzido para o espanhol, *Socialismo y consolación*, de Umberto Eco (1970, p.7), fornece informação adicional sobre Sue e sua obra. Depois de “convertido ao socialismo”, Sue começa a escrever, em 1841, *Os Mistérios de Paris*, romance publicado sob a forma de folhetim. O tipo de socialismo que transparece em sua obra é ingênuo, provoca críticas da esquerda, é abominado por conservadores e moderados, mas é muito lido pelas massas de leitores de jornal: “*O Judeu errante* (1844) aumentou a circulação do jornal *Le Constitutionnel* de 5 944 para 24 771 ao longo de sua publicação” (PEGASOS, 1999).

Eco mostra como Sue estava envolvido num imenso processo de comunicação com seu público:

– *entre éstas y otras delirantes manifestaciones de éxito, Eugène Sue alcanza la*

cumbre soñada por todos los novelistas, consigue en realidad lo que Pirandello sólo podrá imaginar: recibe dinero del público para socorrer a la familia Morel. [...]

A partir de este momento, como veremos, Sue ya no escribe Los misterios de París; la novela se escribirá sola, con la colaboración del público (ECO, 1970, p.8)

Sue parece ter mudado sua filosofia de vida no próprio processo de produção de sua obra social; de conhecido estróina, que dilapidou a herança recebida do pai, para adepto das políticas socialistas. Em 1848, filia-se ao Partido Socialista; dois anos depois candidata-se e exerce, durante o curto período da Segunda República Francesa, o cargo de deputado socialista:

El 2 de diciembre del mismo año [1851] se da el golpe de Estado. La República muere y vuelve el Imperio. Sue es detenido junto con otros diputados de su partido. Corre el peligro de ser deportado, pero con la ayuda de amigos influyentes y, aunque Napoleon III le odia con toda su alma, consigue un permiso para ganar la frontera. Empiezan los años de exilio en Saboya, en Annecy... (ECO, 1970, p.21)

A digressão sobre Sue justifica-se porque, muitas vezes, a situação de crise política e social precipita acontecimentos literários que, em situações de “normalidade”, iriam apresentar-se como de menor relevância.

A crítica de Marx ao texto de Sue aparece nos capítulos V e VIII de *A Sagrada Família*. No capítulo V, o alvo da crítica é Szeliga, o crítico de Sue e sua visão de mundo; no capítulo VIII, o alvo são as propostas e posições de Rudolph (um nobre, justiceiro, que se disfarça em proletário para ter livre acesso ao cotidiano dos pobres em Paris, quem sabe, um alter-ego de Sue), expostas sem a mediação de Szeliga. Trata-se da crítica das posições éticas de Rudolph no seu relacionamento com os menos favorecidos, suas soluções econômicas para a pobreza, como o Banco do Povo e a Fazenda Modelo, seu ponto de vista sobre a condição e emancipação da mulher, suas idéias sobre as bases éticas e morais do sistema penal, até sua relação com Fleur-de-Marie, filha ilegítima que veio a conhecer mais tarde.

A crítica que Marx faz ao romance de Sue é quanto ao seu teor de verdade; Marx desmonta as propostas econômicas expostas em *Os Mistérios de Paris* e mostra como o olhar de Sue falseia a realidade social da época.

Nesse momento, mostra-se necessário abordarmos alguns aspectos do realismo na



literatura, uma vez que esse conceito tem sido interpretado de diferentes modos. Ainda que não se trate propriamente de realismo, lembra Candido que o chamado romance humanitário e social do começo do século XIX é uma resposta da literatura aos efeitos negativos da industrialização sobre as populações trabalhadoras:

Não é preciso recapitular o que todos sabem, mas apenas lembrar que naquele tempo [começo do século XIX] a condição de vida sofreu uma deterioração terrível, que logo alarmou as consciências mais sensíveis e os observadores lúcidos, gerando não apenas livros como o de Engels sobre a condição da classe trabalhadora na Inglaterra, mas uma série de romances que descrevem a nova situação do pobre (CANDIDO, 1995, p.251).

Friedrich Engels (1888), em uma carta (ANEXO C) endereçada à escritora Margaret Harkness, na qual faz uma crítica informal ao seu livro *City Girl (Moça da Cidade)*, coloca a questão da historicidade do conceito de realismo. Engels, delicadamente, diz à Senhorita Harkness que,

em *City Girl*, as figuras operárias são uma massa passiva que não consegue se ajudar, nem faz tentativa alguma para isso. Todas as tentativas para tirá-las de sua miséria letárgica vêm de fora, de cima. O problema é que se isso era uma descrição correta em 1800 ou 1810; nos dias de Saint-Simon e Robert Owen, em 1887, não é mais admissível (tradução nossa).

Candido (1995, p.255) aproxima a literatura social dos românticos à literatura realista, “na qual a crítica assume o cunho de verdadeira investigação orientada da sociedade”, e situa, no Brasil, momentos do Naturalismo e da produção da década de 30 como uma literatura empenhada nos problemas sociais. Nesse decênio, “o homem do povo com todos os seus problemas passou a primeiro plano e os escritores deram grande intensidade ao tratamento literário do pobre” (CANDIDO, 1995, p.255). Candido, sensível ao acirramento das tensões sociais, principalmente com a Depressão, e de suas manifestações na política mundial, explicita essas mudanças refletidas em nossa literatura:

Isso foi devido sobretudo ao fato do romance de tonalidade social ter passado da denúncia retórica, ou da mera descrição, a uma espécie de crítica corrosiva, que podia ser explícita, como em Jorge Amado, ou implícita, como em Graciliano Ramos, mas que em todos eles foi muito eficiente naquele período, contribuindo para incentivar os sentimentos radicais que se generalizaram no país. Foi uma verdadeira onda de desmascaramento social ... (CANDIDO, 1995, p. 255).

Esse desmascaramento social a que Candido se refere, e do qual tomou parte ativa, cor-



responde aproximadamente à primeira metade dos anos 30, e equivale, na União Soviética, à liquidação da oposição de esquerda dentro do partido comunista: foi a implantação da hegemonia de Stalin em todos os aparatos de poder soviéticos. É no cenário de uma Depressão, mundial, porém diversificada em suas manifestações nacionais, que o desempenho soviético, apesar do progressivo fechamento político e das inúmeras arbitrariedades e distorções, chama a atenção e tem a solidariedade de intelectuais e artistas pelo mundo afora, pelo menos até o pacto com a Alemanha em 1939.

É justamente na primeira metade dos anos 30 que as tendências pluralistas nas artes e literatura da URSS são substituídas pela visão utilitária e unificada de uma Arte e Literatura que devem servir à Revolução e à construção do Socialismo.

Bastide (1971, p.130) aponta que os anos 20 e 30 viram “as três grandes tentativas feitas pelo Estado Moderno com o intuito de dirigir a arte e fazer com que ela exprima magnificamente a nação moderna, da mesma forma que exprimia outrora o gênio ardente da cidade”. Bastide comenta a experiência italiana, a intenção de fazer com que a arte cessasse de ser expressão da elite burguesa e a inadequação da produção futurista de Marinetti ao público tradicionalista. O Estado germânico também quis achar uma arte que fosse a sua expressão, uma arte verdadeira cuja fonte seja a alma racial.

Diz Bastide (1971, p.130), que a Rússia soviética pretendeu encampar a arte e fazê-la servir aos fins comunistas do Estado, e lembra a frase de Gorky de que os escritores e artistas nada mais são que “construtores de almas”. Emigrado para a Itália no período mais fecundo da revolução, Gorky retorna para a URSS, em 1928, onde será o primeiro presidente da União dos Escritores Soviéticos, fundada em 1934. Foi Gorky que ajudou a fundar, nessa época, o método literário do realismo socialista.

Candido prossegue relacionando a questão da literatura proletária ao congresso de Escritores:

A partir de 1934 e do famoso Congresso de Escritores de Karkhov, generalizou-se a questão da “Literatura proletária”, que vinha sendo debatida desde a vitória da Revolução Russa, havendo uma espécie de convocação universal em prol da produção socialmente empenhada. Uma das alegações era a necessidade de dar ao povo um tipo de literatura que o interessasse realmente, porque versava os seus problemas específicos de um ângulo progressista (CANDIDO,1995, p.259).

Essa pressão sobre os escritores tem o intuito de forçar definições políticas. Apesar de haver ainda vozes importantes contra a centralização e uniformização das artes e literatura, em 1934 já não havia oposição efetiva a Stalin. É significativo o caso de Nikolai Bukharin (1998) que clama, em um dos encontros do Congresso de 1934, por uma arte humanista, poderosa, rica e variada, que deveria expressar “the entire world of emotions – love, happiness, fear, anguish, anger, and so on to infinity – the entire world of desire and passion”.

No Brasil, os anos 30 também se encerram com fechamentos e repressão para os intelectuais críticos, embora a violência maior seja reservada aos militantes comunistas. O engajamento social dos escritores é bem difundido e reflete-se na crítica literária. Álvaro Lins (1970) aponta essa tendência ainda em 1943: “Documentação social e idéias são hoje, dois motivos de fascinação para os romancistas”, e adverte:

Do perigo de fazer do romance um simples repositório de acontecimentos sociais – é que nos devemos afastar com urgência. Eis uma tendência que muito mal tem feito ao moderno romance brasileiro. Devemos insistir neste fato que ameaça desvirtuar a arte literária (LINS, 1970, p. 44).

Wilson Martins (1978) destaca a moda intelectual do momento, que seria o esquerdismo, em 1945, “o que ia do socialismo para famílias representado pela Esquerda Democrática às ameaçadoras epifanias do Partido Comunista Brasileiro; era, por isso, de rigor a complacência para com Jorge Amado” (p. 226).

Essa “moda”, na verdade iniciada no começo da década de 30, já havia sofrido um corte em 1935. A “intentona comunista” foi usada pelo governo de Vargas para reprimir aqueles que se opunham aos cerceamentos do Estado Novo à liberdade de pensamento. A resistência, resíduos do movimento democrático-libertário da Aliança Nacional Libertadora, sofre mais um baque em 1939 com o pacto Nazi-Soviético. É só depois da invasão da URSS pelos alemães, no verão de 41, da resistência russa que se seguiu, e da entrada dos EUA na guerra, que as oposições ao nazi-fascismo começam a se fortalecer. Com o final do conflito, na primavera de 1945, as esperanças de um mundo socialista se manifestam na sociedade brasileira.

Jorge Amado (1945), no começo desse período de fortalecimento das oposições, avalia a “moderna literatura brasileira” e suas relações com as políticas socialistas, valendo-se de um

pensamento “marxista” muito criticado¹. Amado diz que a “moderna literatura brasileira” resultou diretamente de um fluxo revolucionário que se inicia com o movimento tenentista em 1922, e prossegue dizendo que o movimento literário atual é resultado do interesse do povo pelos problemas do Brasil. Seguindo seu raciocínio, os estudos sobre a moderna literatura brasileira não têm mencionado Luiz Carlos Prestes, que tem grande influência sobre ela, dado que foi a figura máxima do fluxo revolucionário em que estamos, sendo portanto indiscutível sua ligação com a moderna literatura brasileira.

Muito se tem falado nos motivos que resultaram na moderna literatura brasileira, na novelística e na crítica. Inúmeros artigos e ensaios se tem escrito sobre isso e não sei de nenhum que ligue o nome de Luiz Carlos Prestes a esse movimento. No entanto ninguém teve em relação a ele uma importância maior, uma influência mais decisiva. A moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos de sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de movimento iniciados em 22 que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento da revolução democrático-burguesa; 22, 24, 26, 30 e 35 trouxeram o povo à tona, interessaram-nos nos problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual. E como Luiz Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível (AMADO, 1945, p.24, grifo nosso).

Na União Soviética, antes da oficialização do realismo socialista, a qualidade da obra literária foi importante e de certa forma verificável². Depois do fechamento estalinista, nos primeiros anos da década de 30, as condições de verificação pioraram e alguns artistas começaram a participar do próprio processo de falsificação da história do partido bolchevique. No Brasil, a qualidade foi discutida por críticos de diversas tendências. Mario de Andrade tem um posicionamento crítico socialmente engajado, mas não fecha os olhos ao problema estético. Em sua correspondência com Álvaro Lins, livre e descontraída troca de opiniões sobre a literatura, encontramos a colocação de Mário de Andrade (1983, p. 86), frente ao que chama de “literatura de segunda”: “A segunda classe é a maior força de uma literatura, os novos, os medíocres. Os grandes não só se apoiam nela, mas são produzidos por ela e se alimentam dela”.

A questão da qualidade torna-se complexa em épocas de crise, quando outros fatores podem desestruturar conceitos “estabelecidos” de qualidade. Vejamos novamente o exemplo

¹ Ver as críticas a Arnold Hauser feitas por Pierre Francastel (FRANCASTEL, 1967, p.13).

² Verificação realizada por críticos, estudiosos, outros escritores, artistas e público leitor livre para opinar.



de Sue, visto como artista, por Bastide, junto a George Sand, Michelet e Daumier:

Para que fosse possível uma outra revolução como a de 1848, foi necessário que a exaltação do povo estivesse sobrecarregada, que a arte tivesse retomado seu papel de criadora de movimento político, amoldando as consciências para a ação, o que efetivamente vai acontecer com os romances de George Sand e Eugène Sue, com a história de Michelet e as caricaturas de Daumier (BASTIDE, 1971, p.190, grifo nosso).

Raymond Williams (1979, p. 200) mostra uma posição diferente: “o simples acréscimo de opiniões e frases políticas, ou comentários morais não-relacionados, do tipo que Marx encontrou em Eugène Sue, entre ‘o pior lixo da literatura socialista’ (*A Sagrada Família*, 1845, citado MEL, 119)”.

Finalmente, Candido (1995, p. 253), conciliatório, fala de Sue como escritor de segunda ordem mas extremamente significativo de um momento histórico.

A tentativa de controle da produção intelectual não é privilégio de um poder político hegemônico, sendo efetuada mesmo por pequenos grupos. Para exemplificar, citamos a entrevista de Rachel de Queiroz para Wellington Farias, em 1991. A escritora conta um episódio de tentativa de censura ao seu segundo romance, feita por dirigentes locais do partido comunista, na época em que era militante, no Ceará (entre 1931 e 1932):

... quem não era operário, era sempre suspeito de infidelidade, de pequeno burguês, pequenos desvios. Logo cedo me cansei disso. Eles quiseram censurar o meu livro *João Miguel*, aí eu não concordei. Estava desgostosa e me afastei, definitivamente.

Em outra situação, na ebulição dos primeiros anos da década de 60, Fausto Cunha faz referência a dois poetas [Carlos Pena Filho e Mauro Mota] que não se deixam atrelar por grupos de esquerda, mas que estão fazendo “a melhor poesia social ou popular que se faz no Brasil neste momento [seu texto é de 1964] , ou se fez de alguns anos a esta data, [a qual] não se abriga nos ‘violões’ e nas ‘cartilhas’”.

Mas, é claro, os homens da “Cultura Popular” dirão que Mauro Mota e Carlos Pena não servem para poetas populares ou sociais. Poetas muito bons são indomáveis. Drummond, por exemplo. Maiacóvski (CUNHA, 1964, p.21).

Abordamos o fato que o engajamento social e político do artista pode não se manifestar sempre em sua obra. A certas posições, como a de P. Abraham (BASTIDE, 1971, p.183),



para quem a opinião do artista é irrelevante, podemos contrapor outras, mais flexíveis, como a colocação de Marcos Siscar (1997) a propósito de acusação feita a Manoel de Barros de escrever poesia alienada. Sua resposta: “não sou alheio a nada. O que escrevo, resulta ... de meus envolvimento com a vida”, é assim comentada:

Até segunda ordem, o engajamento (tal como se entende a palavra, com sua conotação política) pode não fazer parte da vida que o poeta reconhece como sendo a sua. Porém, ao tratar dela perante uma coletividade, ao responder à questão que a coletividade (representada na sua voz do entrevistador) coloca, enquanto comentador da própria obra, a questão passa a fazer parte da sua existência, pelo menos pública (SISCAR, 1997, p. 2).

1.2. Tradução: cruzamento de perspectivas teóricas

“Translational success or failure is interactional, intersubjective, rather than the ontological property of a text” (ROBINSON, *The Translator's Turn*, p. 136)

Uma tradução nunca é boa ou má; ela nunca é, essencialmente, um sucesso ou um fracasso. Robinson argumenta que a avaliação de uma tradução pode variar no tempo e no espaço, e seu argumento vai se somar a outros que ajudaram a transformar nossa noção de que *Luta Incerta* seria uma tradução de baixa qualidade e que portanto não deveria ser usada como objeto desta pesquisa. Entendemos que a tradução poderia ter sido considerada boa por uma quantidade expressiva de leitores na época de sua edição, e que isso deveria ser verificado.

Descartamos a noção de que deveríamos usar mais de uma tradução do mesmo TP para garantir objetividade na pesquisa, principalmente porque a direção que seguimos foi mais histórica que estrutural. Isso não impediu que usássemos uma edição posterior de *Luta Incerta*, traduzida por Pinheiro de Lemos, cujo uso nos permitiu compreender problemas da tradução de Nonnenberg, que ficariam obscuros sem esse recurso.

Uma citação de Vermeer, por Snell-Hornby³, indica a particularidade de cada tradução, sempre constituída em uma nova situação e em diferentes condições lingüísticas, culturais e funcionais, o que afirma a inevitabilidade da idiosincrasia do TT, e talvez a inutilidade da comparação de vários textos como caminho para uma pretendida objetividade:

³ *Linguistic Transcoding or Cultural Transfer? A Critique of Translation Theory in Germany* (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p.82).

Vermeer describes his concept of translation as follows:

Translation is not the transcoding of words or sentences from one language to another, but a complex form of action, whereby someone provides information on a text (some language material) in a new situation and under changed functional, cultural and linguistic conditions, preserving formal aspects as closely as possible (grifo nosso).

But the dominating feature of Vermeer's approach is the function of the target text, which may well differ from the original function of the source text (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 82, grifo nosso).

Snell-Hornby arremata a citação de Vermeer sublinhando o interesse deste na função do TC, que pode ser diferente da função original do TP. Esse conceito de tradução de Vermeer abriu-nos novas perspectivas, indicando que determinadas ocorrências que presumíamos constituírem falhas poderiam decorrer, na verdade, de uma função do TC simplesmente diferente da função do TP.

As necessidades do nosso texto de uma teoria que considerasse as condições de produção da tradução encontraram na Escola de Poética e Semiótica de Tel Aviv um instrumento adequado. Rachel Weissbrod (1998), descreve os pontos mais importantes do trabalho de Itamar Even-Zohar (1970-1977), que desenvolve, sobre bases formalistas e estruturalistas, o estudo da literatura como um sistema, uma rede de relações entre fenômenos concretos (textos, autores, editores) e fenômenos abstratos (status dentro do sistema, métodos publicitários e de vendas, modelos textuais), produziu noções que levaram a um interesse particular na tradução. Essas noções são:

- 1 - A literatura se desenvolve enquanto em contato com outras literaturas.
- 2 - A literatura traduzida é uma parte do polissistema literário. Ela pode ser posicionada no centro do polissistema, em sua periferia, ou em qualquer um de seus sistemas, e pode ser distribuída entre vários sistemas. Pode ser um bastião de conservadorismo ou um canal para inovação.

A partir dessas noções foram lançadas as bases para uma teoria da tradução cuja singularidade em relação a outros paradigmas era sua orientação para a cultura alvo. Seu foco eram os próprios textos traduzidos, sua posição e papel dentro da cultura alvo, e suas relações com textos originais dessa cultura.

Luta Incerta de Nonnenberg tem a particularidade de ser uma tradução engajada e isso implica em algum tipo de compromisso ideológico do tradutor com o TP. Então, se por um

lado o TT não reproduziu, não transportou o TP em certas instâncias, em outras ele reproduziu e transportou o TP.

Fazemos algumas observações sobre o problema que colocamos acima, a partir de uma leitura do trecho de Derrida (*Des Tours de Babel*), epígrafe de Rosemary Arrojo em – *A que são fiéis tradutores e críticos de tradução? Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne*, em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*:

the original lives on and transforms itself. The translation will truly be a moment in the growth of the original, which will complete itself in enlarging itself. [...] And if the original calls for a complement, it is because at the origin it was not there without fault, full, complete, total, identical to itself. From the origin of the original to be translated there is fall and exile (ARROJO, 1993, p.15, grifo nosso).

Substituindo “original” por *In Dubious Battle* (1936) e “tradução” por *Luta Incerta* (1944), o que Derrida expõe – “the original lives on and transforms itself” – é aplicável à ação (efeito) da crítica (que também pode ser chamada de leitura) de Benson e Loftis, de 1980 – *John Steinbeck and Farm Labor Unionization: The Background of In Dubious Battle*. Após essa crítica historicista, que coloca, desenvolve, pesquisa e produz a questão das narrativas históricas relacionadas com o romance de Steinbeck, é impossível deixar de ver o original ampliado (“enlarged”). A relação⁴ de *In Dubious Battle* com *Luta Incerta* de 1944 (ou *Luta Incerta* de 1974), é um processo no tempo imbricado no status da tradução brasileira, da cultura brasileira, frente à cultura de partida, no caso a norte-americana⁵. São diferentes as intenções políticas dessas duas traduções; enquanto Nonnenberg assina um trabalho claramente comprometido com a esquerda, assim comenta Pinheiro de Lemos sua tradução:

... posso lhe adiantar que a tradução foi minha, não de meu pai, feita por volta de 1974. Traduzi nessa ocasião vários livros do Steinbeck. *In Dubious Battle*, o título em inglês, é fascinante.

[...]

O livro do Steinbeck que eu mais gostei de traduzir foi *East of Eden* (*A Leste do Éden*). Sem a necessidade de defender posições sociais, como acontece em *As Vinhas da Ira* e *Luta Incerta*, ou seja, sem ser sufocado pela tirania ideológica, Steinbeck escreveu um romance de reminiscências que é excepcional. O

⁴ Ou posto de outro modo, a influência das traduções sobre a recepção continuada do TP.

⁵ Sobre nossa proposta de artigo para *Steinbeck Newsletter*, diz a Dra. Susan Shillinglaw (Center for Steinbeck Studies, San Jose State University): “...fascinating that Steinbeck’s novel would be made more political, more radical through language--that would be great”. Parece real a possibilidade da pesquisa sobre a tradução de Nonnenberg vir a influenciar a recepção de *In Dubious Battle* (comunicação pessoal).

problema da tirania ideológica é terrível. Muitos grandes escritores do século XX vão desaparecer porque foram escravos da tirania ideológica. O próprio Sartre, quem foi o ídolo de duas ou três gerações, vai aos poucos sendo relegado para uma posição secundária por isso. Com isso, fica sacrificado um dos mais importantes livros do século XX, que é *O Diabo e o Bom Deus* (correspondência pessoal).

Propomos um olhar sobre “fidelidade” que admite alguma “transferência” mas não faz dela um critério de avaliação da tradução. Não temos necessidade, para trabalhar o nosso objeto de estudo, da proteção, transferência “protetora”, transporte dos significados do TP para o TC, que caracterizam a tradução tradicional. No entanto, certa “transferência” é necessária, pois, sem certa “fidelidade” ao TP, *Luta Incerta* seria inaceitável em 1944, sendo isso uma questão histórica que já foi resolvida na época da publicação; ao analisarmos o TT hoje e pesquisarmos sua recepção, estaremos somente verificando como ela foi resolvida.

Mas que tipo de “fidelidade” seria essa? Uma “fidelidade” política. Se a tradução de Nonnenberg é uma contribuição para a discussão das idéias e práticas socialistas no Brasil do Estado Novo, isso acontece como consequência da sua “fidelidade” às políticas socialistas da época. Isso se manifesta no texto, mas não implica “fidelidade” ao TP. De que outra maneira *Luta Incerta* vai ser fiel, e a que vai ser fiel? Uma parte da estrutura de superfície de *In Dubious Battle*, que nos interessa (porque imaginamos que interessasse ao público leitor da Flama na época) e que constitui seu caráter histórico-político, tem que ser “transferida” do TP para o TC. Vão interessar-nos os relatos de como os acontecimentos se processaram no texto ficcional mas, certamente, não todos, e não estamos preocupados se há, ou não, “acuidade histórica” (como dizem Benson e Loftis, 1980) em todos os eventos ficcionais, porque se trata de ficção, e o problema da ficção, relativamente à história, é diferente do problema da não-ficção.

Queremos dizer que o cerne político da narrativa permanece, apesar de o TT ser bastante modificado, em relação ao que seria de se esperar de uma tradução mais recente, como verdadeiramente aconteceu com a tradução de Pinheiro de Lemos trinta anos mais tarde. O fato de a tradução de Nonnenberg carregar nas tintas aqui, ou atenuar ali, não modifica o básico, que é: uma situação em que trabalhadores enfrentam patrões, em um determinado espaço e tempo. Um pomar continua um pomar, embora dificilmente o leitor brasileiro não viajado, naquela época, pudesse imaginar um enorme pomar de maçãs, semi-industrializado, com maquinário, e com “operários agrícolas” que se locomovem em carros velhos, mas próprios. O pomar

poderia ser, no TT, uma plantação de frutas brasileiras, sem que isso alterasse fundamentalmente o que chamamos de cerne da história.

Em relação a esse “transporte”, não importa que tudo seja transportado: todas as descrições, narrações, diálogos. A tradução não será melhor ou pior por isso. A tradução é portadora de diferentes propostas, e uma delas é, com certeza, dentro do panorama político-ideológico desses anos de 1943-1944, constituir-se em leitura para proletários, estudantes e intelectuais interessados na idéia de transformar o Brasil em uma sociedade socialista ou, pelo menos, mais justa. Em suma: uma literatura de formação política.

1.3. Tradução engajada

Maria Tymoczko, em sua comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Tradutores, em Belo Horizonte, em julho 2001, (“Translation, History, Politics, Censorship”) explicita que: “... *though we may be particularly interested in the ideology and politics of translation, we must face the fact that translation is not always primarily political in motivation – in fact translation is probably rarely primarily a political issue*” (TYMOCZKO, 2001, grifo nosso).

Achamos instigante a posição mas, como a comunicação que tínhamos em mão era esquemática, apesar de apresentar outras questões de grande relevância sobre a relação entre arte e sociedade, pedimos esclarecimento via e-mail à autora, que nos remeteu ao seu artigo do ano de 2000 na revista *The Translator* – “Translation and Political Engagement”. O subtítulo do artigo é *Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts*; no resumo, a autora refere-se à relação entre tradução e engajamento político, construto não distante do tema de nossa dissertação: tradução literária engajada. Tymoczko escreve que a possibilidade de se usar a tradução para uma agenda geopolítica e engajamento político estimulou interesse substancial na década passada nos Estudos de Tradução e em outras disciplinas.

Tymoczko trabalha o conceito de tradução engajada como aquela que verdadeiramente participa em movimentos sociais, que é efetiva ao promover mudança política e social, e adiciona o ponto de vista de Robinson que mede a eficiência política da tradução através de sua “*ability to reach mass audiences*” (2000, p.26). Em nosso caso, não temos elementos, até

agora, que permitam inserir a tradução engajada de Nonnenberg em um movimento social, algo equivalente à tradução de literatura irlandesa para o inglês no século passado (TYMOCZKO, 1999).

Outro aspecto da tradução de literatura engajada pode ser observado no artigo de Lefevere (BASSNETT; LEFEVERE, 1998, p. 109) sobre traduções de Brecht. Logo nas primeiras linhas de seu artigo, faz uma colocação interessante, uma coincidência parcial de ponto de vista com o artigo de Mário de Andrade⁶(1945) sobre traduções:

Writers and their work are translated differently when they are considered "classics", when their work is recognised as "cultural capital", and when they are not. Writers become classics, and their work becomes cultural capital not only on their/its own merits, but also because they are rewritten (LEFEVERE, 1998, p.109).

Em seu artigo *Traduções*, Mário de Andrade (1945) faz clara a sua preocupação com a melhoria de nível da tradução brasileira como um todo, e não voltada somente para uma elite:

Que houve melhora eu reconheço que houve, mas não foi o nível da tradução que subiu, foi uma bancada, ponhamos, uma bancada da direita que [...] com muito melhor aparelhagem e sensibilidade, se atirou às traduções de Cervantes, de Chaucer ou de Rabelais. Será um bem?

Eu proponho que se considere isso um mal. [...] As obras que a população leitora do Brasil continua gostando, são ainda os *best-sellers*, os romances policiais, os romances ... saídos dos filmes. Mas tudo isso é apressadamente traduzido numa linguagem que não é [...] linguagem popular, não é língua literária, não é brasileiro, não é português, não é nada, na maioria enorme dessas traduções.

Lefevere faz no artigo um estudo sobre diferentes reescritas de *Mütter Courage*, de Brecht, para o inglês, incluindo três traduções: H. R. Hays em 1941, Eric Bentley em 1967 e Ralph Manheim em 1972. Lefevere diz: "*Brecht was relatively unknown in Britain and the US in 1941*" (1998, p.109), e um pouco mais adiante: "*Hay's translation contain howlers that are unforgivable in any translation of any text*" (1998, p.110), e logo depois: "*Hays did not know German all that well, certainly not well enough to catch the slangy and dialect-coloured elements of the language Brecht uses in Mother Courage*" (1998, p.110). Acredito que esses dados se completam com mais esta última citação: "*The 1941 Mother Courage was not published in book form, but in New Directions' semi-annual anthology of avant garde literature that bears the same name. Since the play was both anti-Nazi and avant garde,*

⁶ Ver ANEXO E



nothing much could go wrong" (1998, p.110). Parece que a história subjacente é que o público pretendido, a forma de publicação e o conteúdo se alinharam, dentro do esquema editorial norte-americano, no sentido de "pedir" um tradutor menor, ou com menos conhecimento específico para o tipo de original em questão.

Voltando ao *Acculturating Bertolt Brecht*, temos outro aspecto das traduções de *Mütter Courage* para o inglês: seu viés político. Relata Lefevere que:

It should come as no surprise that anything smacking of Marxism, or even remotely of the 'class struggle' vanishes from both Hays' and Bentley's translations. Hays consistently plays down the aggressive pacifism of the original, omitting whole speeches like the bitterly ironic: 'Wie alles Gute ist auch der Krieg am Anfang schwer zu machen. Wenn er dann erst floriert, ist er auch zäh: dann schrecken die Leute zurück vorm Frieden wie die Würfler vorm Aufhören, weil dann müssens zahlen, was sie verloren haben. Aber zuerst schrecken sie zurück vorm Krieg. Er ist ihnen was Neues' [Like all good things, war is not easy in the beginning. But once it gets going, it's hard to get rid of; people become afraid of peace like dice throwers who don't want to stop, because they have to pay up when they do. But they are afraid of war in the beginning. It's new to them] (LEFEVERE, 1998, p.120).

Lefevere refere-se ainda a outra omissão de caráter político:

Hays also weakens the obvious connection between war and commerce in the person of Mother Courage by omitting lines Brecht gives her, such as: 'Und jetzt fahren wir weiter, es ist nicht alle Tage Krieg, ich muss tummeln' [and now let's drive on; there isn't a war on every day. I have to get cracking] (LEFEVERE, 1998, p.120).

O comentário a seguir, de Lefevere (1998, p.120), tem especial interesse para nosso trabalho: "não surpreende que qualquer referência /conexão/ com marxismo ou, mesmo remotamente, à luta de classes, desaparece das traduções de Hays e Bentley". A tradução de Hays é de 1941⁷ (possivelmente antes de Pearl Harbor, época em que, apesar de uma gradual recuperação, a força de trabalho norte-americana ainda se ressentia da Depressão), mesmo ano em que Brecht chega aos Estados Unidos, onde permanece até 1947.

Temos situações de tradução diferentes entre si mas que implicam uma direção comum: a passagem de um texto engajado para um público leitor ideologicamente dividido, em uma conjuntura política de crise. Tudo, no entanto, é diferente; a crise no Estado Novo de 1944 é diversa da crise da "democracia" norte-americana de 1941, embora ambas estejam no espaço

histórico da Segunda Guerra; a repressão e a censura à subversão de esquerda no Brasil diferem da repulsa aos ideais socialistas nos Estados Unidos, embora, em nosso exemplo, *Luta Incerta* pudesse ter sido dirigido, sem subterfúgios, a um público interessado e o mesmo não parece ter acontecido com *Mother Courage*.

Reproduzimos os comentários de Lefevere à tradução de Bentley (1967) em duas instâncias: uma em que sua tradução atenua o militarismo sarcástico de uma fala, e em uma segunda em que “*certain war-connected words and phrases are put into a nobler register in translation*” (LEFEVERE, 1998, p.120). Percebemos, portanto, casos de tradução política, em Hays, de 1941, e Bentley, de 1967, que se utilizaram de omissões e modulações (ou adaptações), para traduzir literatura engajada (socialista) de uma maneira engajada (conservadora). A tradução de Manheim, de 1972, por outro lado, “*who translates later and in a more Brecht-friendly climate, takes the opposite approach and makes the pacifism more explicit*” (LEFEVERE, 1998, p.120), apesar de mais distanciada no tempo da tradução de Nonnenberg, é a que mais se aproxima, ideologicamente, do tipo de tradução engajada que estudamos.

Talvez seja possível reformular o postulado de Tymoczko (2001) de que é provável que a tradução raramente seja fundamentalmente uma questão política. Pode ser que a tradução engajada, de tendência socialista ou conservadora, ainda não tenha sido o suficientemente pesquisada, e que, portanto, muitas surpresas ainda nos estejam reservadas.

⁷ Não sabemos qual o mês da publicação, se antes ou depois da ofensiva alemã na URSS.

Capítulo 2 – Contextos: Estados Unidos e Brasil

2.1. *In Dubious Battle*: relações entre narrativa histórica e narrativa literária

Em 1980, Benson & Loftis inauguram uma linha historicista na crítica sobre a literatura social de Steinbeck, o estudo mais sério até então publicado, que incluiu pesquisa e produção da história local recente (década de 30). A investigação sobre o movimento sindical no campo permitiu hipóteses sobre o texto de Steinbeck que se mostraram frutíferas. O rastreamento dos modelos da vida real utilizados por Steinbeck levou os autores a períodos e eventos determinados, como a “Peach Strike” (greve do pêssego) “*on the Tagus Ranch in Tulare County*” de agosto de 1933 e a “Cotton Strike” (greve do algodão), em seis comarcas do San Joaquin Valley, de outubro do mesmo ano. Essas greves ocorreram nos vales do sul do Estado da Califórnia, entre a Cadeia Costeira (Coastal Range) e a Sierra Nevada.

A pergunta inicial da crítica de Benson e de Loftis, “*how historically accurate is the novel?*”, refere-se à eventual correspondência da estrutura de superfície do romance de Steinbeck com eventos históricos mapeados por esses críticos. O que essa pergunta demanda do texto literário de Steinbeck? Uma leitura historicamente correta de greves de trabalhadores rurais na Califórnia nos anos de 33-34? A proposta de Benson e Loftis será precisamente estabelecer o relacionamento possível entre os dados implícitos (camuflados, ficcionalizados) no texto de *In Dubious Battle*, e os dados coletados pelos pesquisadores em livros, jornais, e depoimentos de pessoas que participaram de alguma maneira dos acontecimentos.

Enquanto *In Dubious Battle* foi somente mais uma leitura daqueles acontecimentos, pôde-se, no entanto, verificar que, mesmo não sendo em muitos aspectos correta sob um ponto de vista histórico, foi recebida pelo público e parte da crítica como uma narrativa fortemente ancorada em fatos reais.

O texto de ficção cria um mundo fictício autônomo que pode apresentar co-incidências

com o mundo real. A similaridade ocorre quando algumas das proposições expressas pelo discurso ficcional recebem um valor de verdade positivo no mundo ficcional e, também, no mundo real. Em romances históricos, muitas das proposições expressas pelo discurso ficcional são verdadeiras na realidade, mas isso não transforma o texto em uma mistura de ficção e não-ficção. O mundo de referência primário é o mundo ficcional ... (RYAN, 1997, p. 167). Apesar de que o mundo real possa funcionar como um referente secundário, o compromisso de verdade do narrador é com o mundo ficcional; portanto, com base em Ryan (1997), pode ver-se a proposta de Steinbeck em *In Dubious Battle* como ficção, mas não como ficção histórica. Ele não persegue, antes de escrever *In Dubious Battle*, o realismo, tão discutido em seus dias. Em carta para Carl Wilhelmson (9/8/1933), confidencia: “*I don’t think you will like my late work. It leaves realism farther and farther behind. I never had much ability for nor faith nor belief in realism. It is just a form of fantasy as nearly as I could figure*” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 87). Em sua correspondência com Edith Wagner (23/11/1933), escreve: “*The cult of so called realism is a recent one, and anyone who doesn’t conform is looked on with suspicion*” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 89). Seu envolvimento latente com a realidade social e política da Califórnia, vai transmutar-se em literatura a partir dos depoimentos que colhe com os participantes das greves do pêssego e do algodão na primavera de 1934.

A pergunta de Benson e Loftis em 1980 é sobre o grau de realismo do romance de Steinbeck e isso tem razão de ser levando-se em conta o clima intelectual da época em que a pesquisa se inicia, o começo dos anos 70, ainda refletindo a contestação ao sistema do final dos anos 60. O romance de Steinbeck foi alinhado à chamada literatura proletária, proposta nos Estados Unidos como prova de engajamento político de escritores. Em uma sociedade dividida, como a América da Depressão, era difícil separar literatura proletária, atrelada ao pensamento estalinista, de outra literatura engajada ou simplesmente preocupada com problemas sociais. Até mesmo livros mais recentes não exploram o assunto objetivamente. Link (1968), por exemplo, divide “os chamados escritores proletários – marxistas, comunistas e outros – que utilizaram a novelística como propaganda ...” em “politicamente devotos” e “deviacionistas”. Explica que os “deviacionistas usaram temas proletários, mas não cederam a integridade artística aos comissários da *Union Square*”. Link identifica Steinbeck como escritor proletário deviacionista, assim como Dos Passos e Farrell (LINK, 1968, p. 469).

Para compreender essas questões sobre realismo na literatura e a crescente preocupação



de Steinbeck em encontrar uma explicação teórica própria para a evidente irracionalidade e violência espalhadas pelo mundo “civilizado”, vamos esboçar o contexto pessoal e social em que surge a escrita de *In Dubious Battle*. No ano de 1933, John Steinbeck convive com a tensão provocada pela doença de sua mãe, mas consegue, mesmo assim, produzir *The Red Pony* e sintetizar suas preocupações filosóficas, anotadas nos últimos três anos. No começo do outono é seu pai que se ressentiu, e gradualmente perde a vitalidade. Steinbeck começa a escrever *Tortilla Flat*.

A Depressão, em seu quarto ano, espalha a insegurança: greves gerais, marchas, desordens, ações dos “vigilantes”. Os maiores problemas localizavam-se nas áreas portuárias, e nos campos e nas fábricas de enlatar frutas. A agitação na agroindústria do estado chamou a atenção de Steinbeck (BENSON; LOFTIS, 1980, p. 198).

Talvez os regimes fascistas estivessem sido lidos como realistas, na medida que funcionavam, ao passo que o capitalismo “democrático”, não. “What this country needs is a Mussolini”, frase proferida em 1933 pelo senador republicano da Pensilvânia David A. Reed, não foi uma voz isolada¹.

As factories shut down, rail and truck loadings declined, wholesale and retail inventories dropped, and firms began not only reducing pay scales and laying off workmen but also dropping salesmen, clerks, accountants, and minor executives. Between 1929 and 1933, major industries dispensed with the services of about one-third of their salaried employees [...] By 1932, nearly one man in four was out of work (CAUGHEY; MAY, 1965, p.529).

Outro efeito devastador da Grande Depressão foi a rápida tomada do poder, por vias legais, do partido nacional-socialista na Alemanha. Em maio de 1928 tinham os nazistas 12 lugares no Parlamento; em setembro de 1930 tinham 107; em julho de 1932 tinham 230; em novembro de 1932 tinham 196; e em março de 1933, já com Hitler como Chanceler, conseguiram 288 lugares. Esses números servem somente para dar uma idéia do salto quantitativo que ocorre depois de 1929.

Trotsky, exilado na Turquia, em artigo escrito para uma revista alemã, em agosto de 1932, observa a mobilização da classe média contra os trabalhadores e pressente uma guerra civil que não aconteceu:

¹ *The Nation* em maio de 1933. Disponível em: <http://www.larouchepub.com/impeach_ridge/ridge_6.html>. Acesso em: 30 jan. 2002.



Turning away from the old parties, or awakening to political life for the first time, the motley masses of the petty bourgeoisie have rallied around the swastika. For the first time in their entire history, the middle classes – the artisans, the shopkeepers, the "liberal professions", the clerks, functionaries, and peasants – all these strata divided by tradition and interests have united in a crusade, a stranger, more fantastic, more discordant one than the peasant crusades of the Middle Ages (TROTSKY, The German Puzzle, Die Weltbuehne, ago. 1932).

A proximidade do militarismo, da intolerância racial e social, da irracionalidade na política, são notas de um mundo exterior. Na casa de seus pais, em Salinas, além de cuidar de sua mãe, Steinbeck se força a trabalhar; o desabafo é endereçado ao amigo Carl Wilhelmson, em agosto de 1933:

I see every half hour all day, true age, true decay that is age. A human body that was all dead except for a tiny flickering light that comes on and then seems to go out and then flickers on again. Our life has been uprooted of course, but that doesn't matter if I can find my escape in work (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 88).

A angustiada percepção do mundo econômico e político e a observação do desenvolvimento da enfermidade de sua mãe reúnem peças espalhadas, notas esparsas escritas em diferentes ocasiões e recuperam idéias científicas de leituras sobre biologia marinha. Qualquer que tenha sido o caminho, a verdade é que a necessidade de sistematizar a "tese"², a idéia da "falange", vai sendo expressa em cartas para George Albee e Carlton Sheffield no ano de 1933:

It is quite easy for the group, acting under stimuli to viciousness, to eliminate the kindly natures of its units. When acting as a group, men do not partake of their ordinary natures at all. The group can change its nature. It can alter the birth rate, diminish the number of its units, control states of mind, after appearance, physically and spiritually. All the notations I have made begin to point to an end – That the group is an individual as bounded, as diagnosable, as dependent on its units and as independent of its units' individual natures, as the human unit, or man, is dependent on his cells and yet is independent of them (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p.75).

² A teoria da falange, ou a tese, de Steinbeck, pretende explicar a ameaçadora irracionalidade dos grandes grupos humanos. A base biológica da tese pressupõe a crença de que o grupo é distinto dos indivíduos que o compõe, da mesma forma que os indivíduos são distintos das suas células. O grupo torna-se uma entidade separada com motivações, desejos e objetivos próprios que não coincidem com os dos indivíduos.

¹ Veja também Flávio Fernandes, *Elementos de Sociologia Teórica: As comunidades animais*, p. 26.

Atento aos acontecimentos no mundo, relaciona-os à sua “tese”: “Russia is giving us a nice example of human units who are trying with a curious nostalgia to get away from their individuality and reestablish the group unit the race remembers and wishes” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p.76). Na mesma carta, Steinbeck refere-se à Alemanha: “Think of the impulse which has suddenly made Germany overlook the natures of its individuals and become what it has. Hitler didn’t do it. He merely speaks about it” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p.77).

Steinbeck mantém distância da discussão sobre o Marxismo; não participa da política local e despreza a chamada “literatura proletária”; mas o que é sua “tese” senão a explicitação de seu envolvimento ideológico?

Eagleton (1997), na conclusão de seu livro *Ideologia: uma Introdução*, diz que:

O termo ideologia tem um amplo espectro de significados históricos, do sentido intratavelmente amplo de determinação social do pensamento até a idéia suspeitosamente limitada de disposição de falsas idéias no interesse direto de uma classe dominante.

[...] A visão racionalista de ideologias como sistemas de crença conscientes, bem articulados, é claramente inadequada: deixa escapar as dimensões afetivas, inconscientes, míticas ou simbólicas da ideologia, a maneira como ela constitui as relações vividas, aparentemente espontâneas do sujeito com uma estrutura de poder e provê a cor invisível da própria vida cotidiana (EAGLETON, 1997, p.193, grifo nosso).

A *tese* é a alternativa (ideológica) de Steinbeck à visão marxista, daquela época, da sociedade, na qual a luta de classes tinha um papel fundamental; ela também fornece uma visão da vida social que inclui as massas mas exclui as classes. Discutida com seus amigos Ed Ricketts e Dick Albee, a tese apóia-se em trabalhos teóricos de biólogos como W. C. Allee (*Animal Aggregations*, 1931)³ e de filósofos como John Elov Boodin (*A Realistic Universe*, 1916 e *Cosmic Evolution*, 1925). Enquanto Allee, biólogo, faz uma ponte entre as associações de organismos primitivos e as organizações sociais desenvolvidas (FERNANDES, 1970, p. 23), Boodin, filósofo, propõe que a junção de mentes individuais constituem um todo com características próprias (BENSON, 1984, p.268). Benson faz um apanhado, no qual demonstra a dificuldade que ainda hoje existe em compreender politicamente os anos 30:

In recalling the background for the “Argument of Phalanx”, Albee has also

³ Veja também Florestan Fernandes, *Elementos de Sociologia Teórica, As comunidades animais*, p. 39.

noted the importance of the fact that the early thirties was a time when mass movements were much discussed. Capitalism as rugged individualism was seen by many as having failed, and some form of socialism was thought to be almost inevitable. Many watched and discussed the progress of the Soviet Union and thought of it as a possible model, and at the same time, of course, Hitler was leading another mass socialist movement in Germany. Here, strikes, veterans' marches, protest rallies, and other mass demonstrations were commonplace news (BENSON, 1984, p.269, grifo nosso).

O interesse de Steinbeck pelos acontecimentos na Alemanha é acentuado pelo lado afetivo; o avô paterno é originário de Dusseldorf.

Em 1934, o pai de Steinbeck mora parte do ano em *Pacific Grove* (casa de veraneio da família) com John e Carol, mas volta a viver em Salinas com um casal de amigos. Esse ano traz a publicação de dois contos: *The Murder*, em abril, que foi agraciado com o prêmio O. Henry, e *The Raid*, em outubro, seu primeiro trabalho a abordar a questão político-social. No começo da primavera, Steinbeck tem vários encontros com dois homens que estavam escondidos em uma cidade próxima, Seaside. Eles tinham participado de greves de trabalhadores rurais, como organizadores e, por isso, estavam sendo procurados pela polícia. Steinbeck imediatamente se interessou pela história e colheu seus depoimentos; no outono, começa a escrever *In Dubious Battle*.

A oportunidade de usar *In Dubious Battle* para veicular suas idéias sobre o homem-grupo foi consequência de uma imposição de sua agente literária. Inicialmente, após colher os depoimentos, sua intenção era de um relato mais realista, histórico. Em carta para George Albee, prestes a terminar o manuscrito de *In Dubious Battle*, Steinbeck escreve:

You remember I had an idea that I was going to write the autobiography of a Communist. Then Miss McIntosh suggested that I reduce it to fiction. There lay the trouble. I had planned to write a journalistic account of a strike. But as I thought of it as fiction the thing got bigger and bigger. It couldn't be that. I've been living with this thing for some time now. I don't know how much I've got over, but I have used a small strike in an orchard valley as a symbol of man's eternal, bitter warfare with himself (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 98).

In Dubious Battle implicou mudança de rumo, da não-ficção para a ficção, como proposto por sua agente literária, e abarca tanto um encontro pessoal com a realidade das greves rurais na Califórnia, através das entrevistas que o autor teve com Mc Kiddy e Carl Williams, como a ficcionalização da realidade, transportada para o nível mais alto da indagação filosó-

fica. Steinbeck continua, na mesma carta: *"The book is brutal. I wanted to be merely a recording consciousness, judging nothing, simply putting down the thing."* Essa suposta neutralidade vai ser questionada por French (STEINBECK, 1992, p. viii). Mais ainda, o autor distorce os fatos da greve com o propósito de tornar a história aceitável para seu público. Etnias foram "omitidas" das colheitas e das greves e o autor ignora a questão racial. Como dizem Benson e Loftis (1980, p. 210) em seu artigo: *"Steinbeck choose to ignore the race question entirely. Although three-quarters of the workers in both the Peach and Cotton Strikes were Mexican, all of the workers in In Dubious Battle are white"*.

O rastreamento dos modelos na vida real para os personagens Mac e Jim, feito por Benson e Loftis, fez-se por meio da literatura especializada (história sindical e dos movimentos sociais na Califórnia) e entrevistas com Carol Steinbeck⁴ e amigos de Steinbeck nos anos de 1932 a 1935.

Mc Kiddy, um dos informantes de Steinbeck, possivelmente sabia muito da greve do algodão, pois nela ocupara uma posição central, graças ao aproveitamento de suas habilidades pelo sindicato:

McKiddy was a likable, twenty-four-year-old Okie [...] When the Cotton Strike of 1933 broke out, McKiddy volunteered to help the union. The leaders discovered that he could type and had some ability as a cartoonist, so they made him Secretary-Treasury of the C.&A.W.I.U. [sindicato dos trabalhadores rurais] local in Tulare.

[...] much of McKiddy's information was about the strike leader Pat Chambers. (BENSON; LOFTIS, 1980, p.200).

Mac e Jim, personagens principais de *In Dubious Battle* têm muito dos organizadores da *Cotton Strike*, de 1933, Pat Chambers e Caroline Decker, (ele, um ex-operário de construção, com 31 anos na época da greve e ela, sindicalista, com 21 anos e alguma experiência com os sindicatos dos mineiros do Kentucky), embora Benson acredite que outros militantes e líderes grevistas, como Shorty Alston⁵ e Jim Harkins⁶ também tivessem sido usados como modelos na construção de Mac e Jim.

A pesquisa de Benson e Loftis registra entrevistas com Carol Brown (Steinbeck) e com

⁴ Conhecida, na época da entrevista, após divórcio de Steinbeck, como Mrs. William Brown.

⁵ Liderança de trabalhadores rurais, experiência com os Wobblies nas florestas do noroeste do estado, participou de várias greves, entre 1933 e 1936, em Salinas, Imperial Valley e no Arizona.

⁶ Agricultor de Salinas, depois líder grevista no Imperial Valley em 1934 e na greve da cultura de alface em Salinas, 1936.

Pat Chambers em 1974. Benson entrevista Whitaker⁷ em 1976 e Harkins em 1977.

De posse de depoimentos de pessoas que viveram as greves e que passaram por dificuldades, Benson e Loftis reagem negativamente a distorções na ficção, tais como o caráter e as atitudes dos protagonistas do romance, em flagrante oposição aos líderes grevistas na vida real:

To consider this novel realistic in the sense of "true to life" would be a mistake; to think of it as some kind of historical record does a disservice to those who led the strikes with courage and compassion and those who participated in a spirit of mutual support and brotherhood (BENSON; LOFTIS, 1980, p. 222).

Benson e Loftis se ressentem do repúdio, na ficção, aos organizadores comunistas da greve:

Steinbeck's organizers live in the same kind of poverty, face many practical difficulties and some danger with the same ingenuity and courage, and also tend to be one step ahead of the growers in their planning. Yet, they are rather unpleasant characters: Mac is coldly calculating and manipulative of other people, and Jim is a young fanatic.

[...] Both Chambers and Decker were much more caring, much more concerned about the workers and their needs on an immediate and practical basis (BENSON; LOFTIS, 1980, p. 208, grifo nosso).

Se a construção dos personagens não chegou a humanizá-los, a fazer deles verdadeiras *personas*, quais seriam os fatores humanizadores nesse romance? Talvez o “desmascaramento”: as greves na Califórnia não são feitas por ordem e com “ouro” de Moscou. A greve surge, no romance, espontaneamente, e isso é apontado como mais um desvio da greve real. Baseada nas entrevistas com Chambers e Decker, a crítica explícita que o estoque de alimentos, feito na hora certa, era essencial dado que a primeira medida dos patrões era usualmente o corte dos suprimentos, controlados por eles por meio de seus próprios empórios: “We had it set up so that one morning everyone was suddenly on strike before the grower knew what was happening [...] The careful advance preparation here is at variance with the situation in the novel in which the strike is set off by accident” (BENSON; LOFTIS, 1980, p. 205).

Não teria sido o intuito dessa distorção estruturar na ficção uma sequência de acontecimentos construídos de modo a reduzir ao mínimo a possível rejeição por parte de seu público

⁷ Escultor em metal e ativista político, membro do John Reed Club.

leitor? O fator humanizador poderia ser a empatia com a greve, mediada por uma visão “de dentro”, transmitida por um intelectual crítico, não-fanático, abrindo espaço para uma discussão filosófica sobre as possibilidades do socialismo comunista ali e naquela hora.

Antes de revisar algumas resenhas e críticas recebidas na época da publicação do original em inglês, cabe a constatação de Warren French de que Steinbeck se surpreendera com as vendas de *In Dubious Battle*:

Steinbeck was surprised that this novel, which he had thought most readers would find objectionably grim and controversial, reached the best-sellers lists. It also received suprisingly few hostile reviews from critics on either the political right or left (STEINBECK, 1992, p. xi).

Das críticas negativas, certamente a que mais incomodou Steinbeck foi a escrita por Mary McCarthy, jovem intelectual, segundo Benson, parecida com Harry Black⁸ e com os sabe-tudo do partido, como um de Los Angeles que enviou a Pat Chambers um manual de como dirigir greves, descartado por este por estar “cheio de besteiras” (BENSON, 1984, p. 324). A crítica de McCarthy foi publicada no jornal *The Nation*, com o título “Minority Report”, onde diz que *In Dubious Battle* é um trabalho: “academic, wooden, inert [...] He [Steinbeck] may be a natural story-teller; but he is certainly no philosopher, sociologist, or strike technician” (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 122, grifo nosso).

Seguindo a linha realista da época, também na crítica, ela desvaloriza o autor pelo que ele não tem de filósofo, sociólogo ou técnico organizador de greves.

Citada por Benson e Loftis (1980), a resenha escrita em 1936 por Walter Ralston para *New Masses* é um interessante fragmento de texto que mostra o crítico como intelectual engajado, porém com limitado conhecimento de greves, ou, pelo menos, de líderes grevistas em carne e osso. Faltava-lhe a informação do aqui e agora das greves rurais na Califórnia entre 1933 e 1934:

Although the strategy of class struggle and strike organization is the chief topic of conversation in In Dubious Battle, the novel at no time becomes a disembodied course in the principles of Communism; the strike is not staged on a blackboard. This is a “straight” story, even a thriller(p.222, grifo nosso).

⁸ Editor da Covici-Friede que recusou o manuscrito de Steinbeck por ocasião de uma viagem de negócios feita por Covici. Black alegou que Steinbeck não sabia do que estava falando e que o livro não era verosímil.

Simkins (1997) retoma as críticas da época mostrando como até Steffens, intelectual de esquerda, informado e residente na Califórnia, aceita os desvios da estrutura de superfície de *In Dubious Battle* em relação à realidade social: “... Both critically and commercially successful, *In Dubious Battle*, in the words of Lincoln Steffens, was a ‘stunning, straight, correct narrative about things as they happen’” (SIMKINS, 1997, grifo nosso).

Enquanto Smith, do *New York Herald-Tribune*, (apud Simkins, 1997) critica a construção do personagem Mac, Raston, do *New Masses*, em 1936, (BENSON; LOFTIS, 1984, p.222) admite a construção como plausível, o que não deixa de ser irônico quando comparamos as linhas políticas desses meios de comunicação:

Opinion of In Dubious Battle varied among Marxist critics. Bernard Smith, writing for the New York Herald-Tribune, said that the character Mac says “things for which he could be expelled in disgrace from his party twenty times over. Specifically, this man displays a recklessness and a cold-blooded manipulation of violence which are romantic fictions of the author’s imagination.” However, in the New Masses, Walter Raston defended Steinbeck’s portrayal of Mac and Jim, the communist organizers.

(Disponível em: <<http://ocean.st.usm.edu/~wsimkins/rep.html>>. Acesso em: 2 out. 2001, grifo nosso)

A construção dos personagens Mac e Jim não foi posta em dúvida nem por Ralston nem por Stephens, assim como não questionaram a ausência do componente étnico de origem mexicana, que é marcante na Califórnia, e isso pode nos levar à pergunta sobre o grau de envolvimento prático, *in situ*, de boa parte dos intelectuais do partido comunista americano.

Steinbeck constrói comunistas fanáticos, pragmáticos, sem compaixão; exclui mexicanos e filipinos do corpo de grevistas; alega que a greve foi espontânea, enquanto, na verdade, foi planejada. Estes e outros desvios da “realidade” foram artifícios usados pela ficção com o intuito de construir um mundo possível, assimilável por seu público. Eles funcionaram. A história de *In Dubious Battle*, finalmente, foi lida como realista como consequência do não-realismo de algumas de suas partes:

*...most readers responded to the ‘surface story’, trusting the tale rather than the teller. It is indeed this surface story that is the source of the novel’s power, although the nature of this story has often been overlooked by those who agree with James Woodress’s view that *In Dubious Battle* is “perhaps the best strike novel ever written” (STEINBECK, 1992, p. xx).*

2.2. O contexto de *Luta Incerta*.

A obra de Steinbeck a partir de 1936, seu envolvimento nas questões sociais da Califórnia, os artigos que escreveu sobre os migrantes, a publicação de *As Vinhas da Ira* e a exibição do filme de John Ford, em 1940, são fatores que contribuíram para a construção de uma imagem militante, engajada, do autor na mídia brasileira. A escolha de uma obra de menor público, para primeiro lançamento da editora Flama em 1944, estava apoiada em uma imagem já consolidada do autor. Depois da decisão de escolher *Luta Incerta*, traduzida por Gustavo Nonnenberg, como *corpus* de estudo – até então provisoriamente, pois continuávamos a procurar uma edição mais moderna – começamos o trabalho mais sistemático de verificar as condições em que foi produzida esta tradução.

A pesquisadora e tradutora Lia Wyler (1998) apresenta um panorama da tradução no Brasil, no qual defende a posição de que a tradução, durante o primeiro período Vargas (1930-1945), teve condições favoráveis para se desenvolver, devido à gradual transição para a sociedade industrial a partir de 1930, o golpe de 1937, com o conseqüente acirramento da censura aos meios de comunicação, e a Segunda Guerra Mundial, que forçou a redução da importação de livros traduzidos e impressos no exterior.

Esse período de quinze anos, a primeira e ininterrupta fase de Getúlio Vargas no poder, corresponde a dois períodos da maior importância praticamente em todo o mundo: a Grande Depressão norte-americana (início 1929) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Estado Novo (1937-1945), a concepção brasileira de estados autoritários, como na Alemanha e na Itália, situaram-se, quase que inteiramente, no período da Segunda Guerra. O nosso interesse está mais dirigido para 1944, pois a tradução de Nonnenberg é impressa em julho desse ano, embora nossa pesquisa regreda no tempo pelo menos até 1939, data da prisão de Hermínio Sacchetta, diretor literário da editora Flama. Apesar de não ser uma editora comprometida com o Partido Comunista Brasileiro, a Flama tinha uma clara orientação socialista, mesmo que sem uma proposta editorial sectária.

Em 1941 a situação dos comunistas brasileiros, com Prestes, seu maior líder popular na cadeia desde 1936, é de clandestinidade e de retração, mas as mudanças no cenário da guerra mundial se fizeram sentir aqui. O rompimento do pacto germano-soviético de 1939 com a invasão da URSS pelas tropas alemãs, em junho de 1941, leva comunistas e muitos intelectuais

à resistência ao nazismo. Os efeitos na produção literária são comentados por Wilson Martins:

Nesse mesmo ano, Valdemar de Vasconcelos escreveu e pôde publicar *Rússia*, "ensaios sobre a aventura espiritual de uma nação", primeiro volume do que seria a imensa biblioteca pró-soviética dos anos seguintes, conduzindo à legalização do Partido Comunista quatro anos mais tarde (MARTINS, 1978, p. 173).

É o começo de um período de imensas expectativas. No final desse mesmo ano, a entrada dos Estados Unidos na guerra, após Pearl Harbor, envolve as Américas na guerra. Para o governo brasileiro, atrelado a um intenso comércio com a Alemanha, configura-se um delicado cenário no qual a opção de rompimento com o nazismo o privaria do espaço de manobra política, amplamente aproveitado por Vargas nos últimos anos.

Se a invasão da URSS repercutiu com mais força em socialistas e comunistas, foi com o afundamento de navios mercantes brasileiros, no ano seguinte, que as grandes massas populares foram mobilizadas contra o Eixo. A convocação de efetivos e reservistas militares foi complementada com as campanhas que envolviam a população civil, escolares, homens e mulheres. Colaboração era também fundamental para que o *blackout* na orla marítima, proteção contra eventuais ataques aéreos, funcionasse. A inevitável redução do transporte marítimo provocou problemas no abastecimento de muitos produtos que passaram a ser racionados (SILVA, 1972, p. 381).

Em 31 de agosto de 1942, o Governo baixa o Decreto 10.358 declarando o Estado de Guerra em todo o território nacional. Os ataques a navios mercantes e da marinha de guerra brasileira continuam no ano de 1943, mas é só em 7 de julho de 1944 que o navio "General Mann" deixa o porto do Rio de Janeiro levando para a Itália o 1º Escalão de Embarque da FEB - Força Expedicionária Brasileira.

A declaração⁹ publicada no número 11 da revista *Clima*, julho/agosto 1942 é um texto que evidencia o engajamento político de grande parte dos intelectuais em São Paulo, e que tem a preocupação didática de indicar as relações entre diversos movimentos, personalidades e atitudes da época que manifestam um denominador ideológico comum: o fascismo (CALIL; MACHADO, 1986, p. 72).

⁹ Ver ANEXO C



As consequências políticas da entrada na guerra não se fizeram esperar: a participação das nossas Forças Armadas na luta contra ditaduras fascistas deu alento aos opositores do Estado Novo. No ano de 1942 terminaria, segundo os termos da Constituição, o mandato de Getúlio Vargas, entrando a questão da institucionalização política do regime criado com o golpe de Estado de 1937 na pauta das oposições a Vargas (WEFFORT, 1973, p. 72).

O controle das oposições, a repressão política, os inúmeros mecanismos disponíveis ao poder para assegurar sua sobrevivência têm na polícia política um braço forte e organizado. No curso de nossa pesquisa fizemos uma visita ao Arquivo do Estado de São Paulo, onde nos inteiramos da possibilidade de acessar dados do Departamento de Ordem Política e Social - DEOPS. Reproduzimos um histórico do DEOPS, texto do próprio Arquivo¹⁰:

Pela lei número 2.034, de 30 de dezembro de 1924, criou-se, no interior do então Gabinete de Investigações e Capturas do Estado de São Paulo, a "Delegacia de Ordem Política e Social", regulamentada pelos decretos n.º 4.405 - A, de 17 de abril de 1928, e número 4.715, de 23 de abril de 1930, com a finalidade de manter sob controle as ações dos cidadãos em geral, mas especialmente dos chamados "agitadores operários".

Ora como "delegacia", ora como "superintendência", algumas vezes subordinada ao Gabinete de Investigações, outras à Chefia de Polícia e por vezes até diretamente ao Gabinete da Secretaria de Segurança Pública, o órgão sofreu numerosas mutações. Em 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a Delegacia de Ordem Política e Social, então subordinada à Chefia de Polícia, intensificou suas atividades.

No mesmo ano, mereceu igual atenção a aplicação das leis de economia popular, vigentes a partir da Constituição do Estado Novo, assim como a vigilância sobre as greves, declaradas "recurso ilegal, anti-social, nocivo ao trabalho e ao capital, incompatível com os interesses da população nacional". A partir deste momento, o órgão sofisticou-se e cresceu em importância, em razão dos novos rumos tomados pela "polícia política e social" do país. Prova disso é a enorme quantidade de material produzido até 1945 (término da Segunda Guerra Mundial), resultado da rigorosa vigilância sobre os estrangeiros residentes ou em trânsito no país.

A censura, portanto, não foi criação do Estado Novo. A pesquisadora M. L. Tucci Carneiro (1997, p. 24) mostra que a polícia política, que vinha se estruturando desde 1924, teve continuidade no governo de Vargas, antes mesmo da intentona: "Em 1930, consolidada a revolução dita liberal, aguardava-se nos meios revolucionários a extinção da censura. Acreditava-se que a liberdade de expressão fazia parte do projeto maior de Getúlio Vargas. Triste ilusão!". Carneiro mostra como, a partir de 1933, o Ministério da Justiça impunha as regras

¹⁰ Disponível em: < http://www.arquivoestado.sp.gov.br/vermais_deops.htm >. Acesso em: jan. 2002



de controle social, e como a Constituição de 1934 absorveu as restrições anteriores. A pretexto do levante comunista de 1935 foram decretados estado de sítio, e a censura à imprensa, esta admitida constitucionalmente depois de 1937 e oficializada no DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939.

Cícero e Laura Sandroni, respectivamente genro e filha do jornalista Austregésilo de Athayde, mostram que, pela força ou pela coação econômica, o Estado Novo controlava os proprietários de jornais, mas também ressaltam a resistência de Orlando Dantas, no comando do *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro:

Quando o governo corta suas cotas de importação de papel de imprensa, Orlando protesta e consegue o apoio dos proprietários dos jornais do Rio contra o “inconveniente, injusto e abusivo ato do Departamento Oficial de Propaganda, à sombra do prestígio do governo” (SANDRONI, 1998, p. 366).

Basbaum, historiador, escritor e membro do Partido Comunista do Brasil, nascido no Recife em 1902, tendo vivido e atuado politicamente durante o Estado Novo, comenta o DIP de Vargas em seu livro *História sincera da República*:

Não podiam ser publicadas notícias de greves ou prisões senão em notas previamente redigidas pelo próprio DIP. Até mesmo simples informações de caráter policial sobre crimes comuns eram censuradas.

Também telegramas estrangeiros eram controlados. Havia uma guerra na Espanha e os jornais somente publicavam notícias favoráveis a Franco. Quando, em 1939, rebentou a guerra na Europa e a Alemanha invadiu a Polônia, o DIP se engalanou com notícias a favor dos invasores e do eixo Roma-Berlim-Tóquio.

Somente quando em 1942, por força de certas circunstâncias, o Brasil teve de se unir aos aliados e declarar guerra à Alemanha e Itália, foram essas notícias, muito a contra-gosto, liberadas (BASBAUM, 1976, p. 113).

Hermínio Sacchetta, trabalhando nas “Folhas”¹¹ nos anos da guerra, dá detalhes da censura governamental aos jornais em uma entrevista ao repórter Noé Gertel (1979). Fizemos um recorte dos dados¹² sobre a ação do DIP no ano de 1943:

Janeiro de 1943: Nenhuma fotografia da Rússia. – Reiteração da ordem de proibição de fotografias da guerra da Rússia. – Não notificar a passagem pelo Brasil, de autoridades norte-americanas (o presidente Franklin Delano

¹¹ *Folha da Manhã e Folha da Noite*.

¹² Texto integral da entrevista de Sacchetta na *Folha de São Paulo* de 10/01/79, cedido pelo professor Doutor Álvaro Hattner. Disponível em: <http://www.uol.com.br/foalhaalmanaqueleitura_15fev01.shtml>. Acesso em: 12 jan 2002.

Roosevelt e sua comitiva que se encontravam em Natal com Vargas para negociar a questão das bases estratégicas).

Em fevereiro: Toda a propaganda da Editorial Calvino deve ser submetida à censura.

Em março: Nada sobre um navio norte-americano afundado nas costas da Bahia. - O ministro João Alberto recomenda que, até ulterior deliberação, nada pode ser divulgado a respeito das extorsões a súditos do Eixo. - Nada sobre o reatamento de relações entre Brasil e Rússia. - Nada sobre a rede de espionagem nazista no Brasil.

Em abril: Proibida nota da UNE dirigida ao ministro da Educação. - Proibidas quaisquer alusões ao regime brasileiro anterior a 10 de novembro de 1937, sem prejuízo de referências à democracia, pois o regime atual é também uma democracia (a afirmação é conjuntural: o regime de Vargas jamais se proclamou democrata, mas as conveniências do momento, com a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados forçava a adequação à nova posição brasileira). - Não pode ser noticiada a morte de um operário no restaurante do SAPS, quando almoçava.

Em maio: Nenhuma nota sobre a censura postal. - As fotografias da Rússia: podem ser publicadas as que foram submetidas à censura. As legendas devem conter apenas as palavras: Rússia ou russos. - Nada sobre uma grana-da que explodiu na Vila Militar, matando um tenente e vários soldados. - Nada contra a Espanha. - Proibida qualquer notícia sobre o reatamento de relações entre Brasil e Rússia.

Em junho: Nas notícias e comentários sobre a Espanha, nenhum ataque pessoal ou direto ao general Franco. - Proibida a divulgação de um telefonema noticiando a morte da Sra. Leocádia Prestes (mãe de Luís Carlos Prestes) - Não noticiar a passagem da Sra. Chiang Kai-chec por Natal.

Em junho: Nada sobre diligências em torno da quinta coluna e da espionagem, além da nota oficial. - Nenhuma notícia sobre uma greve de estudantes em São Paulo.

Em agosto: Proibida a divulgação das aspirações das classes trabalhistas de Porto Alegre, enviadas ao chefe do governo. - Proibida a reprodução do artigo do Sr. Macedo Soares sobre o problema da produção leiteira. - Nada sobre o informe de Leningrado.-

Em setembro: Nenhum anúncio de "Diretrizes" (revista carioca fundada e dirigida por Samuel Wainer e animada por intelectuais antifascistas. Fechada pela DIP em 1944). - Suspensos os anúncios sobre os livros *Rússia e o Cristianismo*, do Deão de Canterbury, editado pela Calvino. - Nenhum anúncio ou polêmica em torno do livro *Stalin*.

Em outubro: Não podem ser publicados boatos ou telegramas sobre as negociações de paz entre a Alemanha e os aliados. - Não pode ser dada nenhuma notícia a respeito de choques entre a polícia e bicheiros da Penha. - Em caráter definitivo não pode ser dado nada sobre a sociedade Amigos da América, nem mesmo expressões parecidas ou relacionadas com esta (o regime de Vargas já dava sinais de divisão interna. Vargas se achava em conflito com alguns de seus antigos colaboradores, entre os quais Osvaldo Aranha. A Sociedade Amigos da América convidara Aranha para presidir-la).

Em novembro: Nenhum telegrama do governo do Piauí, referente à falta de

viveres. – Nada sobre as dívidas externas.

Em dezembro: Nenhuma notícia sobre a posse do presidente Vargas na Academia Brasileira de letras. – Nada assinado por Oswald de Andrade.

Em 1940 o Brasil ainda não tinha declarado guerra ao Eixo; vivíamos a incerteza do resultado militar, éramos parceiros comerciais da Alemanha, suportávamos uma ditadura violenta contra seus oponentes. Naquelas condições de desinformação não podemos estranhar textos como este, de Álvaro Lins, escrito em maio de 1940, época em que, após invadir a Dinamarca e a Noruega, a Alemanha inicia a *blitzkrieg* contra a Holanda, a Bélgica e a França:

Não sei se Mussolini e Hitler serão (confiemos que não serão) considerados heróicos mais tarde – heróicos no sentido de um César, de um Lincoln, de um Napoleão. Mas aos seus atos espetaculares e aos seus gestos desmedidos não faltam aqueles elementos de surpresa e de fantasia que fazem a sedução dos leitores de biografias (LINS, 1970, p. 81).

No ano seguinte, 1941, depois da invasão e ocupação da França e dos ataques aéreos às cidades inglesas, quando a guerra se alastra e polariza as opiniões no mundo, estamos ainda sob uma ditadura que simpatiza com o fascismo. Qual a posição dos intelectuais brasileiros? Segundo Wilson Martins (1978), o Estado Novo criou um clima de enorme expansão cultural apesar de ser encarado com desconfiança e hostilidade por numerosos intelectuais:

Assim, apareceram no mesmo ano de 1941, como órgãos mantidos pelo governo, dois periódicos em que colaboraram sem constrangimento os nomes mais eminentes e prestigiosos: *Cultura Política*, sob a direção de Almir de Andrade, e, dirigido por Múcio Leão, *Autores e Livros*, o famoso suplemento literário do jornal *A Manhã* (Rio de Janeiro) (MARTINS, 1978, p. 180, grifo nosso).

Qual o significado dessa colaboração de intelectuais? Pécaut (1990), em seu livro *Os intelectuais e a política no Brasil* faz uma análise mais matizada sobre a participação de intelectuais nos projetos culturais do Estado Novo:

A abertura em direção aos intelectuais não ficou sem resposta. Exceto com os “comunistas”, as pontes não foram cortadas. É verdade que na revista *Cultura Política* encontram-se as assinaturas de Francisco Campos, Azevedo Amaral, Lourival Fontes, mas também a de Gilberto Freyre ...

Contam-se ainda entre os colaboradores Vieira Pinto e Graciliano Ramos, que nela descreveu principalmente os modos de vida do Nordeste; Nelson Werneck Sodré, oficial graduado e futuro teórico do Partido Comunista ... (PÉCAUT, 1990, p. 70).

Jorge Amado (1986), mais radical, concebe no engajamento social o valor da literatura

dos anos 30, e descarta o que não fosse voltado para o povo, para as realidades cotidianas, como o “modernismo”:

A implantação do Estado Novo em 1937 traz o suborno como arma política. A compra de uma literatura. Os escritores mais nobres silenciam, impedidos de falar. Outros se vendem. Outros ainda se limitam, abaixam a voz numa última tentativa de dizer alguma coisa (AMADO, 1986, p. 17).

A questão da relação do intelectual com o governo, no Brasil, é, em última análise, um problema de classe social. Diz Florestan Fernandes sobre o intelectual dos anos 30:

Gozava no meio brasileiro de uma independência e de uma liberdade muito grandes. Essa liberdade, entendida sociologicamente, estava relacionada com o fato de que o intelectual no Brasil sempre fez parte dos setores dominantes e de suas elites. Mesmo quando ele era divergente, como era o caso de Mário de Andrade ou Oswald de Andrade, não escapava a essa vinculação estrutural. A liberdade de divergência existia ou era tolerada porque ele era parte da elite, não se esperando dele, por conseguinte, que se convertesse em “fator de conflito contra a ordem” (PÉCAUT, 1990, p. 91).

A cuidadosa análise que Schwartzman (1984) faz da figura política de Gustavo Capanema mostra as características das elites brasileiras no Estado Novo. Um aspecto do intelectual brasileiro, abordado por Almir de Andrade, sua maleabilidade, é retomado quando do rompimento de relações com o Eixo, que iria provocar um realinhamento estratégico, militar, político e ideológico na administração do país:

Esta mudança deveria ser feita, no entanto, sem substituir as pessoas que detinham o poder e que haviam criado toda a sua máquina administrativa. Era necessário, pois, que as próprias pessoas se transformassem e se adaptassem aos novos tempos (SCHWARTZMAN, 1984, p. 255, grifo nosso).

O contexto político e social da publicação de *Luta Incerta* apresenta-se como uma guinada do Brasil rumo a uma sociedade mais livre. No período que vai dos primeiros afundamentos de nossos navios por submarinos alemães e italianos, até a chegada dos primeiros contingentes brasileiros na Itália, a guerra se define. É um período breve, de pouco mais de dois anos, mas que coloca em cheque o regime estado-novista. O regime de Vargas começava a perder a solidez; e sua polícia, o poder que tivera. O Manifesto dos Mineiros, em 1943, exigia que se pusesse em execução o que estabelecia o artigo 187 da Carta de 1937: a consulta à nação para se saber se essa Constituição seria definitiva ou não. Era a crise do Estado Novo (COSTA, 1968, p. 139).

Dentro desse turbilhão interno propiciado pela guerra em sua fase final, estranhos reflexos despontam no aparelho repressivo do Estado. Um dos nomes a se destacar no Estado de São Paulo é o de Alfredo Issa Assaly, que exerceu a função de Secretário de Estado da Segurança Pública entre 13/11/1943 e 12/10/1944. Temos notícia de sua iniciativa na esfera cultural por intermédio de um artigo não assinado na Revista da Academia Paulista de Letras de dezembro de 1944, que constará como ANEXO B.

A proposta de criar bibliotecas para o proletariado é coerente com a tendência, na sociedade da época, a fim de fortalecer a rede de bibliotecas do país. Criavam-se bibliotecas de toda espécie. O delegado Issa, no seu afã de tornar a polícia do estado mais eficiente, propõe diversas reformas: de aparelhamento, material e pessoal, utilizando métodos modernos. O Dr. Issa tem um plano de ação com o qual vai procurar resolver, com harmonia e humanidade, os problemas sociais do proletariado. A melhoria do nível cultural do operário será feita por intermédio da instalação de bibliotecas em todos os locais de trabalho. No processo de concretizar esse objetivo foi realizada uma reunião em que compareceram industriais paulistas e o delegado Eduardo Tavares do Carmo. Verificou-se que algumas fábricas já possuíam bibliotecas, as quais serão reformadas e inscritas no Instituto Nacional do Livro, o que implica recebimento gratuito de novos volumes. Muitos industriais se comprometeram a dar meia hora diária para que seus operários se dediquem a leitura.

Essa iniciativa não destoa de outros aparentes radicalismos que podem ser observados nesse ano de 1944. Mesmo uma apressada pesquisa na hemeroteca da Secretaria de Cultura de S. J. do Rio Preto revela Jorge Amado ter sido articulista da *Folha de Rio Preto*. Seus artigos, as vezes com a referência “Press Parga”, normalmente na primeira página, datam de 26/8/44: *Paris*; 29/8/44: *Os traidores em fuga*; 7/9/44: *A Covardia*; e 17/9/44: *A festa de Paris*. Outro autor socialista, Ilya Ehrenburg, contribui para a *Folha de Rio Preto* com o artigo *Porque lutam os Tchecoslovacos*, em 12/9/44. Uma consulta “relâmpago” a jornais microfilmados no Arquivo do Estado de São Paulo mostra artigo de 1/8 de página, no *Correio Paulistano*, com o título “Literatura para Operários”, citando o “exemplo de Steinbeck” (21 de jan. de 1944). Afinal, antes do desembarque na Normandia, é a máquina militar soviética que polariza as atenções e emoções de todos que ativamente se opõe ao nazi-fascismo.

A concreta restrição à importação de livros, causada pelos afundamentos de 1942¹³, não

¹³ O bloqueio naval inglês, de 1941 até o final da Guerra, cortou o suprimento de livros oriundos dos territórios



durou muito e, consta que “esse comércio logo se recuperou e em 1944 atingiu seu ponto mais alto desde 1930” (HALLEWELL, 1985, p. 406). A censura, no entanto, só seria relaxada nos primeiros meses de 1945. As dificuldades com a aquisição de papel continuavam a existir, tanto para livros de autores nacionais como para livros traduzidos. Não temos dúvida que o debate sobre traduções, nessa época, era mais um dos componentes da discussão dos novos rumos do Brasil, um país que se deseja democrático, em busca da afirmação de sua identidade em um contexto que incorpora as grandes massas à nacionalidade. Como diz Venuti em *The Scandals of Translation*, em momentos históricos decisivos, enquanto regimes coloniais em crise perdiam o poder, povos oprimidos puderam escolher seu destino, e aí valorizaram a tradução com a finalidade de afirmar sua identidade cultural:

As a result, translation projects have been promoted by leading intellectuals and academic institutions. And publishing industries, whether established or fledgling, whether private or government-owned, have made significant investments in translation (VENUTI, 1998 p.187).

O conjunto de condições que contribuíram para o surgimento de uma “idade de ouro” da tradução no Brasil na década de 30 (MILTON, 2002, p. 138), que se estendeu pela primeira metade da década seguinte, não foram, certamente, iguais na Itália fascista. Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998) referem-se a uma indústria da tradução que a censura fascista contribuiu para criar naquele país. Uma razão importante para que escritores prestigiados traduzissem na Itália de Mussolini é igual no Brasil estado-novista: necessidade econômica decorrente da demissão de cargos públicos por suspeita ideológica (SCHWARTZMAN, 1984, p. 256).

Como já informados pelo texto de Wyler (2001) e por Paes (1990), havia uma coluna semanal de crítica às traduções. Aventamos a hipótese de que havia um debate público sobre traduções na segunda metade dos anos 40. A partir de uma pesquisa, conseguimos reunir textos críticos referentes a traduções, publicados na *Revista da Academia Paulista de Letras*¹⁴.

O artigo a seguir passa a impressão de que o cerco em torno dos tradutores dos grandes centros editoriais no Brasil estava apertado. *Vingança Legítima*, a respeito de uma tradução

ocupados pelos nazistas e, assim, os livros franceses, uma vez que a França foi ocupada em 1940, tornavam-se cada vez mais raros (MILTON, 2002, p. 33).

¹⁴ Os artigos que se seguem, da *Revista da Academia Paulista de Letras*, não são assinados.



norte-americana de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o crítico (desconhecido) prepara nosso espírito para uma tradução mal feita, suposta retaliação norte-americana ao nosso modo de traduzir:

Conhecemos a ligeireza, a inconsciência [sic], com que a maioria dos tradutores brasileiros deturpam os textos mais singelos de romancesinhos vulgares e reduzem a cassange¹⁵ (sic) os originais que lhes caem nas unhas.

E aí está. Sabemos quanto prezamos aquele monumento da nossa literatura, os tradutores estrangeiros atiram-se sobre ele, cheios de desejos de represália e vingança. A que andraxes (sic) terá ficado reduzida a soberba prosa euclidiana? Paciência. Trata-se do exercício de um direito legítimo (*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 junho de 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.150).

Da indignação, descontentamento, com a situação da tradução e com os tradutores, passamos à colocação, no artigo a seguir, de pontos de vista teóricos que imaginamos estejam perto das *belles infidelles*. O artigo *Traduções* também investe contra a qualidade das traduções que encontramos nas livrarias: “são traduções baratas, fervilhantes de erros vernáculos e sobretudo confirmadoras do famoso aforismo romano – traduttore, traditore”, e procura as causas desse fenômeno nas editoras, que, segundo o autor, procuram no tradutor, como primeira qualidade, o conhecimento da língua da cultura de partida, enquanto que a primeira qualidade deveria ser o conhecimento do idioma da cultura de chegada. O crítico exemplifica com as traduções do teatro de Goethe e do Fausto, por Castilho, que não sabia o alemão. Outro exemplo que cita é o de Machado de Assis com suas traduções de poesia oriental feita a partir de uma interpretação inglesa.

Atualmente, a idéia de que o conhecimento da língua da cultura de partida seja desnecessário é muito discutível. Por outro lado, saber que essa hipótese era aventada na discussão sobre tradução ajuda a compreensão do problema. A fim de ampliar o assunto, lembramos dos comentários de Paes sobre o conhecimento, por parte do tradutor, da língua de partida, quando comenta uma observação de Paulo Rónai. “Em diversos países há ótimas versões de Shakespeare devidas a poetas que não falavam uma palavra sequer de inglês e executaram a tarefa com sangue, suor e lágrimas, e consulta constante aos dicionários e léxicos, alcançando resultados notáveis” (PAES, 1990, p.58).

¹⁵ Encontramos, no livro de José Paulo Paes, o termo / cassange / com outra grafia / caçanje /. Imaginamos que se trate da mesma palavra. Vejamos o exemplo na p. 60: “Eis como, brincando de falar “cafajeste” ou “caçanje”, Bandeira modernizou o descabelamento de Macedo...”

O próximo artigo da *Revista da Academia Paulista de Letras* faz menção, logo no início, ao crescente número de obras traduzidas nos últimos anos. Nomeia tradutores considerados de primeira linha e valoriza o diálogo com os editores. Em seguida, propõe que os tradutores atenham-se a traduzir obras cujo conteúdo dominem:

A tradução exige, acima de tudo, conhecimento do assunto da obra que se há de traduzir. Deste modo, só filósofos poderão traduzir filosofia, só poetas poderão traduzir poesias, só filólogos poderão traduzir filologia, etc. Sem exceção. Salvo milagre... ou falta de probidade intelectual (*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 jun. 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.150).

Este artigo foi publicado pelo jornal carioca *A Manhã* e faz referência a uma nota recente, publicada em seu suplemento *Autores e Livros*, que fortaleceu o cerco aos “maus tradutores” pela crítica literária. Ressalta o autor que a:

tradução nunca é de “vocábulos”, mas de “frases”. E em toda obra de língua estrangeira está presente o “genius” de um povo e um estilo próprio de um homem. A tradução não pode ser uma simples “troca” de palavras, - “o pé da letra”. A verdadeira tradução é uma dupla “conversão”, - de um “genius” lingüístico em outro e de um “estilo” pessoal em outro, sem prejuízo fundamental do conteúdo significativo da obra traduzida (*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 junho de 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.150).

O artigo seguinte ecoa um anteriormente escrito no *Correio da Manhã*, reclamando da quantidade de traduções de baixa qualidade no mercado livreiro e arrisca uma estatística das traduções e até mesmo da cultura de partida dominante. O autor, neste artigo, confirma a noção de que os tradutores devem somente traduzir se dominarem os assuntos específicos dos seus “originais” e lança dúvida sobre a autoria de certas traduções, insinuando que literatos de renome emprestam seu nome a tradutores menores: “Pertencem, realmente, aos literatos brasileiros de projeção nacional as ‘traduções’ que aqui se publicam sob a responsabilidade dos seus nomes ilustres?” (*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 junho de 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.150).

A propósito desta questão vamos recorrer a informações atuais que tem semelhança a estas mais distantes no tempo. O tradutor Alfredo Pinheiro de Lemos conta que:

Mas me lembro de um problema que durante trinta ou quarenta anos aconteceu no Brasil. Os editores encomendavam as traduções a um jornalista (de preferência), e depois pagavam a um escritor famoso para dar seu nome ao

livro. Não vou citar casos, porque não posso ter certeza. Mas aconteceu comigo, no início da carreira. Uns quatro ou cinco livros que eu traduzi (dois, se não me engano, de Harold Robbins) saíram como tradução de Nelson Rodrigues, que nunca soube uma palavra de inglês (comunicação pessoal).

O questionamento, no artigo anterior, sobre a qualidade da tradução abrange a própria prática do tradutor:

Quantas páginas é possível traduzir-se por dia: vinte, trinta, quarenta? Parece que não. Um romance norte-americano, de quatrocentas ou quinhentas páginas no original, não pode ser traduzido em menos de dois meses de trabalho diário e absorvente. Tão absorvente que não deixa ao tradutor horas vagas para outro trabalho intelectual qualquer (*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 junho de 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.150).

O depoimento atual de Pinheiro de Lemos confirma alguns dados:

Como traduzo para ganhar dinheiro, e o tradutor é remunerado por lauda (na média, 30 linhas de 70 batidas), você tem que traduzir um número mínimo de laudas por dia. Naquele tempo, minha média era de 30 laudas por dia. Era e continuo a ser um recordista. Como tenho facilidade para a redação em português, porque sempre escrevi, como jornalista e publicitário, não chega a ser tão terrível (comunicação pessoal).

Em seu artigo “Um modo de traduzir brasileiro?”, Wyler (2000) analisa a tradução feita no Brasil em dois períodos separados por menos de um século: o primeiro entre 1843 e 1871, e o segundo entre 1930 e 1947.

Em ambos a tradução desempenhou papel relevante na formação de uma identidade divergente da portuguesa proposta pela colonização. De cada um deles conhece-se pelo menos uma importante fonte de crítica de traduções: Machado de Assis, autor teatral e parecerista do Conservatório Dramático Brasileiro, e Agenor Soares de Moura, tradutor e autor de uma coluna de crítica de traduções publicada no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (WYLER, 2000).

A hipótese proposta por Wyler é de que, a cada época, coexistiriam em um país consumidor de traduções vários modos individuais de traduzir que, por seus pontos comuns, poderiam formar o que chamaríamos de “modo de traduzir nacional de uma época”. A pesquisadora, após análise preliminar da crítica às traduções nesses períodos, ressalta o fato de que nos dois períodos examinados, separados por cem anos e por condições políticas, econômicas e sociais muito diversas, a única constante foram as críticas negativas às traduções brasileiras e

à sua dupla infidelidade à língua de partida e à língua de chegada. Extraímos do artigo de Wyler algumas diretivas de Soares de Moura para a boa tradução, seguidas de observações, talvez as mais comuns, feitas pelo crítico ao trabalho de nossos tradutores. Soares de Moura tem uma visão mais moderna, e descarta a idéia que o conhecimento da língua da cultura de partida é secundário:

Traduzir bem um livro do princípio ao fim, isto é, transportar para o vernáculo, tanto quanto possível com fidelidade, o pensamento integral do autor, dando-lhe a feição própria à nossa língua, sem acentuados ressaibos da linguagem do original - eis aí um trabalho literário de costa acima e trabalho dos mais de maior mérito. O tradutor, o vero tradutor, tem de conhecer bem o duplo terreno onde pisa: manejar com segurança a língua nacional e estar perfeitamente em dia com o idioma estrangeiro, em todas as suas minúcias. (...) Mas um estudioso das duas línguas que se ponha a fazer um confronto, mesmo perfunctório, entre uma obra original e a sua adaptação vernácula, notará imediatamente falhas mais ou menos graves, saltos de algumas passagens, geralmente de difícil interpretação, e, ao lado de infidelidades palpáveis, certos torneios de linguagem, estranhos que traem um decalque servil da língua do original (MOURA, 1996, grifo nosso).

Parece que os “saltos de algumas passagens” e as “infidelidades palpáveis” que notamos na tradução de Nonnenberg e de Lobato, podem ser a regra das deficiências da tradução daquela época, corroborando a conclusão de Wyler (a dupla infidelidade [do tradutor] à língua de partida e à língua de chegada.).

Uma tirada de Mário de Andrade (ANEXO E), manifestamente contra os resultados elitistas das traduções, propõe que:

... nessa melhoria sensível da tradução brasileira, há que denunciar um mal novo que me parece da maior indecência. Vários dos nossos tradutores bons, com muita razão, e várias das nossas grandes casas editoras, com menos razão, se ilustram atualmente de apresentar traduções dos já comprovadamente geniais escritores e obras literárias do passado. [...]

Mas enquanto os cultos brasileiros possivelmente se enriquecem expressionalmente escutando os belos exemplos estilísticos da bancada da direita, o povinho que se dane.

Eu pergunto: Não era justamente a essa massa de leitores, muito mais pobre também no conhecimento da sua língua, que se impõe o nosso dever, dos tradutores e das casas editoras, de pretender elevar e enriquecer na sua linguagem?

Se eu fosse o Primeiro Congresso dos Escritores Brasileiros, eu propunha que Dante e Shakespeare fossem traduzidos pelos maus tradutores, e os romances policiais e de cinema o fossem pela bancada da direita. Ao menos se preservava nos cultos o dever da sua universalidade lingüística, e se fornecia à massa dos leitores de cultura pobre a prática de uma linguagem

mais firme de sua expressão. Ao menos para protestar (*Diário de Notícias*, 1º Supl., Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1945, p.1).

Há dificuldade em se encontrar rastros da presença do tradutor e do editor de *Luta Incerta*. Além desse romance, Nonnenberg traduziu também para a Flama o livro de Cholókhov, *Terra e Sangue*. Posteriormente Nonnenberg trabalhou na Companhia Cinematográfica Vera Cruz onde fez o roteiro do filme *Caiçara*, de novembro de 1950, dirigido por Adolfo Celi, e também participou da direção, com Alberto Pieralise, da comédia *Família lero-lero*, filme de setembro de 1953.

Outro dado sobre Nonnenberg, a propósito da editora Globo de Porto Alegre, encontra-se disponível em Hallewell (1985): “*Guerra e Paz*, deste último [Tolstoi], apareceu logo depois do início da campanha de Hitler na Rússia [1941], numa tradução de Gustavo Nonnenberg, em dois volumes¹⁶” (p. 319). Esse dado confirma a atividade tradutória de Nonnenberg, três ou quatro anos antes da publicação de *Luta Incerta*, em uma editora do porte da Globo.

2.3. Arquivos Edgard Leuenroth

Na busca dos vestígios da editora, a visita aos arquivos Edgard Leuenroth na UNICAMP permitiu levantar dados relevantes na revista “HOJE: O mundo em letra de forma”. No número 78 - 79 de julho/agosto 1944, ano VII, na seção “Livros Novos”, na p.79-80, encontra-se uma nota sobre *Luta Incerta*:

John Steinbeck – *Luta Incerta*, tradução de Gustavo Nonnenberg, 281 páginas, Preço Cr\$20,00. Editora Flama Ltda. Romance que descreve uma greve levada a efeito pelo proletariado agrícola dos Estados Unidos.

Embora os valores tenham que ser relacionados com outras mercadorias, adicionamos o comentário de Hallewell (1985) sobre o preço de livros nesse ano de 1944:

[em 1944] Essa aceitação de livros estrangeiros era, em grande parte, consequência da paridade do cruzeiro mantida pelo Brasil, a despeito da alta inflação interna durante a guerra. Com os romances comuns sendo vendidos, em 1943, a 15, 16 ou 18 cruzeiros, nem mesmo os livros americanos – em torno de 20 cruzeiros – pareciam tão caros (p. 406).

¹⁶ Com 24 mil exemplares em seis edições (MILTON, 2002, p. 26).



Só para dar uma idéia, imprecisa, relacionamos alguns itens de consumo popular na região de Rio Preto. A coluna “Feira Livre / Prefeitura Municipal de Rio Preto” (*Folha de Rio Preto*, 10/8/44) elenca:

Carne de vaca de 1ª	Cr\$3,80/quilo
Frango	Cr\$7,00/cada
Ovos	Cr\$2,80/dúzia
Manteiga	Cr\$18,00/quilo
Queijo fresco	Cr\$8,00
Queijo curado	Cr\$14,00
Sabão em barra	Cr\$5,00/quilo
Café	Cr\$5,20/quilo
Açúcar	Cr\$2,60/quilo

Anotamos, do mesmo jornal, o preço de entrada para cinema, entre Cr\$2,00 e Cr\$3,00.

Sodré (1970, p. 266) relata o valor, em 1943, de um artigo de crítica, para jornal: Cr\$100,00.

Quanto à lista de títulos da Flama, uma segunda nota, na mesma revista, aprofunda a informação:

A Editora Flama Ltda., que vem de ser instalada em S. Paulo, tendo iniciado as suas atividades com um romance de John Steinbeck – *Luta Incerta*, lançará, na sua “Coleção Romance do Século”, os seguintes volumes – *A Morte em Veneza*, de Thomas Mann, em tradução de Lívio Xavier; *Tenho Fome*, de George Fink, em tradução de Oswaldo Moles; *Marie Donadieu*, de Charles Louis Philippe, *A Aldeia*, de Ivan Bunin, e *Claire*, de Jacques Chardonne.

Na série “Antologia da Novela Universal”, a mesma editora publicará - Três Novelas Inglesas (*O Homem que morreu*, de D.H. Lawrence; *Um caso doloroso*, de James Joyce, e *O Pequeno Arquimedes*, de Huxley).

2.4. Uma segunda lista de títulos

Há três anos atrás, ao gravarmos, em São Paulo, uma entrevista com Clóvis Moura, copiamos uma lista de títulos de uma contracapa do livro da Flama de 1946 *Miséria da Filosofia*, K. Marx, pertencente à sua biblioteca, onde constavam: TRAVEN, B. *Ouro Negro* (prefácio de Galeão Coutinho); CHOLOKHOV, M. *Terra e Sangue* (Prêmio Stalin, pref. Jorge Amado); ISAACS, J. *Maria* (pref. Leandro Dupré); OSTROWSKY, N. “Filhos da Tempestade” (pref. Pablo Neruda); FINK, G. *Tenho Fome*; MANN, T. *A Morte em Veneza*; e



ROCKER, R. *Reflexões de um homem livre*.

Não cabe aqui informar em detalhe os autores publicados, ou mencionados como a serem publicados, mas chama a atenção a liberdade com que se reúnem autores de tendência anarquista, direitista, esquerdista e simplesmente conservadora. Vejamos alguns exemplos que coletamos:

Philippe, Charles-Louis [R] (1874-1909) Cérilly, France: Escritor de romances que descrevem o sofrimento dos pobres a partir de sua experiência pessoal. Philippe era filho de um sapateiro.

(Disponível

em:<<http://www.britannica.com/eb/article?eu=61192&tocid=0&query=charles-louis%20philippe>> Acesso em: 9 abril 2002.)

Bunin, Ivan (1870-1953) nascido em 10 de outubro de 1870. Poeta russo, escritor de contos, romancista que retratou a decadência da nobreza russa e a vida dos camponeses. Bunin ganhou o Prêmio Nobel de literatura em 1933: "Eu tenho um ódio verdadeiramente selvagem e um desprezo genuinamente selvagem por revoluções"

(Disponível em:<<http://www.kirjasto.sci.fi/ibunin.htm>>. Acesso em: 3 abril 2002)

Chardonne, Jacques Boutelleau, (1884-1968). Em outubro de 1941, seis escritores franceses, além de Chardonne, responderam ao convite do Dr. Goebbels para visitar a Alemanha: entre eles, Drieu la Rochelle, Robert Brasillach, Ramon Fernandez e Marcel Jouhandeau. Em *O trem da vergonha*, François Dufay lembra esse grande acontecimento colaboracionista.

(Disponível em:<http://archives.nouvelobs.com/voir_article.cfm?id=39153&mot=>. Acesso em: 10 abril 2002)

O Fundo Hermínio Sacchetta é uma das subdivisões dos Arquivos Edgard Leuenroth (AEL), localizados na UNICAMP. Poucas linhas de uma biografia disponível na página da Internet dos referidos arquivos, que aqui reproduzimos, trouxeram informações relevantes para a pesquisa:

Hermínio Sacchetta (1909-1982), paulistano, iniciou sua carreira na imprensa, como revisor, no *Correio Paulistano*. Engajou-se na luta revolucionária através do Partido Comunista, em 1932, onde atuou no setor de agitação e propaganda chegando a dirigir o Comitê Regional de São Paulo; foi ainda um dos principais editores do jornal *A Classe Operária* até 1937, quando foi expulso da organização sob alegação de dissidência trotskista. Preso político durante o Estado Novo, após sua libertação, em novembro de 1939, participou da fundação do Partido Socialista Revolucionário, vinculado à IV Internacional, posteriormente atuou na Liga Socialista Independente, ... [Conteúdo do Fundo] Reúne sua documentação pessoal,

especialmente sua correspondência de prisão (junho de 1938 a outubro de 1939) e sua atividade à frente da Editora Flama

(Disponível em: <<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/acer-fund-hs.htm>>. Acesso em: 1999, grifo nosso).

Conforme a citação acima, pudemos intuir a origem do viés político que despontou na primeira análise da tradução. Esse foi o primeiro dado concreto da ligação da Flama com as políticas socialistas da época, através de Sacchetta. Outros dados foram obtidos a partir da nossa visita pessoal aos arquivos.

No Fundo Hermínio Sacchetta, encontramos dados sobre a editora, em revistas e em cartas entre seu diretor literário, Sacchetta, e seu amigo e colaborador João Carlos Penna, jornalista que estava trabalhando para a BBC, na Inglaterra, nos anos de 1940 e 1947. São cartas que, além de pessoais, tratam de negócios da Flama, como contatos com escritores e editoras visando à compra de direitos para publicação no Brasil.

Dentre os recortes de jornal, encontramos um texto de Sacchetta, sem data, com o título: *O radicalismo na literatura norte-americana*, publicado pela *Folha da Manhã*, ilustrado com um retrato de Steinbeck, talvez um bico de pena, datado de 1942 e assinado por Sérgio Lima, o que nos leva a crer que a escolha de *In Dubious Battle* não tenha sido aleatória e sim que havia um envolvimento visível com a literatura norte-americana engajada na problemática social.

A pesquisa de textos e documentos do Fundo permitiu formar uma imagem do diretor literário da Flama, Hermínio Sacchetta (1909-1982). Muito de sua atividade editorial é revelado pela correspondência que mantém com Penna, inclusive suas incursões na tradução. Em carta enviada para Londres, Sacchetta faz correções políticas a um texto de Penna¹⁷.

No livro de Carneiro encontram-se indícios da colaboração de Sacchetta com Penna, no início dos anos 40. Recém saído de uma reclusão de quase um ano no presídio da Ilha Grande, e já trabalhando como jornalista na *Folha da Noite*, Sacchetta molda sua ação política e cultural. Podemos observar a parceria política de Hermínio Sacchetta e João Carlos Penna, antes de o primeiro começar a trabalhar na Flama. Nos anos 30 e 40, uma forma bastante usada de formação e propaganda política era o trabalho com as bibliotecas ambulantes. O

¹⁷ AEL: Ref. 0156-Carta a My Dear D. Penacho, Esq.(João Carr Ribeiro Penna) comentando questões políticas brasileiras e artigos recebidos do correspondente de Londres. SP, 20 set. 1947. 2p. (dat.) Ca.98, P. 12.

artifício usado era o empréstimo de um “romance qualquer”, que após alguns dias seria substituído por literatura comunista de cunho doutrinário.

Através do prontuário de Hermínio Sacchetta, reconhecido ativista do Partido Comunista nos anos 30 e 40, tomamos conhecimento de um outro artifício complementar às bibliotecas ambulantes: os programas de rádio que se prestavam como intermediários entre o leitor e os propagandistas do “credo vermelho”. Uma destas iniciativas resultou da união da biblioteca ambulante *Vamos Ler* com a Rádio Record e deu origem ao programa *Vamos Ouvir*, dirigido pelos jornalistas Ribeiro Pena, Oswaldo Molles e Hermínio Sacchetta.

Em 1941 o referido programa foi assim anunciado:

(...) de segunda-feira em diante terá início a inscrição na Agência das Empresas de que faz parte *Vamos Ler* dos candidatos a empréstimos de livros da *Biblioteca Ambulante Vamos Ouvir*.

“Ensinar a ouvir” era, também, uma forma de propagandear idéias comunistas junto àqueles que não sabiam ler. Os agitadores tinham consciência de que nem todos poderiam ter acesso e nível cultural para compreender as teorias de Lênin, Trótski ou Marx. Por esta razão procurava-se ler trechos selecionados de obras consideradas como essenciais para a formação doutrinária dos comunistas brasileiros.

[...] O lema era “semear idéias para, posteriormente, colher novas atitudes”, expressão das rupturas ao nível das mentalidades. Basicamente, os intelectuais contavam, a médio prazo, com uma revolução cultural fundamental para se alcançar a revolução política de fato (CARNEIRO, 1997, p. 34, grifo nosso).

Como o professor Antonio Candido tinha trabalhado na *Folha* na mesma época que Hermínio Sacchetta, enviamo-lhe uma carta solicitando esclarecimentos, e tivemos a seguinte resposta:

São Paulo, 15 de fevereiro de 2001

Prezado Sr. Guy de Hollanda:

Como lhe disse por telefone, lembro de alguma coisa sobre a Editora Flama, que funcionava num escritório em prédio da rua 15 de Novembro. O financiador era um português cujo nome esqueci e cuja imagem tenho viva na lembrança. Era pequeno, magro, calvo, muito fino e elegante. Diziam que era rico, fora educado na Inglaterra, jogava polo, tinha um hiate na represa de Santo Amaro. O orientador era Hermínio Sacchetta, com quem convivi quando ele era secretário de redação da *Folha da Manhã* (atual de *São Paulo*), onde exerci a crítica literária de janeiro de 1943 a janeiro de 45.

Depois saiu de lá e fundou com outros o *Jornal de São Paulo*, que era muito bom e durou pouco. Creio que não passou de 1945. Sacchetta tinha sido secretário geral do Partido Comunista de São Paulo, mas se afastou dele e tornou-se trotskista, exercendo certa liderança sobre um pequeno grupo de adeptos. Era muito inteligente, excelente jornalista e brilhante conversador.

Ele realizou na Flama uma coisa importante: uma coleção de livros marxistas, dos quais lembro a *Crítica da Economia Política*, de Marx; *Miséria da Filosofia*, do mesmo; *A questão agrária*, de Kautski; *Reforma ou revolução*, de Rosa Luxemburgo. Era muito amigo de Pena, cujo primeiro nome esqueci, rapaz simpático e alegre, que trabalhou na BBC e parece que morreu cedo. Gustavo Nonnenberg era um gaúcho louro, muito alto, talvez 1 metro e 90, simpático e muito ativo em São Paulo do começo dos anos 1940 aos meados dos anos de 1950. Trabalhou, talvez como relações públicas, no Teatro Brasileiro de Comédia e na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, sob a égide de Franco Zampari e traduziu livros para a Editora Globo, de Porto Alegre. Depois contaram que ele casou com uma moça rica do Rio e mudou para lá. Nunca mais ouvi falar dele. A Flama foi lançada com certo barulho em 1944, num jantar no restaurante Caverna Paulista, um dos melhores de então, na confluência da rua José Bonifácio com a Rua Libero Badaró, prédio que foi da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Eu estive presente com alguns amigos do grupo de *Clima*, revista que mantivemos de 1941 a 1944: Lourival Machado, Ruy Coelho, Decio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes. Era uma grande mesa em forma de E. Na parte nobre, presidindo, estavam o tal português capitalista, a irmã de Nonnenberg, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, o editor José de Barros Martins e outros.

Na Editora Flama Ruy Coelho publicou em plaquete o seu ensaio sobre Marcel Proust e o nosso tempo, seguido de um ensaio sobre a crítica. Lembro das capas claras com vinheta e lembro que o papel era em geral muito ruim, segundo os usos do tempo.

Mais não consigo dizer. Talvez o Sr. possa obter mais informações com o filho de Sacchetta, Vladimir, excelente rapaz (Comunicação pessoal).

Vimos, na primeira parte deste capítulo, como o engajamento da crítica de Benson e Loftis nas narrativas históricas referentes à época e lugar em que *In Dubious Battle* foi escrito resultou em uma crítica literária que, em certos momentos, não aceita o caráter de ficção da obra de Steinbeck. No entanto, foi este mesmo engajamento que ajudou a construir uma análise precisa desse romance, ainda hoje motivo de controvérsia nos Estados Unidos.

Na segunda parte, apresentamos o contexto da tradução literária no Brasil com as condições favoráveis decorrentes da guerra e da censura. Abordamos também a mudança política que os desenvolvimentos na Europa, com a resistência soviética aos alemães, provocaram aqui. A censura a livros e revistas foi exercida pelo DIP utilizando coação econômica e outros meios como apreensão e queima de material subversivo. Procuramos mostrar que a atuação dos intelectuais na nossa vida cultural e a sua colaboração em revistas e suplementos governistas não significaram polarização tal que excluísse definitivamente todas as vozes críticas.

Na tentativa de recolher indícios que demonstrassem a peculiar e ambígua situação dos



brasileiros nos dois últimos anos do Estado Novo, anexamos textos como o das bibliotecas para o proletariado, e pesquisamos jornais diários da região. Apresentamos também, em anexos, alguns textos referentes à discussão pública sobre as traduções, em diários e suplementos literários.

Outra fonte importante de informação, que não pudemos pesquisar extensivamente, foram os Arquivos Edgard Leuenroth, na UNICAMP. Lá pudemos ler a correspondência e alguns artigos de Hermínio Sacchetta, diretor literário da Flama e jornalista de formação marxista. O conhecimento sobre a Flama foi sendo construído a partir da pesquisa sobre autores e títulos planejados, mas, sem dúvida, foi o contato com o professor Antonio Candido que proporcionou a impressão mais vívida da editora, seus participantes e propósitos.

Tendo analisado o contexto de publicação de *Luta Incerta*, passaremos, no próximo capítulo, à análise da tradução feita por Gustavo Nonnenberg em 1944.

3.1. Primeira hipótese

A hipótese de *Luta Incerta* ser uma tradução engajada tem origem na aplicação do modelo de Aulic (1984, 1999) em um corpus (APÊNDIX E A), constituído de textos

Nonnenberg, 1944, p. 298, 311, 313, e Brasil, 1940, p. 194.

² O acordo ortográfico luso-brasileiro foi feito em 1985, segundo de uma Convenção Ortográfica entre os governos do Brasil e Portugal assinada em 29/12/1985, e depois pela uma conferência luso-brasileira em 1945, com decisões adotadas pela Academia de Letras.

Capítulo 3 – Análise de *Luta Incerta*.

Percebemos na leitura de *Luta Incerta*, num primeiro momento, que a sintaxe mostrava-se muitas vezes truncada. Os diálogos que se originavam de personagens simples, no TP, os quais constituem variante lingüística recolhida cuidadosamente por Steinbeck¹ apresentam-se descaracterizados pelo registro formal adotado na tradução. Notam-se, também, problemas de composição tipográfica e de acentuação, provavelmente reflexo das mudanças recentes de normas, na época².

A continuidade do trabalho com a tradução, vista no contexto histórico, propiciou uma mudança de foco. A posse de dados sobre a produção do TT – informações sobre a editora, seu contexto sócio-político, pessoas que participavam e a atuação delas no cenário político da época – permite-nos estabelecer hipóteses sobre esta tradução, que procuramos desenvolver neste capítulo:

Luta Incerta foi uma tradução engajada (ou política);

Luta Incerta foi literatura de formação dirigida aos socialistas, progressistas daquela época no Brasil; e

Luta Incerta colocou-se, como tradução, em oposição à intelectualidade burguesa brasileira.

3.1. Primeira hipótese

A hipótese de *Luta Incerta* ser uma tradução engajada tem origem na aplicação do modelo de Aubert (1984, 1998) em um *corpus* (APÊNDICE A), constituído de trechos

¹ Benson, 1984, p. 298, 310, 315; e Benson; Loftis, 1980, p. 196

² O acordo ortográfico luso-brasileiro foi feito em 1940, seguido de uma Convenção Ortográfica entre os governos do Brasil e Portugal assinada em 29/12/1943, e depois mais uma conferência luso-brasileira em 1945, com decisões aceitas pela Academia de Letras.

contínuos de diálogos contidos no capítulo VIII de IDB, os quais se mostram representativos devido à grande concentração de temas políticos. São 538 itens lexicais, dispostos em 53 linhas, onde encontramos, em cinco de suas linhas, evidentes intervenções políticas do tradutor.

O capítulo VIII do texto original começa com a chegada dos grevistas ao terreno cedido por um pequeno proprietário (Anderson) para que acampem, uma vez iniciada a greve. Doc Burton, médico, comanda o esquema sanitário do campo. Mac e Jim trabalham com a organização do movimento. Chegada a noite, eles se encontram na orla do campo. Mac retoma o fio de um diálogo com Doc, interrompido, e questiona seu engajamento político; no debate que se trava entre eles vai ficando clara a posição de Doc: solidariedade aos grevistas e descrença na solução comunista. O médico ressalta sua intenção de verificar de perto os acontecimentos, que ele compara com uma infecção.

Segundo a classificação de Aubert, citada apenas para identificação dos recursos empregados pelo tradutor, registramos principalmente as categorias acréscimo e modulação. Aubert (1984, p.77), define acréscimo como uma expansão do TO empreendida por conta e risco do tradutor, introduzindo uma informação suplementar, não explícita nem implícita no original, distinta, portanto, do procedimento de explicitação. Já a modulação, segundo Vinay (1968, p.172), “penetra nas profundezas da mensagem graças a uma mudança do ponto de vista” e, de acordo com Aubert (1984, p.75), provoca “deslocamentos a nível semântico e/ou estilístico, sem, ainda, produzir uma mensagem de sentido situacional diferente. [Também], a modulação é entendida como a modalidade na qual as alterações semânticas mais ou menos profundas não impedem a percepção da identidade de situação”(AUBERT, 1984, p.77).

3.1.1. Acréscimos: exemplos extraídos da amostra de 538 itens lexicais

Podemos destacar, nas 5 linhas mais representativas para análise da tradução engajada no *corpus*, os seguintes acréscimos:

There've been communes before, and there will be again. (linha 15) [10]³

³ O número entre colchetes corresponde à quantidade de itens lexicais que constam na citação.

As comunas e os comunistas sempre existiram e sempre existirão. [10]

Se a tradução, tal como feita por Nonnenberg, de “commune” por “comuna”, foi aceitável, qual pode ter sido o motivo desses acréscimos? A leitura que fizemos do acréscimo de 3 itens lexicais “e os comunistas”, foi de uma tradução política. A pesquisa no *Michaelis: Moderno dicionário da língua portuguesa*, mostra a palavra “comuna” como:

1 Agrupamento de estrangeiros, especialmente judeus e mouros, que eram obrigados a viver em arruamentos determinados. 2 Povoação que, na Idade Média, se emancipava do feudalismo, governando-se autonomicamente. 3 Na França, subdivisão territorial correspondente a município ou concelho. 4 Administração de concelho. 5 Reg. (Pernambuco) V súcia. 6 Corpo político ou governamental que adota princípios revolucionários ou comunistas, tal como o que dominou em Paris de 18 de março a 28 de maio de 1871. s m +f pop. Comunista.

É verdade que “communes”, no texto de Steinbeck, poderia incluir experiências soviéticas, ecoar as comunas livres medievais na Europa, a Comuna de Paris, ou mesmo as experiências comunitárias, em sua maioria religiosas, em solo norte-americano.

Um comentário de Charles Shively (apud ASTRO; HAYASHI, 1972, p.25) sobre o ensaio *The Philosophical Joads*, de Frederick Carpenter, “que foi escrito basicamente para refutar a absurda noção de que as idéias de Steinbeck vinham direto de Moscou”, retoma a visão de Carpenter de que a filosofia social de Steinbeck se conformava a uma linhagem contínua do pensamento norte-americano de Emerson a Whitman e William James, o que excluiria qualquer conotação “comunista” das “communes” de Steinbeck em 1934. O que temos, portanto, é uma colocação (tradução) particular de Nonnenberg – “As comunas e os comunistas sempre existiram e sempre existirão” – que foi vista por nós como uma diferença política marcante (notável) em relação ao TP. “Já houve comunas antes e haverá novamente” foi a tradução desse mesmo período feita por Alfredo Pinheiro de Lemos, em 1974, em outro contexto, a qual talvez possa reforçar nossa leitura da tradução de Nonnenberg como politicamente diferente do original de Steinbeck.

Establish a commune, and the same gradual flux will continue.” (linha 20) [10]

Experimentem criar uma ‘comuna’ modelo e verão; lentamente o fluxo continuará sua obra. [13]

No exemplo acima, novamente transparece a intenção de caracterizar de uma maneira particular, conotando alguma experiência política e social, a “commune” de Steinbeck, o que nos leva a crer que a transformação de “commune” em “‘comuna’ modelo” pode ser encarada

como referência ao processo de coletivização da União Soviética. A tradução dessa mesma linha por Pinheiro de Lemos – “Institucionalizada uma comuna, o mesmo fluxo inexorável continuará.” – é conseqüente com sua linha política, que abordaremos mais adiante. Tivemos, pois, a oportunidade de observar a modalidade “acréscimo” usada com intenção clara de assegurar uma linha política ao TT, que serviu aos propósitos editoriais dessa publicação. Nessas intervenções, mostrou-se a diferença do texto de Nonnenberg, talvez sua originalidade como tradução.

3.1.2. Modulações: exemplos extraídos da mostra de 538 itens lexicais

Quanto à modulação, podemos salientar os quatro exemplos que consideramos mais importantes dentro do *corpus*:

But you people have an idea that if you can establish the thing, (linha 16) [13]

Mas vocês pensam que, uma vez instaurado o regimen pelo qual lutam, [12]

A tradução de “thing” por “o regimen pelo qual lutam” pode, por um lado, ter a intenção de formalizar a linguagem e, por outro, referir-se ao experimento soviético.

the job'll be done. (linha 16) [5]

terão cumprido sua missão. [4]

A tradução de “job” por “missão” também pode ter essa intenção de formalização da linguagem empregada para expressar conteúdos políticos.

“How about social injustice? The profit system? (linha 31) [7]

E a injustiça social? E o sistema capitalista? [8]

Acreditamos que “profit system” corresponda mais a “sistema capitalista” do que a qualquer outro termo em português, e que a modulação, neste caso, funcione como uma “tradução literal”. Na tradução de Pinheiro de Lemos – “– E o que me diz das injustiças sociais? E o sistema de lucro?” – a “transposição” usada soa como uma modulação.

Something has got into the men; a little fever had started (linha 50) [11]

Algo se introduz no corpo dos grevistas: uma febresinha. [9]⁴

A tradução de “men” por “grevistas” não nos causa estranhamento, nem a de “job” por “missão”, nem a de “thing” por “regimen pelo qual lutam”, nem a de “profit system” por “sistema capitalista”, mas, se separadamente essas modulações não denotam nada especial, quando vistas em seu conjunto elas se constituem em um corpo especial de modulações que nomeamos “modulações que dão ênfase ao jargão político da época”, datado e localizado.

Mais adiante serão comentados outros tipos de acréscimos que fornecem informação histórica para o leitor, e modulações, levantadas na pesquisa, que tratam da auto-censura.

Os seis exemplos que consideramos acima, em cinco linhas, estão fora de seu contexto; para uma melhor compreensão destes, a amostra que os contém está transcrita como “APÊNDICE A”.

Após a identificação, no *corpus*, da diferença entre TP e TC surgiu a necessidade de contextualização da tradução, e, por conseguinte, da pesquisa de seu contexto de produção e recepção, o que foi feito no capítulo II.

3.1.3. Exemplos extraídos da totalidade da obra

Como vimos acima, o procedimento efetuado no *corpus* revelou algumas diferenças “ideológicas” entre o TP e o TC e influenciou na direção da pesquisa. No entanto, traduções pontuais, em outros capítulos, também mostraram-se indícios de uma tradução literária preocupada com a formação dos leitores. Faremos a comparação, não exaustiva, da totalidade do TC com o TP. Serão analisados casos de modulação, omissão, erro, acréscimo, transposição e explicitação. Observamos primeiramente, dentro dessa perspectiva, que as modulações ao longo da tradução cobrem dois aspectos políticos: o primeiro é a *ênfase no jargão político aceitável para o público* pretendido na cultura de chegada, e o segundo, a *auto-censura*, de responsabilidade da editora, em relação a temas de sexo e linguagem de baixo calão.

⁴ A transcrição dos exemplos mantém a ortografia da época.



3.1.3.1. Modulações

Registramos primeiramente a ocorrência de modulações que dão ênfase ao jargão político:

Jim, empregado de um supermercado, foi detido em uma manifestação popular. A polícia pergunta onde trabalha, e telefona para seu chefe. Este ouve do sargento que seu funcionário tinha sido preso em um comício comunista, e afirma desconhecer Jim.

... and the sergeant said 'at a radical meeting'... (In *Dubious Battle*, p.15)⁵ [8]

O sargento respondeu: “num comício comunista”. (*Luta Incerta*, p.10)⁶ [6]

Talvez, no contexto histórico-editorial da tradução de *Luta Incerta* em 1944, uma eventual tradução de radical “meeting” por “comício radical” fosse lida com certo estranhamento. A tradução, quase que literal, feita por Pinheiro de Lemos em 1974 – “... e o sargento respondeu que tinha sido num ‘comício de radicais’” – tecnicamente uma transposição⁷, pode ser herdeira desse estranhamento; quem sabe a escolha de “comício comunista” dispensasse o uso das aspas em 1974.

The people with invested capital. (IDB:26) [5]

Os capitalistas. (LI:19) [2]

Joy pergunta a Jim quem produz as mercadorias (os bens), e obtém como resposta que são os trabalhadores. E quem lucra com isso? Pergunta novamente Joy, ao que Jim responde: – Os capitalistas. A resposta que Nonnenberg põe na boca de Jim é curta e grossa, e talvez corresponda a uma sociedade onde o capital financeiro esteja menos desenvolvido. A função ideológica, nos Estados Unidos, da bolsa de valores ao “igualar” os dólares do grande capitalista com a poupança dos pequenos investidores implica uma resposta mais matizada – “The people with invested capital” (“as pessoas que investiram o capital”, na tradução de Pinheiro de Lemos).

Temos aqui mais um exemplo da transformação da fala informal do TP em fala formal

⁵ A partir daqui, como (IDB:15).

⁶ A partir daqui, como (LI:10).

⁷ “Sempre que houver qualquer alteração – mudança de categoria, fusão ou desdobramento, inversão de ordem, ou combinação destas – registra-se ocorrência de transposição” (AUBERT, 1984, p.77)

do TC. Neste exemplo há ainda o reforço ideológico que advém de um acréscimo sublinhado por nós abaixo:

The only orders that really stick are the ones that come down after a vote.
(IDB:32) [15]

As únicas ordens que devem ser executadas obrigatoriamente partem do diretório e sempre resultam de uma votação. (LI:23) [17]

Jim, entusiasmado com a perspectiva de entrar em ação, participar de uma greve, pede para que Mac interceda por ele junto ao Partido:

Well, anyway, you've got some say, Mac. What I'd really like to do is get into the field. (IDB:32) [18]

Em todo caso, tens uma certa influência, Mac. E eu gostaria de ser enviado em missão junto aos operários. (LI:23) [19]

No segmento acima, caracterizado pela linguagem formal do TC, destacamos o segundo período por seu radicalismo. Enquanto que no primeiro período a tradução de “you’ve got some say” por “tens uma certa influência” implica uma modulação simplesmente formalizadora. No segundo, a tradução de “get into the field” por “ser enviado em missão junto aos operários” caracteriza uma modulação que vai além dessa implicação.

No exemplo abaixo, há uma explicitação⁸ na tradução de “noble Party” como “nobre partido comunista”, e que a tradução de “assaulted” como “covardemente atacado” constitua uma simples modulação. O que encontramos de interesse no exemplo foi uma possível referência sutil aos romances proletários da época:

You'll have to put romance off for a while – the noble Party assaulted by the beast of Capitalism. (IDB:32) [18]

Não te deves deixar impressionar pelo quadro romântico onde se vê o nobre partido comunista covardemente atacado pelo capitalismo bestial. (LI:23) [20]

Na tradução do mesmo trecho, feita por Pinheiro de Lemos: “Por algum tempo, pelo menos, você terá que deixar o romance de lado, esquecer as histórias do nobre defensor do Partido atacado pelas bestas do Capitalismo” temos certa personalização; não é mais o Partido que é atacado, mas o defensor do Partido.

⁸ “Informação implícita contida no TP é explicitada no TC (por paráfrase, notas de rodapé, etc.)” (AUBERT, 1995, p.9, tradução nossa.)

Mac, explicando para Jim porque tinha sido agredido por integrantes da *American Legion*, também tem seu discurso traduzido para um registro formal. Outrossim, a tradução de “some people starving” por “a miséria em que vivem os operários” é mais uma modulação que conseqüentemente, no corpo do TC, vai construindo o universo político dessa ficção:

“Me? I was subverting the government. I’d made a speech saying there were some people starving.” (IDB:33) [17]

Porque falava uma linguagem que lhes pareceu subversiva. Porque protestara contra a miséria em que vivem os operários. (LI:24) [18]

Jim, dirigindo-se a Mac, reforça seu pedido de ser incluído no trabalho de campo:

Jim said, “If you can ever put in a word, Mac, so I can get out in the field to work, I’ll be glad.” (IDB:33) [25]

– Mac, – murmurou Jim, – se a ocasião se apresentar ... Eu gostaria que me experimentassem no trabalho de propaganda. (LI:24) [19]

A modulação de “work” em “trabalho de propaganda” talvez tivesse sido precipitada; a atuação de Jim na greve será na organização do movimento.

No exemplo abaixo, mais uma vez, a inclusão de “partido”, na modulação de “I’m glad to have you with us”, reforça a idéia da construção do universo político do TT:

“...You’re a good kid; I’m glad to have you with us” (IDB:33) [13]

És um bom tipo, Jim. É de gente como tu que o partido precisa. (LI:24) [14]

No capítulo seguinte de IDB, (cap. III), depois de conseguir as informações sobre a greve no vale de Torgas, Mac expõe a situação para Jim e prevê as conseqüências de um eventual confronto dos trabalhadores rurais com o aparato repressivo:

The troops win, all right! But every time a guardsman jabs a fruit tramp with a bayonet a thousand men all over the country come on our side. (IDB:39) [28]

– Como é natural, – prosseguiu – as tropas levarão a melhor. Está certo, mas cada vez que a baioneta de um soldado ferir um vagabundo, nosso partido terá milhares de novos adeptos. (LI:29) [31]

No trecho acima temos, ao lado da tradução pouco convincente de “fruit tramp” por “vagabundo”, a modulação de “our side” como “nosso partido”, estabelecendo firmemente a posição do partido comunista no universo político de *Luta Incerta*.

Em *In Dubious Battle*, Steinbeck não coloca nas falas de Mac e Jim a palavra “comrade”; no entanto, seus modelos na vida real, Pat Chambers e Caroline Decker, “mesmo

não se importando com ideologia ‘irrelevante’, nas palavras de Decker, valiam-se de um pouco de retórica comunista, chamando os trabalhadores de ‘camaradas’”. A modulação de “guy” por “camarada”, no exemplo abaixo, mais uma vez exemplifica a tendência da tradução de constituir seu próprio universo político independente do TP.

“...You’re a good guy, Al.” (IDB:52) [6]

Você é um bom camarada. (LI:41) [5]

Lisa, filha do líder de uma turma de trabalhadores rurais, é ajudada no parto por Mac e Jim. Mac comenta a participação dos trabalhadores neste episódio. Aqui temos novamente a inserção do termo “camarada”:

“...Tonight the work concerned them, it was their job; and see how well they did it.” (IDB:67) [16]

Esta noite ao contrário, estavam trabalhando para um camarada. Vistes como agiram. (LI:53) [12]

Incluímos a tradução de Pinheiro de Lemos para melhor situarmos a modulação “camarada”:

Mas, esta noite, o trabalho só a eles beneficiava, era para ajudar a um deles. E veja só como eles se mostraram entusiasmados e eficientes. (Alfredo B. Pinheiro de Lemos, p. 59)⁹ [25]

Outro termo freqüentemente modulado politicamente é “red” que aparece no TT como “comunista”. Em pelo menos uma ocasião, “red” é traduzido por “vermelho”, como na p.256 de IDB (p.209 de LI). Em algumas outras instâncias “red” é omitido por Nonnenberg: páginas 98, 99, 130 e 235 de LI. O contexto do exemplo abaixo é uma conversa em que o líder de um dos grupos de grevistas, London, apresenta Mac e Jim para Dakin, líder do outro grande grupo de trabalhadores:

“...They may be reds, but they’re good guys.” (IDB:90) [9]

É possível que sejam comunistas, mas são bons sujeitos. (LI:73) [9]

No capítulo VI de IDB, que abrange o dia do acidente de Dan desencadeando a greve, Mac procura um local onde os grevistas possam acampar. O período que se segue faz parte de uma negociação entre Mac e um pequeno proprietário, Anderson, propenso a emprestar um

⁹ A partir daqui, como (ABPL:59)



terreno para esse propósito. Neste caso, a modulação de “picket” para “organizar brigadas de greve” não tem caráter político pois a ação grevista está implícita em “picket”:

But there's a bunch of men going out, enough to picket the Valley. (IDB:118)
[14]

Estamos em condições de organizar brigadas de greve no vale inteiro. (LI:97)
[11]

O trecho abaixo se insere ainda na negociação entre Mac e Anderson a respeito da área para o acampamento grevista. A modulação de “men” para “operários agrícolas” não é necessariamente de caráter político, embora no contexto ela tenha essa função, servindo para reforçar um estatuto de “fruit tramp”, diverso de “vagabundo”, como na página 24 de LI.

“O.K. We didn't start it. But once it's started, we want to help it win. We want to keep the men from running to hell, teach 'em to work together...” (IDB:120)
[32]

Portanto, são eles os provocadores, e nós queremos auxiliar os operários agrícolas. Queremos ensiná-los a lutar como um só homem e evitar que eles façam tolices. (LI:99) [26]

Outro aspecto que merece observação diz respeito às modulações de possível autocensura a palavras/expressões que se refiram a sexo ou linguagem de baixo calão no TT:

No segundo capítulo do romance de Steinbeck, Harry recebe o pedido de filiação de Jim, leva-o ao local em que os membros do Partido moram, e sai. Mac recebe Jim, e o apresenta a Dick e Joy. Dick é caracterizado por Mac como o militante que se vale de encanto pessoal para angariar fundos com simpatizantes do sexo feminino. A modulação de “bedroom radical” para “homem de salão” parece indicar uma atenuação de concupiscência sugerida no TP. Como podemos observar, a tradução de Pinheiro de Lemos não se preocupa em atenuar esse caráter do TP:

“...This pale one here is Dick, a bedroom radical. We get many a cake because of Dick.” (IDB:24) [17]

Este é Dick, o nosso homem de salão. É ele que nos arranja doces e outras coisas gostosas. (LI:17) [18]

O pálido ali naquele canto é Dick, o radical dos quartos femininos. Já ganhamos muitos bolos por causa de Dick. (ABPL:20) [20]

Ainda no contexto do entrosamento de Jim no grupo, Mac insiste na caracterização de Dick como “a Du Barry do partido”. A tradução de Nonnenberg suaviza essa colocação de Mac, enquanto a de Pinheiro de Lemos mantém o registro:

"That Dick uses the bedroom for political purposes..." (IDB:27) [8]

O tipo mistura política com amor. (LI:20) [6]

– O nosso Dick usa o quarto para fins políticos. (ABPL:23) [9]

Doc Burton faz uma visita ao canil de Anderson, dono do terreno em que os grevistas acampam, e se encanta com os seus "pointers". Em sua declaração sobre os cães, que contém as palavras "sensual" e "sexual", somente a primeira é traduzida, o que implica suavização do TT, por meio da modulação:

"...Beautiful dogs, they give me a sensual pleasure, almost sexual." (IDB:152) [10]

Uns cães magníficos, eles me causam uma sensação de prazer quase sensual. (LI:126) [12]

No início do capítulo X, London encontra-se com Mac e relata o baixo estado de ânimo dos grevistas; ele se refere a uma briga que acontecera há pouco tempo no acampamento. A causa da briga, assédio sexual explícito no TP, fica mais difusa no TT com a tradução de "make" por "raptar". Esta tradução pode ser vista como modulação servindo o propósito de censura, mas também poderia ser vista como erro. Neste caso, tomar "make" por "make away with" poderia levar a "raptar":

"...One of the guys tried to make another guy's woman..." (IDB:181) [10]

Enquanto estivemos na cidade, um dos que ficaram quis raptar a mulher de um outro. (LI:151) [15]

3.1.3.2. Omissões

Além da categoria da modulação observada acima, também se mostra importante, para a comparação do TC e TP, a modalidade da omissão. Segundo Aubert (1977, p. 7), a omissão consiste em uma perda efetiva de informação:

*The cop grinned at them. One of the men chanted at him,
"Whoops my dear, whoops my dear,
Even the chief of police is queer."* (IDB:242) [25]

O policial sorriu. (LI:197) [3]

Temos, acima, uma auto censura "moral" que poderia conotar desrespeito ao chefe de polícia, através da omissão dos versos "Whoops my dear, whoops my dear, / Even the chief of

police is queer”, e uma omissão “técnica” com a supressão da proposição “One of the men chanted at him”, a qual se tornou desnecessária dada a omissão dos dois versos seguintes.

A tradução de Pinheiro de Lemos não omite os versos, os quais foram traduzidos, na sua maioria, por modulação:

O policial sorriu. Um dos homens cantou então:
“Vamos, vamos, boneca, está na hora boneca,
até o chefe de polícia é metido a boneca”. (ABPL:215) [24]

No segundo capítulo, no início de seu relacionamento com Mac, Dick e Joy, Jim é informado por Mac do lastimável estado em que Joy se encontra, depois de ter apanhado muito da polícia. A compaixão de Jim, expressa no relato que vem a seguir, ilustra e particulariza, por intermédio de sua experiência de vida, a luta política na época. A omissão de todas as linhas abaixo por Nonnenberg implica uma menor densidade na personagem Jim. Ao contrário, Pinheiro de Lemos não omitiu esse discurso de Jim, que transcrevemos logo a seguir:

“My old man was like that,” said Jim. “One time I found him in the street. He was walking in big circles off to the left. I had to steer him straight. A scab had smashed him under the ear with a pair of brass knuckles. Seemed to affect his sense of direction.” (IDB:25) [53]

– Meu velho também ficou assim – disse Jim. – Uma vez, encontrei-o na rua, a andar em círculos, sempre indo para a esquerda. Tive que levá-lo para casa. Um fura-greve acertou-o com uma soqueira debaixo do ouvido e parece que isso afetou o senso de direção dele. (ABPL:22) [45]

No capítulo IV de IDB, Mac e Jim pegam carona em um trem de carga e viajam para Torgas por etapas. Mac explica o trajeto para Jim. A omissão, a seguir, da direção do trem – *east-bound freight* – é irrelevante, a não ser para o leitor interessado na reconstituição geográfica de um possível evento histórico:

“...We’ve got to get off at Weaver and catch an east-bound freight. That’s about a hundred miles down...” (IDB:44) [20]

Em Weaver [erro tipográfico] mudaremos de trem. Ainda temos uma boa centena de milhas pela frente. (LI:35) [14]

Ainda no capítulo IV, Mac e Jim chegam a Torgas e procuram, em uma lista que trouxeram de simpatizantes da cidade, o endereço de certa lanchonete. Seu proprietário, Al Anderson, fica feliz quando Mac insinua que sua solidariedade com os militantes é bem vista pelo partido. Notamos aqui (LI:40) uma omissão que afeta a construção do personagem Al; um empobrecimento. Reproduzimos a seguir a tradução de Pinheiro de Lemos:

Al beamed importantly, as though he were receiving a gift instead of being bummed for a meal. (IDB:51) [17]

Al ficou radiante, imbuído de um senso de importância, como se fosse o presente supremo o fato de se lhe pedir duas refeições gratuitas. (ABPL:45) [24]

Uma característica da narrativa de Steinbeck é sua paixão pelo detalhe, o cuidado de mostrar seus personagens através de suas ações no cotidiano, de situá-los no contexto geográfico e histórico como um antropólogo faria. Nesse sentido, a omissão (LI:96) que se segue deixa de fora observações que Steinbeck faz de seu meio ambiente californiano. É a primeira visita que Mac e Jim fazem a Anderson, pai de Al, dono do pomar em cujas terras os grevistas acamparão após o início da greve. Mac propõe que, em troca do empréstimo do terreno, Anderson teria suas maçãs colhidas sem nada pagar por isso aos grevistas. Mac e Jim estão na cozinha da casa de Anderson enquanto este acende o fogão a lenha para fazer café. Acrescentamos, a seguir, a tradução de Pinheiro de Lemos deste trecho:

From a paper bag the old man took out a handful of carefully cut pine splinters and laid them in the stove, and on top he placed a few little scraps of pitchwood, and on top of those, three round pieces of seasoned apple wood. It was so well and deftly done that the fire flared up when he applied a match. The stove cricked, and a burst of heat came from it. He put on a coffee-pot and measured ground coffee into it. From a nag he took two egg shells and dropped them into the pot. (IDB:117) [98]

O velho tirou, de um saco grande de papel, um punhado de gravetos de pinheiro, todos muito bem cortados, pondo-os no fogão. Colocou por cima alguns pedaços de casca de pinheiro resinoso e, depois, três pedaços redondos de casca de macieira ressequida. Foi tudo feito com rapidez e habilidade, de tal forma que o fogo pegou imediatamente, assim que ele encostou um fósforo. O fogo estalou e uma onda de calor saiu lá de dentro. Anderson pegou uma cafeteira, medindo cuidadosamente a quantidade de café que despejou lá dentro. Em seguida, tirou duas cascas de ovo de um saco e jogou-as também dentro da cafeteira. (ABPL:103) [105]

No final do capítulo VIII de IDB, depois de uma discussão política com Doc Burton e a tentativa frustrada de contato com os policiais que vigiam o acampamento, Mac desabafa com Jim. Aqui as idéias omitidas – *before it gets into our hearts and kills us* – e – *Everybody hates us, Mac* – tem um caráter ideológico-filosófico, um alerta que falta no TT, que, por isso, mascara a gravidade da situação da greve.

“...Doc was right about infection, but that infection is invested capital. We’ve got to believe we can throw it off, before it gets into our hearts and kills us. You never change, Jim. You’re always here. You give me strength.”

Jim said, “Harry told me right at first what to expect. Everybody hates us, Mac.” (IDB:161) [57]

Burton tinha razão quando falava de infecção, mas a verdadeira infecção é o capitalismo. Precisamos destruí-lo. Não será fácil. Gosto de tua energia, Jim.

– Harry preveniu-me na primeira noite. (LI:133) [29]

3.1.3.3. Erros

Encontramos algumas ocorrências que poderiam, de certa forma, ser classificadas como erro. Com base em Aubert (1984, p.78), o erro consiste em escolha de modalidade inadequada, em erro de interpretação, ou em uso de falsos cognatos.

Após a chegada a Torgas, Mac e Jim aguardam, na lanchonete de Al, que seus hambúrgueres fiquem prontos. Mac, com muita fome, expressa-se assim:

“Lord,” said Mac. “I’d like to crawl right over this counter and nest in that hamburger.” (IDB:51) [18]

– Virgem! Exclamou Mac, – a gente até fica com vontade de sentar nessa frigideira. (LI:41) [14]

– A vontade que eu tenho é de pular por cima deste balcão e devorar essa carne assim mesmo – disse Mac. (ABPL: 45) [21]

A opção acima, de Pinheiro de Lemos, parece-nos mais razoável. Afinal, “sentar nessa frigideira” soa bem estranho.

No capítulo V de IDB, antes da eclosão da greve, Jim apresenta Dan a Mac. Jim e Dan estavam trabalhando no alto da mesma macieira. Dan, que era madeireiro no norte da Califórnia na época da campanha dos Wobblies, conta para Mac como eram esses sindicalistas. Não acreditamos que “incendiar uma serraria só com os olhos” seja um erro, talvez somente uma metáfora. A tradução de Pinheiro de Lemos, que vem por último, é menos fantasiosa que a de Nonnenberg:

“...Them Wobblies was a bunch of double-crossin’ sons-of-bitches, but they done the work. Damn it, they’d burn a sawmill as quick as they’d look at it.” (IDB:78) [28]

Os taes “Wobblies” não passavam de um bando de desordeiros. Mas..., conseguiram o que pretendiam. Que gente, meu Deus! Eram capazes de incendiar uma serraria só com os olhos. (LI:63) [29]

Os *wobblies* eram um bando de filhos das putas traidores, mas tenho que reconhecer que eles fizeram muita coisa. Nunca hesitaram em queimar uma serraria, se fosse necessário. (ABPL:68) [28]

No capítulo XIII de IDB, o funeral de Joy transcorreu tranqüilamente. Na volta para o acampamento, Mac, Jim e Albert transportam, de uma fazenda, mantimentos conseguidos por Dick. O caminhão passa por pequenas propriedades, casas. Acreditamos que a tradução de “resident share-croppers” por “feitores” seja equivocada, e que a solução de Pinheiro de Lemos seja mais apropriada:

They could see among the trees the houses where the owners or the resident share-croppers lived. (IDB:244) [16]

Entre as árvores eles podiam ver as casas dos proprietários e as dos feitores. (LI:198) [14]

Por entre as árvores, eles podiam ver as casas em que viviam os proprietários ou meeiros residentes. (ABPL:216) [17]

Outra possibilidade seria considerar a tradução de Nonnenberg não como erro mas como modulação de cunho político. Nesse caso, a exclusão de uma camada social mais baixa – “resident share-croppers” – dessa paisagem de proprietários não estaria levando em conta o específico da estrutura social da Califórnia dessa época. Talvez aí, o uso de “feitor” estivesse desprovido de suas conotações mais duras:

fei.tor sm (lat. factore)

1 Administrador de bens alheios. 2 Fabricante. 3 Rendeiro, caseiro. 4 Aquele que comete crimes ou atos condenáveis. 5 Fazedor.

(UOL - Michaelis - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/michaelis/>>. Acesso em: 4 dez. 2001).

No capítulo XII de IDB, Jim, que já fora atingido por um tiro de um conferente numa escaramuça entre grevistas e fura-greves, vai visitar o velho Dan na tenda-hospital. Talvez “frigideira” esteja inadequada como tradução de “old-fashioned chamber for a bed-pan”. A tradução do mesmo trecho por Pinheiro de Lemos vem logo a seguir e pode esclarecer essa questão da tradução de “bed-pan”.

Old Dan lay propped in a cot, and on the ground stood a wide-necked bottle for a urinal, and an old-fashioned chamber for a bed-pan. (IDB:221) [25]

O velho Dan estava numa cama de campanha, recostado em dois cobertores que lhe serviam de travesseiros. Junto da cama, havia uma garrafa de gargalo largo para o enfermo urinar, e uma frigideira. (LI:182) [33]

O velho Dan estava estendido numa cama de campanha. No chão, ao lado, havia uma garrafa de gargalo largo, que servia de urinol, e uma comadre antiquada. (ABPL:197) [27]

O capítulo XIII prenuncia o fracasso da greve, com o incêndio criminoso dos celeiros de

Anderson e a desapareição de Doc Burton. Os grevistas prendem um rapaz que rondava o acampamento com uma “winchester”. Mac soca o moço como “exemplo” para os proprietários e seus “vigilantes”. Talvez tenhamos aqui um “falso cognato” que passou despercebido pelo tradutor:

“...Sympathy is as bad as fear. That was like a doctor's work. It was an operation, that's all...” (IDB:280) [19]

A simpatia é um perigo maior do que o medo. Trabalhastes como um cirurgião. Foi uma operação. (LI:227) [17]

3.1.3.4. Acréscimos

Uma forma de manifestar o engajamento por intermédio de acréscimo de conteúdo histórico, que não dependeu inteiramente do texto de *In Dubious Battle*, foi por meio de referências a acontecimentos como, por exemplo, a marcha sobre Washington, de 1932, em que veteranos da Primeira Guerra Mundial protestaram contra a situação de desemprego, ainda no governo de Hoover. A tradução de Nonnenberg, ao contrário de muitas outras instâncias, tem um número de palavras superior ao TP:

“Maybe. But you know what they done in Washington. They kicked 'em out because they said it was a danger to public health. An' then they burned down the shacks and tents.” (IDB:89) [32]

– É possível. Mas já ouviu falar no que fizeram em Washington, por ocasião da Marcha do Bônus? Dispersaram os manifestantes sob o pretexto de que eles constituíam um perigo para a saúde pública. Depois queimaram-lhes as barracas. (LI:72) [37]

Esse acréscimo – por ocasião da Marcha do Bônus – foi empregado para situar o leitor em eventos afastados no tempo por mais de dez anos, e em outro país.

A colocação de Theo Hermans, em seu artigo “The Translator's Voice in Translated Narrative” (1996), mostra a pertinência dos acréscimos: “*written translations normally address an audience which is not only linguistically but also temporally and/or geographically removed from that addressed by the source text*”. E também que:

translated narrative fiction addresses an Implied Reader different from that of the source text ... It is therefore not surprising to find that it is precisely with respect to the cultural embedding of texts, e.g. in the form of historical or topical references and allusions, that the Translator's Voice often directly and

openly intrudes into the discourse to provide information deemed necessary to safe guard adequate communication with the new audience (HERMANS, 1996, p.28-9).

Justifica-se desta maneira o acréscimo de “**Marcha do Bônus**” (em negrito no original) para melhor situar os eventos de Washington¹⁰. Outro exemplo de evento histórico melhor esclarecido pelo uso do acréscimo, foi a greve portuária em San Francisco, 1934:

Sam spat in the road. “I’ll tell you what I done. I was in ‘Frisco on Bloody Thursday. I smacked a cop right off a horse. I was one of the guys that went in and got them night sticks from a carpenters’ shop that the cops was gettin’ made. Got one of ‘em right now, for a souvenir.” (IDB:183) [58]

Sam cuspiu, com um ar de desprezo.

Por enquanto, vou dizer-lhes o que já fiz. Eu estava em Frisco na famosa quinta-feira da revolta dos marinheiros no porto. Foi uma quinta-feira sangrenta. Derrubei um cavalarião. Fui um dos que se apoderaram das matracas que um marceneiro fabricava para a polícia. Guardo uma como lembrança. (LI:153) [54]

O acréscimo de “famosa quinta-feira da revolta dos marinheiros no porto” tem o mesmo sentido do acréscimo anterior.

A fim de mostrar a importância desse evento, transcrevemos abaixo a citação de *The Museum of the City of San Francisco*:

San Francisco’s maritime strike, which began May 9, 1934, tumbled out of control when the Industrial Association, made up of employers and business interests who wished to break the strike, and the power of San Francisco unions, began to move goods from the piers to warehouses.

The first running battles between unionists and police began Tuesday, July 3, 1934. There was a lull during the July 4 holiday when no freight was moved, but disturbances picked up again Thursday, July 5, 1934 – known as “Bloody Thursday.”

(Disponível em: <<http://www.sfmuseum.org/hist/thursday.html>>. Acesso em: 7 nov. 2001)

3.2. Segunda hipótese

A segunda hipótese é que *Luta Incerta* foi literatura de formação-dirigida aos socialistas da época. Em tese de mestrado, defendida no IEL/UNICAMP, Danilo O. Nascimento (2000)

¹⁰ Repressão armada aos 15 000 veteranos da Primeira Guerra que protestam em Washington, em 1932. Disponível em:<<http://www.islandnet.com/~citizenx/bonus.html>>. Acesso em:3 dez.2000)

refere-se à literatura de formação na acepção tradicional do *Bildungsroman* (romance de formação), cujo paradigma é *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (Goethe, 1795), e diz que este tipo de romance ressalta o aperfeiçoamento humano. Nascimento acrescenta que o termo *Bildungsroman* foi incorporado ao léxico brasileiro por Massaud Moisés no *Dicionário de Termos Literários*, que o define como uma narrativa que lida com a experiência dos personagens vivida durante a educação ou os anos de formação.

Usamos o termo em um sentido mais restrito, como literatura de formação política para as esquerdas e para todos com interesse em renovar a sociedade. Esta literatura se constitui em necessidade em épocas com forte expectativa de transição/transformação política e social. O período que abordamos, os dois ou três anos imediatamente anteriores e posteriores à publicação de *Luta Incerta*, constituiu uma época de recursos ainda limitados para a comunicação de massa. A televisão na Europa está em estágio experimental, e o rádio tem uma forma peculiar de comunicação que exclui textos mais complexos. São os jornais, revistas e livros que vão ter grande importância na formação cultural e política do povo, especialmente o livro, menos sujeito à censura, por implicar uma massa menor de leitores.

A criação da Flama, nesse momento de relativa abertura, concentra expectativas de ação cultural que privilegiam as massas que devem ser formadas, educadas, para que possam assumir com firmeza seu papel transformador da sociedade. Não se descartam as inconsistências, a falta de preparo e a ingenuidade de nossos intelectuais da esquerda, mas transparecem, sem dúvida, a boa vontade, o entusiasmo e o idealismo.

Transcrevemos parte de uma entrevista que gravamos com Clóvis Moura (1999), historiador, a qual registra sua participação nos dias que antecedem à queda do Estado Novo:

... o processo ... o objetivo ... daquela época ... eu poderia ter modificações ... achar que o problema ... não foi como era ... foi uma interpretação ideológica daquela fase ... essa coisa toda ... e hoje eu vejo assim, que a interpretação ideológica está sendo feita agora ... a correta era a que eu fazia naquela época ... é, eu fazia, nós fazíamos aquela visão de que essa guerra era uma guerra para criar um mundo melhor; que o nazi-fascismo que era colocado assim ... como protótipo do atraso, da repressão, da colonização do mundo, das raças superiores, era colocado como aquilo que nós estávamos destruindo.

Então, a nossa geração foi a geração que acreditou naquilo que hoje quando se reinterpreta a segunda grande guerra, se reinterpreta de tal maneira que essas esperanças, essa utopia daquela geração foi substituída por uma anti-utopia, que é exatamente a negação do que determinou a participação da União Soviética na guerra, o entusiasmo dos jovens num mundo melhor, como se dizia naquela

época. E hoje, o que nós estamos vendo é exatamente que nós tínhamos condições de supor que naquela época iria se criar um mundo melhor, um mundo sem a competição, um mundo sem a exploração do homem pelo homem, um mundo sem a exploração racial dos países não brancos, como o Brasil, como os países do Caribe, os países que fizeram parte do sistema colonial. E nós iríamos participar como iguais nesse mundo melhor que se apresentava.

A palavra democracia, então, ficou como sendo uma panacéia que iria resolver todos esses problemas num mundo melhor que ... o que ... inclusive, o Wallace, aquele que foi vice-presidente da república no governo de Roosevelt, escreveu aquele livro *O século do homem do povo*. Então, nós acreditávamos nisso. Era isso que estava se travando naquele momento, era uma batalha para se conseguir conquistar isso. Isso não foi conquistado.

Nós fizemos uma guerra em que morreram 60 milhões de pessoas, das quais 30 milhões de cidadãos soviéticos, que lutaram ... que no fundo, quando nós víamos a luta do exército vermelho nós pensávamos que nós íamos ter depois um ... não vamos dizer assim ... um mundo socialista, mas um mundo em que houvesse reformas em benefício do homem comum ... mas nada disso aconteceu.

3.3. Terceira hipótese

A terceira hipótese é que *Luta Incerta* se constituiu como oposição aos padrões dominantes de “excelência” na tradução. As perspectivas de vitória sobre o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial e de uma nação brasileira livre da ditadura do Estado Novo abrem, aos engajados e aos socialistas, a possibilidade de trabalho cultural transformador. Intelectuais e artistas progressistas se unem para discutir uma nova sociedade que unifique socialismo e democracia.

A editora Flama apresenta sua proposta editorial com uma lista provisória de títulos, encabeçada por um livro “proletário” de Steinbeck, pelo romance *Claire*, de Chardonne, autor então comprometido com o nazismo, e por outros trabalhos, de anarquistas como Philippe e conservadores como Bunin. No romance inaugural da Flama, *In Dubious Battle*, a supressão da epígrafe e a apropriação, em parte simplificadora e em parte formalizadora do estilo de Steinbeck, caracterizam a oposição citada.

Comentaremos primeiramente a epígrafe. Em 1980, Benson e Loftis fazem a leitura, no romance de Steinbeck, de um clima de escuridão e de angústia que relacionam ao inferno de Milton:

There is a darkness in this book that is pervasive. It runs from dark nights of confusion and muttering nightmares, to sullen, cloudy days of rain-soaked mobs, to dimly lit tents and their whispered conspiracies, into the souls of the bitter, suspicious men. This may not be Milton's hell, but it is certainly hell, nevertheless (BENSON; LOFTIS, 1980, p. 223).

Warren French descarta a necessidade da procura de analogias entre uma guerra no céu e uma greve na Califórnia, ao mesmo tempo que expressa um ponto de vista conservador ao dizer que a similaridade entre as batalhas de Milton e Steinbeck, a dubiedade comum a elas, é que ambas são desnecessárias e injustificadas:

Steinbeck prefaces the novel with a quotation from Milton's Paradise Lost, in which the term is used to describe Satan's revolt against God. The reference to Milton has led to a continuous outcropping of often contradictory explications that seek to point out analogies between the war in heaven and the strike in California and particularly between characters in the human and cosmic conflicts.

... the only real similarity between the battles is that both are dubious not in the sense that the outcomes are in doubt but that they are unnecessary and unjustified (STEINBECK, 1992, p. xx).

Reproduzimos a epígrafe tal como se encontra no romance de Steinbeck. Essas nove linhas foram retiradas do começo do livro I de *Paradise Lost*, de John Milton, 1667:

*Innumerable force of Spirits armed,
That durst dislike his reign, and, me preferring,
His utmost power with adverse power opposed
In dubious battle on the plains of Heaven
And shook his throne. What though the field be lost?
All is not lost – the unconquerable will,
And study of revenge, immortal hate,
And courage never to submit or yield:
And what is else not to be overcome? [66]*

E também reproduzimos a versão que aparece na tradução de Pinheiro de Lemos, de 1974:

A força incontável de Espíritos armados
Que se atreveram a repudiar o seu reinado
E a seu poder extremo opuseram um poder adverso
Em incerta batalha nos campos do Paraíso,
Abalando-lhe o trono, E que importa o terreno perdido?
Nem tudo está perdido – a vontade indomável,
A ânsia de vingança, o ódio imortal
E a coragem jamais haverão de se submeter ou render-se,
E assim, o que mais pode haver a conquistar? [72]

Quando Steinbeck escreveu *In Dubious Battle*, Milton já fazia parte da literatura que ouvira, contada por seus pais e irmãs, quando pequeno. *Paradise Lost*, *Pilgrim's Progress*, a

Bíblia, histórias de Robert Louis Stevenson, Alexandre Dumas, Sir Walter Scott, histórias de fadas, mitos e lendas, foram leituras que exerceram forte influência sobre sua imaginação (BENSON, 1984, p. 20).

A terceira hipótese de que *Luta Incerta* colocou-se, como tradução, em oposição à intelectualidade burguesa brasileira, mostra-se por meio de omissões e de modulações que ocorrem no TT. Nem sempre intervenções desta natureza resultam em oposição. Temos instâncias em que a maior liberdade tradutória produz literatura própria. Vamos dar alguns exemplos. O primeiro corresponde às primeiras vinte linhas do primeiro capítulo de *In Dubious Battle*; é a descrição do ambiente de Jim Nolan, seu quarto, envoltório existencial do protagonista que, em alguns dias, deixa o anonimato e finalmente, em sua morte, torna-se público. Neste trecho, que pode ser lido com certa sensação de estranheza, talvez ocasionada pela presença de um empréstimo do inglês e outro do francês, a compactação do TT por Nonnenberg, em relação ao TP, foi de 65%. As omissões, neste caso, responsáveis pelo que chamamos de compactação do texto, não fazem o TT soar estranho ou sem sentido, ao ser lido separadamente, sem ser comparado com o TP. Tampouco no caso de uma leitura comparada com o TP, implicam as omissões visível empobrecimento do TT. Grifamos palavras no TP que descrevem objetos traduzidos de maneiras diferentes sem prejuízo de estilo:

At last it was evening. The lights in the street outside came on and the Neon restaurant sign on the corner jerked on and off, exploding its hard red light in the air. Into Jim Nolan's room the sign threw a soft red light. For two hours Jim had been sitting in a small, hard rocking chair, his feet up on the white bed spread. Now that it was quite dark, he brought his feet down to the floor and slapped the sleeping legs. For a moment he sat quietly while waves of itching rolled up and down his calves; then he stood up and reached for the unshaded light. The furnished room lighted up – the big white bed with its chalk-white spread, the golden-oak bureau, the clean red carpet worn through to a brown warp.

Jim stepped to the washstand in the corner and washed his hands and combed water through his hair with his fingers. Looking into the mirror fastened across the corner of the room above the washstand, he peered into his own small grey eyes for a moment. From an inside pocket he took a comb fitted with a pocket clip and combed his straight brown hair, and parted it neatly on the side. (IDB:9) [208]

Finalmente anoitecera. A rua começava a iluminar-se, e o letreiro de gás néon do restaurante da esquina, em minúsculas explosões, espalhava reflexos avermelhados, que chegavam até ao quarto de Jim Nolan. Há mais de duas horas Jim estava recostado num pequeno **rocking-chair**, com os pés sobre a coberta. Quando a obscuridade invadiu a peça, Jim sentou-se, pôs os pés no chão e friccionou as pernas dormentes. Esperou que a circulação voltasse à

normalidade. Depois, levantou-se e acendeu a luz. O quarto, modestamente mobiliado, apareceu sob a luz crua da lâmpada sem **abat-jour**: uma cama branca, uma mesinha de carvalho, um tapete poído, um lavatório e um espelho.

Jim lavou as mãos e passou os dedos molhados pelos cabelos. Tirou um pente do bolso e, com os pequenos olhos claros fixos no espelho, penteou-se com esmero. (LI:5) [135]

Finalmente, a noite chegou. Os lampiões na rua lá fora se acenderam, o cartaz néon do restaurante da esquina pôs-se a piscar, a luz vermelha forte explodindo no ar, penetrando no quarto de Jim Nolan num matiz mais suave. Há duas horas que Jim estava sentado numa pequena e dura cadeira de balanço, com os pés em cima da colcha branca. Agora que estava escuro, ele baixou os pés para o chão, massageando as pernas dormentes. Por um momento, ficou imóvel na cadeira, enquanto ondas de comichão rolavam para cima e para baixo de suas pernas. Depois, levantou-se e estendeu a mão para o interruptor da lâmpada nua. O quarto mobiliado se iluminou, mostrando a grande cama branca, com sua colcha também branca, a cômoda de carvalho, o tapete vermelho tão gasto que em muitos pontos já virara castanho.

Jim foi até a pia no canto e lavou as mãos, molhando os cabelos e penteando-os com os dedos. Olhou-se no espelho em cima da pia, fitando por um instante os pequenos olhos castanhos. Tirou um pente do bolso interno do paletó e penteou direito os cabelos castanhos lisos, repartindo-os do lado. (ABPL:7) [191]

O segundo exemplo corresponde às quinze linhas iniciais do capítulo XV de IDB. No trecho abaixo, a compactação do TT por Nonnenberg em relação ao TP foi menor que no exemplo anterior, atingindo somente 86%. Uma pintura sutil do outono na Califórnia, das suas cores, temperatura, das nuvens e das chuvas, perpassa o texto de Steinbeck, constrói-se pelos capítulos; esse retrato da vegetação, da paisagem rural, dos fazeres dos homens, no mais das vezes se perde na tradução de Nonnenberg:

They walked out into the clear yellow sunshine. The camp looked bedraggled and grey in the clean light. A litter had accumulated since Burton was gone, bits of paper, strings, overalls hung on the guy-ropes of the tents. Mac and Jim walked out of the camp and across the surrounding field, to the edge of the orchard. At the line of trees Mac stopped. His eyes moved slowly across the horizontal fields of vision. "Look close, Jim," he advised. "It's probably a damn fool thing to go over alone. I know it isn't good sense." He studied the orchard. The long, sun-spotted aisles were silent. There was no movement. "It's so quiet. Makes me suspicious. It's too quiet." He reached to a limb and took down a small, misshapen apple the pickers had left. "God, that tastes good. I'd forgot about apples. Always forget what's so easy." (IDB:332) [153]

Podemos notar no TT abaixo, por Nonnenberg, o desmembramento de um parágrafo em cinco, resultado, em parte, do tratamento dado aos diálogos:

Saíram. Por toda a parte, sob a luz clara do sol, só se via desordem e imundície. Os detritos se haviam acumulado depois da partida de Burton, papéis rasgados e trapos sujos que rolavam pelo chão, roupas velhas que

secavam penduradas às cordas das barracas, davam ao acampamento uma lúgubre aparência de abandono. Mac e Jim encaminharam-se para o pomar. Ao chegar à orla do arvoredo, Mac parou. Parecia preocupado.

– Presta a atenção Jim, – aconselhou. – Talvez não seja prudente irmos sós.

As longas alamêdas, manchadas de sol, estavam silenciosas e tranqüilas.

– Está tudo muito calmo, – prosseguiu Mac. – Calmo demais, desconfio disso.

Levantou o braço e apanhou uma maçã que ficara esquecida.

– Está gostosa. Nem nos lembramos das maçãs. A gente sempre despreza as coisas mais acessíveis. (LI: 266) [126]

Eles saíram para o sol lá fora. O acampamento parecia agora sujo e esquálido na claridade. A confusão se instalara depois que Burton desaparecera. Havia papéis e lixo por toda parte, cordões esticados entre as tendas, com macacões e outras roupas pendurados. Mac e Jim saíram do acampamento e atravessaram o campo adjacente, até a beira do pomar. Mac estacou nesse ponto. Seus olhos esquadrinharam atentamente por entre as árvores.

– Olhe atentamente, Jim. Provavelmente, é uma besteira tremenda irmos até a casa de Anderson sozinhos. Sei que é! – Continuou esquadrinhando o pomar. As longas passagens entre as árvores, manchadas de sol, estavam silenciosas. Não havia qualquer movimento. – Está tudo muito quieto, Jim. Isso me deixa desconfiado. Está quieto demais. – Estendeu a mão para um galho e pegou uma maçã pequena e disforme que os colhedores haviam deixado. – Mas como está gostosa! Tinha-me esquecido completamente do gosto de uma maçã. Estou sempre esquecendo as coisas mais simples. (ABPL:295) [156]

Temos, abaixo, um terceiro exemplo de apropriação; são as primeiras doze linhas do capítulo VI de IDB e correspondem ao primeiro dia da greve. Neste caso, a tradução do período grifado, que é uma observação sobre o outono, poderia ser mais precisa.

The wind swept down the rows, next morning, swaying the branches of the trees, and the windfalls dropped on the ground with soft thuds. Frost was in the wind, and between the gusts the curious stillness of autumn. The pickers scurried at their work, coats buttoned close over their chests. When the trucks went by between the rows, a wall of dust rolled out and went sailing down the wind.

The checker at the loading station wore a sheepskin coat, and when he was not tallying, thrust hands and book and pencil into his breast pocket and moved his feet restlessly.

Jim carried his bucket to the station. (IDB:91) [108]

No trecho abaixo, a tradução propicia um estranhamento: o período grifado não faria muito sentido; fala dos intervalos entre borrascas. Aqui a compactação do TT em relação ao TP atingiu 68%, excluindo um período que se refere aos trabalhadores:

O dia amanhecera frio. O vento soprava no pomar e sacudia os galhos das árvores. Com intervalos de uma estranha quietude outonal, as borrascas já anunciavam o inverno que se aproximava. Os caminhões, quando passavam entre duas filas de árvores, levantavam nuvens de poeira, que o vento levava.

O apontador, com a gola de lã levantada e as mãos nos bolsos, batia os pés com um ar impaciente.

Jim trouxe um balde cheio. (LI: 74) [73]

Analisando mais de perto o período grifado, relacionando-o ao TP, causa estranhamento o emprego do termo “borrascas”, usado no lugar, por exemplo, de “rajadas”. Como podemos observar, as definições dessas duas palavras se imbricam, sendo que “borrasca” tem, como fenômeno natural, maior intensidade. Escolhemos reproduzir, abaixo, o mesmo texto, traduzido por Alfredo Pinheiro de Lemos, trinta anos mais tarde:

O vento soprou pelos pomares na manhã seguinte, balançando os galhos das árvores. As maçãs eram jogadas no chão, com baques suaves. Havia o prenúncio de geada naquele vento. Entre as rajadas, reinava a estranha quietude do outono. Os colhedores apressavam-se em seu trabalho, os casacos abotoados no peito. Quando os caminhões passavam por entre as fileiras de árvores, levantavam uma nuvem de poeira, que o vento impelia em todas as direções.

O conferente entre as árvores usava um casaco de pele de carneiro. Quando não estava tomando suas anotações, metia as mãos, caderninho e lápis nos bolsos, remexendo os pés, impientemente.

Jim levou o seu balde cheio de maçãs até ele. (ABPL:80) [112]

A maioria dos capítulos começa com um parágrafo, ou mais de um, em que a voz do narrador externo situa a paisagem ou os personagens, propondo a atmosfera em que a ação vai se passar. O trecho a seguir finaliza o capítulo VI de IDB, que relata o dia em que a greve eclodiu:

They lay in their room in the dark. Outside the men sat and waited, and the murmur of their voices penetrated the walls and seemed to penetrate the world. Away, in town, a switch engine crashed back and forth making up a train. The night milk trucks rumbled over the highway beside the orchard. Then oddly, sweetly, someone played a few tunes on a harmonica, and the murmur of voices stopped and the men listened. It was quiet outside, except for the harmonica, so quiet that Jim heard a rooster crowing before he went to sleep. (IDB:127) [96]

Deitaram-se, sem nem sequer acender a vela. Ouviam o murmúrio de vozes, da locomotiva em manobras e dos caminhões de leite que passavam pela estrada. O murmúrio de vozes cessou, os homens estavam procurando ouvir alguma coisa. Subitamente tudo serenou e, tão grande foi essa serenidade, que Jim, antes de adormecer, ouviu um galo que cantava ao longe. (LI:105) [58]

A tradução de Nonnenberg, acima, reduziu significativamente o volume do TP com uma compactação de aproximadamente 60%. A exclusão da referência ao som da gaita é mais uma intervenção tradutória de caráter cultural que implica empobrecimento se a leitura da tradução for feita ao mesmo tempo que a leitura do TP. Abaixo, transcrevemos, para referência, a tradução de Pinheiro de Lemos:

Ficaram deitados em seu alojamento, no escuro. Lá fora, os homens esperavam. O murmúrio de suas vozes penetrava pelas paredes e parecia espalhar-se pelo mundo inteiro. Lá longe, na cidade, uma locomotiva de manobras deslocava-se ruidosamente, engatando uma composição. Os caminhões de leite corriam barulhentos pela estrada ao lado do pomar. E então, subitamente, suavemente, alguém tocou uns poucos acordes numa gaita. O murmúrio de vozes cessou e os homens ficaram escutando. Estava tudo em silêncio lá fora, à exceção da gaita. O silêncio era tão grande que Jim ouviu um galo cantar ao longe, pouco antes de adormecer. (ABPL:112) [99]

No final do capítulo VI de IDB, ao voltar do encontro que mantivera com Anderson para assegurar local para os grevistas acamparem, Mac reúne-se com London e os membros do recém eleito comitê de greve. O trecho é quase inteiramente constituído de diálogos:

Mac asked, "Have you heard from the owners yet?"

"Yeah, 'super' came in. Asked if we was goin' back to work. We says 'no.' He says, 'Get the hell off the place by morning.' Says he'll have a trainload of stiffs in here by mornin'."

"He won't," Mac interrupted. "He can't get 'em in before day after tomorrow. It takes some time to hand-pick a bunch of scabs. And day after tomorrow we'll be ready for 'em. Say, London, some guys that call 'emselves a committee tried to run me and Jim out of the Valley. Better pass the word to the guys not to go out alone. Tell 'em if they want to go any place take some friends along for company." (IDB:126) [128]

Podemos observar a peculiar maneira de tratar os marcadores temporais no primeiro parágrafo da tradução e o número de fura-greves no segundo parágrafo do texto de Nonnenberg. a seguir pode-se ler o texto de Pinheiro de Lemos como "termo de comparação":

– E os proprietários, deram sinal de vida?

– Deram. O superintendente de Talbot esteve aqui. Perguntou-nos se não queríamos voltar ao trabalho. Respondemos-lhe que não. Disse-nos então que tínhamos que dar o fora esta noite, pois mandara buscar outros operários em trem especial afim de recomeçar a colheita amanhã à tarde.

– Impossível, – interrompeu Mac. – eles só chegarão depois de amanhã. Não é tão fácil assim recrutar mil trabalhadores. Depois de amanhã estaremos prontos. Sabes, London, fomos atacados na estrada por uns tipos que se diziam representantes de uma comissão qualquer e que nos intimaram a abandonar o vale. Avisa nossos homens para que não saiam sós. (LI:103) [105]

– Os proprietários já entraram em contato com vocês? – perguntou Mac.

– Já. O "super" veio até aqui. Perguntou se íamos voltar ao trabalho. Dissemos que não. Ele mandou então que a gente saísse daqui até amanhã de manhã. Disse que pela manhã chegará um trem carregado de novos apanhadores.

– Isso é impossível, London. Ele não conseguirá arrumar ninguém até depois de amanhã. Demora algum tempo para se recrutar um bando de fura-greves. E depois de amanhã já estaremos prontos para recebê-los. Outra coisa, London: alguns caras que se intitulavam de um "comitê de cidadãos" tentaram

expulsar a mim e a Jim do vale. É melhor avisar aos homens para não saírem daqui sozinhos. Se eles tiverem que ir a algum lugar, que providenciem alguns amigos para acompanhá-los. (ABPL:111) [126]

Novamente, a compactação de Nonnenberg, mesmo em diálogos de interesse político no romance, chega a 84,6% do texto em inglês.

No último capítulo do livro, em mais um trecho em que predominam diálogos, Mac e Jim visitam Al, que foi agredido e teve sua lanchonete depredada por cidadãos de Torgas. Anderson, seu pai, está ausente na cidade; depois do incêndio de seu galpão, da destruição de sua colheita de maçãs e de seu canil, Anderson está disposto a expulsar os grevistas de suas terras. Nesse trecho, a proporção de diálogos é ainda maior em *In Dubious Battle*, chegando quase aos 90%. A tradução de Nonnenberg, embora fazendo a compactação habitual, desta vez quase de 75%, ultrapassou a proporção de diálogos do TO, que ultrapassaram os 90% no TT. Vamos apresentar somente o primeiro parágrafo, com sua tradução por Nonnenberg, e transcrever o texto inteiro, com sua tradução, no APÊNDICE C.

Al cleared one hand from the bedclothes and scratched his cheek. "I'm still with you, Mac. But the old man wants to blast you. He went in this morning to get the sheriff to kick you off'n the place. Says you're trespassin', an' he wants you off. Says he's punished for listenin' to guys like you. Says I can go to hell if I string along with you. He was mad as a hornet, Mac." (IDB:334) [78]

Al passou a mão no rosto.

– Eu continuo com vocês, Mac. Meu pai quer expulsá-los. Hoje de manhã saiu para falar com o “sheriff”. Diz que chega o que já sofreu e que se eu quizer, também posso ir para o inferno com vocês. Estava que era uma fera. (LI:268) [49]

3.4. Aceitabilidade lingüística

A maneira de dar voz aos personagens na tradução de Nonnenberg privilegiou um estilo formal, conservador, usual na época. Dino Pretti, em comunicação ao IV Encontro Nacional de Tradutores (1990), *Tradução e aceitabilidade social das formas lingüísticas*, expõe um raciocínio que vamos acompanhar. O ponto de partida do artigo são considerações sobre traduções do inglês para o português, em projeto coordenado pelo autor: dificuldades com “construções populares, do vocabulário gírio, das injúrias, dos termos obscenos, que ocorriam algumas vezes na tradução dos diálogos.” A indecisão do tradutor, frente a essas dificuldades, quanto a opção tradutória que ele poderia escolher, é comparada por Pretti à:

... situação de uma pessoa que se dispusesse a experimentar vários tipos de roupa, a fim de escolher um deles, mais adequado para um compromisso social qualquer e que devesse fazê-lo na presença de alguém que julgasse da conveniência ou não de determinado traje.

Tal como na moda, estamos na presença de um problema de aceitabilidade social, o que a sociedade julga ou não conveniente, o que aceita ou não como adequado para determinado lugar e hora (PRETTI, 1990, p. 31, grifo nosso).

Pretti prossegue colocando que, “como a moda, os critérios de escolha e de aceitação social na língua variam no tempo e no espaço”, para depois chegar a uma questão que nos interessa particularmente, pelo próprio fato de a escritura de *In Dubious Battle* ter tido lugar em um tempo de intenso confronto social na sociedade norte-americana:

Assim, em épocas mais conflituosas, nos momentos de crise econômica, nos tempos de contestação moral, nas fases de transformações políticas e de lutas de classe, são comuns as alterações desses critérios. O ambiente contestatório é favorável à derrubada dos tabus e das tradições, e a língua é a mais tradicional das instituições sociais. São nesses momentos que o coloquial, o falado, o dialeto popular ganha aceitabilidade maior (PRETTI, 1990, p. 32).

Esta idéia de Pretti fortalece a importância dos diálogos de grevistas e outros personagens, “transcritos” em *In Dubious Battle*. Segundo Steinbeck, em carta para George Albee, os diálogos perfazem próximo de 80% do volume total do livro:

The talk, and the book is about eighty percent dialogue, is what is usually called vulgar. I have worked along with working stiffes and I have rarely heard a sentence that had not some bit of profanity in it. And in books I am sick of the noble working man talking like a junior college professor (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 99).

Embora o uso de linguagem popular não seja novidade na literatura de língua inglesa, não se pode dizer que era comum na América dos anos 30. Em carta para sua agente literária, antes do livro ser impresso e distribuído, Steinbeck tece comentários sobre a linguagem de seu romance, ressaltando que a fala dos trabalhadores é um pouco ofensiva para senhoras finas, mas que isso não é verdadeiramente importante, e que está cansado da falsificação usual na literatura a esse respeito. Também elabora sua percepção da linguagem dos operários no que ela tem de universal, transformando a idéia de erro em peculiaridade:

The speech of working men may seem a little bit racy to ladies' clubs, but, since ladies' clubs won't believe that such things go on anyway, it doesn't matter. I know this speech and I'm sick of working men being gelded of their natural expression until they talk with a fine Oxonian flavor.

There are curious things about the language of working men. I do not mean the local idioms, but the speech which is universal in this country among traveling workers. Nearly every man uses it individually, but it has universal

rules. It is not grammatical error but a highly developed speech form (STEINBECK; WALLSTEN, 1975, p. 105).

Steinbeck continua seu raciocínio demonstrando o uso do “g” final em algumas palavras, de acordo com o tipo de sentença e a intenção do falante, e finaliza assim: “This is a pretty carefully done ms. If you will read such a sentence over, aloud, you will see that it naturally falls that way.”

Esclarecida a posição de Steinbeck, voltamos nosso olhar ao TT em 1944 para observar os diálogos. Retomamos, para isso, a comunicação de Pretti no ponto em que é colocada a pergunta sobre a excessiva formalidade em diálogos “transcritos” da vida real para o romance, o que corresponde à contradição que encontramos entre *In Dubious Battle* e *Luta Incerta*:

... como um leitor contemporâneo encararia os excessos de linguagem culta e de rigor gramatical, quando observados, por exemplo, em diálogos literários, em que, muitas vezes, se desconsideravam os registros e a situação de comunicação, na transposição da língua falada. Por outras palavras: como julgaríamos hoje o “purismo” gramatical dos diálogos escritos há cinquenta anos, por exemplo (PRETTI, 1990, p. 35, grifo nosso).

Pretti lança mão de dois exemplos; duas traduções da década de 40: Monteiro Lobato traduzindo *O Lobo do Mar* de Jack London, e Godofredo Rangel traduzindo *A Ilha de Coral* de Robert Michel Ballantyne. Nos dois exemplos adicionamos os TPs:

"I like you too well to hurt you," he said softly - nay, there was a tenderness and a caress in his voice that made me wince. "But don't do it, just the same, for I'd promptly break Mr. Van Weyden's neck." (cap.26)

“– Gosto muito da senhora para magoá-la de qualquer maneira. Respondeu Larsen com uma ternura que me fez estremecer. Mas não o faça, que o Senhor Van Weiden pagaria com a vida.” (p.185)

Diz Pretti: “O uso das estruturas cultas, típicas da língua escrita como “Não o faça” (emprego do pronome demonstrativo neutro referindo-se anaforicamente a uma frase anterior) está fora da expectativa de um leitor moderno.” Acreditamos que isso seja correto atualmente. Na década de 40, no entanto, mesmo se levamos em conta as expectativas de transformações sociais, isto poderia estar dentro das expectativas do leitor (norma subjetiva). A diferença de registro entre o texto de Jack London, de 1904, e o TT, não é pequena. Vejamos o segundo exemplo, cujo TP data de 1858:

"Ah, boys, I've got it now!" exclaimed Jack, rising and cutting a branch from a neighbouring bush, which he stripped of its leaves.

"I recollect seeing this done once at home. Hand me the bit of whip-cord."

“– Oh! Rapazes! Achei! Exclamou Jack erguendo-se; e indo cortar um galho em uma moita próxima, desnudou-o. Recordo-me de haver visto fazerem isto em nossa terra. Dêem-me o cordel.” (p.26)

Podemos notar que o registro dos diálogos traduzidos por Lobato, Rangel e Nonnenberg são, em sua formalidade, parecidos entre si, e que os TOs de Jack London, Ballantyne e Steinbeck têm registros diferentes.

A pergunta de Pretti, que transcrevemos a seguir, não se direciona às falas do TO em suas relações com as “soluções do tradutor”, e sim às “soluções do tradutor” nas suas relações com a língua falada na cultura de chegada:

A pergunta que caberia aqui a propósito desses exemplos é a seguinte: mas há cinquenta anos, quando foram traduzidos esses textos, essas soluções do tradutor representaram bem a língua falada?

De forma alguma. Sabia-se que ninguém falava, nemalaria nesse nível, muito menos em situações de comunicação informais. Então como um bom tradutor teria optado por essas e outras estruturas análogas? E mais: como os leitores aceitaram bem essas soluções, o que se pode comprovar porque a coleção citada [Coleção Terramarear, Editora Nacional] era das mais lidas entre os jovens?

A resposta é bem simples: é que havia uma expectativa de tais formas na linguagem das personagens das obras literárias. Elas correspondiam a um ideal de linguagem que era esperado para a literatura. Por outras palavras: havia uma aceitabilidade social dessas formas lingüísticas na prosa de ficção (PRETTI, 1990, p.36, grifo nosso).

Talvez possamos complementar a resposta propondo que, apesar de notarmos uma condição de aceitabilidade social dessas formas lingüísticas mais formais, isso não exclui a abertura para o experimento com formas populares na ficção não traduzida, o que vinha acontecendo desde a década de 20.

John Milton, em seu artigo: “The nurse’s waist”: *the translator as censor*, fornece outro exemplo de tradução do inglês para o português por Monteiro Lobato. O TO, *Huckleberry Finn*, de autoria de Mark Twain, data de 1885. Usaremos somente os diálogos:

“Hello, you!”

But it didn’t budge. So I hollered again, and then Jim says:

“De man ain’t asleep - he’s dead. You hold still - I’ll go and see.

“He went and bent down and looked, and says:

“It’s a dead man. Yes, indeedly; nakedly too. He’s been shot in the back. I reck’n he’s ben dead two or three days. Come in, Huck, but doan’ look at his face - it’s too gashly.” (MILTON, 1994, p.105) [81]

– Helo! Helo! gritou Jim, sem que obtivesse resposta. Também fiz o mesmo, e nada. Jim resolveu pular a janela, e logo depois exclamava: É um homem! Está morto!... Foi atirado pelas costas, deve fazer uns dois ou três dias. Entre Huck, mas não olhe para o rosto dele. Até assusta a gente. [52]

A observação de J. Milton sobre a produção de um português “sem graça” (pouco atrativo), de classe média, a partir dos diálogos de Mark Twain, de inglês “não standard”, falado por brancos pobres nos EUA, assim se expressa: “*Much detail is omitted and the specific is made concrete. The colourful sub-standard forms of the English of the poor whites of the South are all homogenized to a dull middle-class Portuguese*” (MILTON, 1994, p. 105, grifo nosso).

Outra consideração sobre a tradução de Lobato pode ser feita a partir de sua tradução de *Native Son*, de Richard Wright, em 1941. O primeiro capítulo apresenta um padrão de recurso a omissões, acréscimos e modulações semelhante ao padrão que verificamos em Nonnenberg. No exemplo abaixo, Lobato compacta a fala do narrador em 75%, em uma mediação entre TP e receptor marcada pela substituição do estilo de Wright pelo seu próprio estilo.

Bigger rose and got his cap and followed the woman through the house to the kitchen. The air was full of the scent of food cooking and pots bubbled on the stove (WRIGHT, 1993, p.60). [32]

Bigger levantou-se, apanhou o chapéu e seguiu a criada até á cozinha. O bom cheiro de comida fez-lhe vir agua á boca (WRIGHT, 1941, p.59, grifo nosso). [24]

Na prosa brasileira surgem transcritas as falas proletárias, de trabalhadores rurais ou urbanos, antes da primeira metade dos anos 40. Temos exemplo disso nas obras do regionalismo brasileiro, nas de Monteiro Lobato e dos Modernistas. Antonio Candido¹¹ comenta as formas diferentes, e mesmo opostas, de tratamento dado à expressão inculta do povo, em dois autores da mesma geração: Coelho Neto (1864-1934) e Simões Lopes Neto (1865-1916). Coelho Neto exagera na transcrição fônica da língua inculta e acentua, na narração em terceira pessoa, o desnível cultural entre o narrador culto e o personagem do povo. Esse padrão, que de certa forma persiste na narrativa de Jorge Amado, é quebrado por Simões Lopes Neto. O trecho citado por Candido é a parte final do conto *Contrabando*. A

¹¹ “A Literatura e a Formação do Homem”, conferência na XXIV Reunião da SBPC, S. Paulo, jul. 1972. In: *Ciência e Cultura* 24 (9) : 803-9, 1972



solução aqui foi usar um narrador autodiegético, o velho cabo Blau Nunes, cuja narração não difere dos diálogos, mantendo o registro:

Esta mediação atenua ao máximo o hiato entre criador e criatura, dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Este deixa de ser um ente separado e estranho que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contacto humaniza o leitor (CANDIDO, 1972, p. 808).

Na literatura engajada dos anos 30, no Brasil, a distância ideológica entre narrador e personagem popular diminui como consequência da busca de transcrição menos anedótica, mais articulada e menos espaço para o narrador. *Seara Vermelha*, publicado em 1946, contém diálogos de personagens de extração rural, nordestinos. Uma família de sertanejos faz seu caminho para São Paulo; foram expulsos da fazenda em que trabalhavam. A primeira parada, ao cair da noite, sob um oitizeiro, depois de andarem pela caatinga todo o dia, é seu ponto de encontro com outra família vinda de muito longe, em piores condições, que ali também vai pernoitar:

Vão se aproximando do fogo mas de repente param porque um homem se levantou adiante com uma repetição na mão:

– Quem vem lá?

– É de paz ... – a voz de Jerônimo está cheia de cansaço.

O homem não baixou a repetição mas abrandou a voz:

– Flagelados?

– Nós vai pra São Paulo ... Na fazenda Primavera dissero que a gente podia pousar aqui essa noite ...

João Pedro e Agostinho haviam se juntado a Jerônimo e estavam os três homens em torno ao jumento. O homem da repetição ainda perguntou:

– Vosmecês vêm de longe?

– Inhô, não. Nós tá vindo de pertim, cuma seis léguas daqui.

O homem baixou a repetição murmurando:

– Entences ainda tem mantimento ...

E completou, como numa explicação, ao abrir caminho:

– Nós quase não tem mais ... (AMADO, 1967, p. 70).

Neste pequeno exemplo de 129 palavras, temos 41% de diálogos “populares” e 59% de narração. Isto mostra a diferença da intensidade do uso do diálogo por Steinbeck em *In Dubious Battle*.

Não houve, nos exemplos de Pretti, e tampouco na tradução de Nonnenberg, tentativa

de utilizar uma variante lingüística brasileira para traduzir os diálogos de *In Dubious Battle*. Isso também não aconteceu na tradução do mesmo livro, por Pinheiro de Lemos, em 1974. Fizemos a pergunta ao tradutor, por correio eletrônico, em 13/7/2000: “Como encarou o desafio da tradução das falas de London, Sam, Dan? E as músicas cantadas pelos grevistas?”. A resposta é de 17/7/2000:

Como já tem mais de vinte anos, vou falar de memória. Em primeiro lugar, tive de fazer uma opção. A linguagem dos colhedores itinerantes na Califórnia, na minha opinião, não tinha correspondente no Brasil. Na época em que se passa o livro, inclusive, não havia gente assim no Brasil. Por isso, não tentei encontrar um similar (Comunicação pessoal, grifo nosso).

A posição de Pinheiro de Lemos é mais a regra que a exceção. A passagem do dialeto para um português padrão parece ser a solução mais corrente. Em sua pesquisa da tradução de dialeto, Milton constata que ao estudar as traduções de romances clássicos do inglês para o português, entre 1945 e 1975, descobriu que nunca foram utilizados falares de baixo padrão ou gírias nas traduções (MILTON, 2002, p. 52). Não sabemos se os romances de Steinbeck estariam incluídos; *As Vinhas da Ira* (1940) foge à regra mas está fora do período considerado.

Luta Incerta, traduzida por Nonnenberg, transforma o TO tendo em vista uma forma de discurso político, aceitável para a esquerda brasileira, e transforma os diálogos, também tendo em vista o que era considerado aceitável como forma de discurso literário na época. Destas duas afirmações, a segunda mostra-se mais frágil quando lembramos a publicação de *As Vinhas da Ira*, primeira tradução de Steinbeck no Brasil. A tradução de *The Grapes of Wrath*, por Vinhaes e Caro, em 1940, mereceu uma segunda impressão em 1941, sem modificações ao TT. Formulamos a hipótese, respaldados pelo porte da editora, dos tradutores, do caráter de best-seller mundial do romance, e do fato de que a tradução aparece no mesmo ano da distribuição do filme de John Ford, que a escolha de variantes lingüísticas brasileiras como correspondentes à fala dos grevistas não tenha sido um fato literário inusitado. A formalidade adotada por Nonnenberg em relação aos diálogos depende mais do seu conteúdo político e do público visado, que de padrão de aceitabilidade social na época. Queremos dizer: a formalização pode ter sido mais determinada pelo conservadorismo lingüístico dentro da esquerda que pelo padrão da época. Poderia alguma crítica, vinda da esquerda, à solução adotada por Vinhaes e por Caro, ter influenciado Nonnenberg e Sacchetta?

Outra hipótese é que a aceitação de formas lingüísticas formais na fala de personagens



simples, em situações de comunicação informal nessa época, não admite solução diferente. Nesse caso, a tradução de diálogos de personagens simples (o dialeto sócio-regional pesquisado por Steinbeck) utilizando uma variante lingüística, pode ter sido uma fuga provocativa à regra. Mais provocativo ainda é que não se mantém uma variante lingüística única; experimenta-se na tradução de 1940.

A comprovação de qual dessas duas hipóteses poderia ser verdadeira passa pela pesquisa da recepção de *As Vinhas da Ira*. O resultado de uma análise, feita na época da edição de *As Vinhas da Ira*, da tradução dos diálogos, talvez apresentasse muitos pontos em comum com uma análise feita nos dias de hoje. Selene C. Perez escreve sobre a tradução de Vinhaes e Caro: “Na tradução não aparece um único dialeto marcado. O que se vê é um mixto (sic) de dialeto nordestino, caipira e até urbano” (PEREZ, 1993, p. 31). Na conclusão, Perez explica:

Não há uma coesão do começo ao fim do texto, falta uniformidade. Assim, por exemplo, o tratamento “tu” do dialeto nordestino, além de ser usado com o verbo ora na 2ª., ora na 3ª. pessoa, aparece juntamente com expressões do dialeto caipira, como “não dianta mais”, ficou que nem um servage”, etc., e até com expressões do dialeto urbano neutro, como “talvez fosse bom que Tommy viesse conosco”, ou “para tratar da qual ele não tinha tempo e na qual jamais passará (PEREZ, 1993, p.74).

3.5. Xilogravura de Clóvis Graciano

Contextualizamos a tradução também como um produto. Observamos a capa, que além de ajudar a vender o livro – é um tipo de embalagem – significa uma intrincada relação ideológica com o discurso no texto. A capa expressa uma aliança que se manifesta em épocas revolucionárias: a colaboração entre revolucionários e artistas. O livro como artefato é ambíguo. Contrasta a bela capa de Clóvis Graciano com o miolo do livro, com seus senões, com o élan de se estar publicando sob duas guerras: a interna e a externa.

Clóvis Graciano¹², nascido em Araras, SP em 1907. Falecido em 1987. Graciano iniciou-se na pintura pelo trabalho de pintar tabuletas de sinalização de estradas-de-ferro no

¹² Fonte: *Museus Brasileiros*, vol. 6, Edição Funarte, Rio, 1982.



interior de São Paulo.

Durante o início dos anos 30, estudaria dois anos com Valdemar da Costa, além de frequentar o curso livre de desenho na Escola de Belas-Artes. Instalou seu ateliê no Palacete Santa Helena. Neste local participa do Grupo Santa Helena, que tem como temas principais a paisagem, a natureza-morta, os casarios populares, as festas e as quermesses. O grupo é formado por artistas, como ele, vindos da classe operária: Alfredo Volpi, Francisco Rebolo, Mário Zanini, Aldo Bonadei, Fúlvio Pennachi e outros.

A capa de *In Dubious Battle* de 1992 expressa a aliança entre artistas e escritores engajados, agora em uma colagem de reconstituição histórica; recriação de interações entre produto, crítica, relações entre narrativa histórica e narrativa literária, fotógrafos que participavam dos programas do governo americano de levantamento de sua história social. Capa inimaginável em 1936. O corte da fotografia oculta a linha horizontal com seus elementos e se concentra em um grupo de trabalhadores rurais de origem mexicana (segundo a informação na quarta capa do livro) aboletados na carroceria de um velho caminhão. Eles seguram um cartaz que diz: “Desarmem os fazendeiros ricos ou armem os trabalhadores para auto defesa”. O caminhão possivelmente é parte de uma ação coletiva, comboio ou carreata, e agora está parado, como para uma pose. Os trabalhadores seguram o cartaz cuidadosamente para que fique na vertical e seus dizeres possam ser fotografados com eficiência. O ponto mais importante da fotografia é o cartaz, ou seja, seu texto. A fotografia trata de uma mensagem dos trabalhadores em greve, para o governo, para a população; uma denúncia da ação armada dos patrões contra suas reivindicações salariais.

Ainda outro exemplo é a capa de *Luta Incerta* de 1974, traduzido por Alfredo Pinheiro de Lemos e editado pela Record, produzido na época da ditadura de 64-83, que não é mais que um desenho de aparência comercial. Não há referência ao seu autor no miolo ou nas capas do livro.



Conclusão

O núcleo inicial de nossa dissertação foi uma análise estrutural de uma tradução do romance *In Dubious Battle*, de Steinbeck, 1936. A tradução disponível foi a de Gustavo Nonnenberg, *Luta Incerta*, de 1944. A análise utilizou “as modalidades de tradução”, uma reformulação proposta por Aubert (1984) para o modelo Vinay e Darbelnet (1958, 1977), as quais aplicamos a um *corpus* de 538 itens lexicais do TP e seu correspondente no TC. No decorrer dessa análise, chamou-nos a atenção algumas discrepâncias na tradução, principalmente sob a forma de acréscimos, que nos levaram a formular a hipótese que o TC apresentava um viés político em relação ao TP. Sentimos necessidade de situar historicamente o TC para melhor compreender os motivos que levaram o tradutor a fazer o tipo de intervenção com que nos deparamos. Quanto ao TP, fizemos uma releitura da crítica historicista de Benson e Loftis.

Jack Benson e Anne Loftis realizaram um estudo do contexto de produção do TP, publicado em 1980, com a intenção inicial de reconhecer na ficção de Steinbeck os elementos da realidade histórica usados pelo autor na construção do “melhor romance da literatura em língua inglesa, sobre uma greve”. O artigo – *John Steinbeck and Farm Labor Unionization: The Background of In Dubious Battle* – fornece dados importantes para a compreensão das questões políticas ligadas ao romance, principalmente uma visão mais aprofundada do autor como ser ideológico.

A nossa pesquisa teve duas vertentes principais que corresponderam a necessidades reais: o conhecimento das condições de produção do TC, e a resolução de um problema que parecia envolver a tradução de Nonnenberg – sua qualidade.

A pesquisa do contexto histórico da produção de *Luta Incerta* desvela dois grandes cenários: a ditadura estado-novista e a Segunda Guerra Mundial. O Brasil do Estado Novo oferece aspectos fascinantes e cruéis: o desenvolvimento da burguesia industrial, a inclusão de grandes massas trabalhadoras, o aumento da oferta de educação pública, por um lado, e, por outro, a exclusão dos intelectuais e outros setores alinhados com os socialistas e comunistas, o controle da sociedade civil, a arbitrariedade da polícia política, a censura aos meios de comunicação. A Guerra Mundial reflete no Brasil seu fluxo e refluxo: de 1939 a 1941 o

predomínio do Eixo, que conta com o apoio de parcelas significativas de militares e civis brasileiros, e, a partir de 1942, o gradual avanço dos Aliados, implicando abandono de posições prévias. A guerra vai também modificar hábitos de consumo; vai penalizar a importação de livros e de papel. Como consequência da censura e das dificuldades de importação, temos um acentuado aumento da publicação de traduções de literatura estrangeira.

Apesar de que a questão da qualidade do TC veio imediatamente à discussão, também ocorreu uma apropriação de noções tradutórias que privilegiam a cultura de chegada; isso, aliado à leitura das condições da produção de *Luta Incerta*, a leitura de outras peças literárias e de crítica produzidas na mesma época e lugar, tudo isso contribuiu para transformar nosso entendimento do que poderíamos chamar de nível de qualidade do TC.

Preocupados, inicialmente, com o fato de trabalharmos apenas com uma tradução de *In Dubious Battle*, continuamos a procurar por um exemplar da tradução feita por Pinheiro de Lemos em 1974. Mesmo que sua compra só pudesse ter sido efetuada mais tarde, foi ela de muito valor na análise do trabalho de Nonnenberg. Em julho de 2000, mantivemos fecundo contato com o tradutor por correio eletrônico.

A busca do contexto histórico da tradução levou-nos a contatos com estudiosos, teóricos e pessoas que viveram a época em que esta foi elaborada, o que contribuiu muito para uma percepção matizada desses anos. O trabalho em arquivos, hemerotecas e bibliotecas em S. J. Rio Preto, São Paulo, Assis e Campinas, foi fundamental para completar a leitura dessa época.

Das hipóteses estabelecidas, a primeira – a tradução não era somente uma versão mais radical do TP, mas uma tradução política *per se* – pode ser comprovada pela inserção que foi feita, de informação adicional, que não consta do TP, sobre dois acontecimentos históricos mencionados no texto: a *quinta-feira sangrenta* e a *marcha do bônus*; informação de fatos acontecidos há mais de oito anos da data da publicação de *Luta Incerta*. Também a ligação que descobrimos entre a editora Flama e Hermínio Sacchetta, jornalista e militante de esquerda, depois seu diretor literário, ajudou a formar a *gestalt* que nos faltava da editora.

A segunda hipótese – a tradução se configurou como literatura de formação para alguns setores da sociedade – pode ser comprovada pela importância do livro em geral como fator formativo na época: o grande esforço, do governo e da sociedade civil, no sentido de criar

bibliotecas e difundir o hábito de leitura, que começamos a pesquisar em publicações (*Revista da Academia Paulista de Letras*) e na correspondência do diretor literário da editora Flama.

A terceira hipótese – que a tradução foi um rompimento com os padrões de tradução da época – pode ser comprovada avaliando o texto traduzido em relação à discussão em torno do que seria uma boa tradução na primeira metade da década de 40. Esse debate, pelo que pudemos constatar, contrapõe tendências antigas (que sobrevalorizam o conhecimento da língua da cultura de chegada, em relação ao conhecimento da língua da cultura de partida) a tendências modernas (que valorizam o rigor e o conhecimento das línguas das culturas de partida e de chegada). A falta de rigor, que pode expressar-se pela omissão indiscriminada de parágrafos, e, no caso de *Luta Incerta*, na omissão da epígrafe de *In Dubious Battle*, pode também ser encarada como recurso tendo em vista a redução do número de páginas, para que o livro se conformasse a um padrão econômico, o que não era incomum na época, pois uma das características desse período de guerra mundial foi justamente a escassez de papel. Um estudo das características da tradução daquela época no Brasil poderia verificar o que condiciona a liberdade que o tradutor se dá (uma possível prática comum na primeira metade dos anos 40) compactando ou simplesmente omitindo partes do TP, ou seja, quais seriam os impulsos para essas intervenções no TP – políticos, de estilo, economia de espaço, e outros.

A pergunta sobre a relação entre crise social e engajamento de artistas e intelectuais, particularizada em Steinbeck, é em parte respondida por sua produção literária. Steinbeck sempre se ressentiu da cobrança (patrulhamento ideológico) a que foi submetido depois de seus romances sociais dos anos 30; a guerra, com o gradual enriquecimento da sociedade americana, transformou seu engajamento em patriotismo. A fama e o dinheiro fazem de Steinbeck uma personalidade pública que aos poucos se alinha com os conservadores, ao ponto de abertamente defender a política norte-americana no Viet-Nam nos anos 60.

A nossa questão sobre engajamento social na tradução foi sendo construída, desde o começo da pesquisa, a partir da percepção de uma tradução engajada (politicamente de esquerda, de cunho socialista) de um texto engajado socialmente. Embora não conseguíssemos encontrar, inicialmente, um padrão igual na literatura disponível, localizamos outro tipo de engajamento, como o de Venuti, que contesta a tradução com propósito de apresentar o texto de partida como se tivesse sido escrito na língua da cultura de chegada, com todas as conseqüências que essa aculturação traz. Tivemos contato com trabalhos de

Tymoczko e Lefevere que levantam a problemática da tradução engajada. Tymoczko pesquisa o movimento tradutório irlandês. São traduções para o inglês de literatura irlandesa antiga, que fizeram parte da resistência ao colonialismo britânico, resultando em rebelião armada ao Império, o que levou à formação do Estado irlandês e o fim do domínio colonial na maior parte da Irlanda.

É o trabalho de Lefevere, no entanto, sobre traduções para o inglês de *Mãe Coragem*, de Brecht, que importou o paralelo mais convincente com a nossa pesquisa. São traduções engajadas (em políticas conservadoras ou de esquerda) de literatura engajada em políticas socialistas. Se, por um lado, a tradução de Manheim (1972) se alinha politicamente com a tradução de Nonnenberg (1944), as traduções de Hays (1941) e de Bentley (1967) expõe a possibilidade de uma tradução engajada de cunho conservador.

O caso apresentado no Brasil estado-novista é diferente. Pelos dados coletados, não parece ter havido um movimento de tradução engajada, unificado com a esquerda. Faz-se necessária uma pesquisa da produção das editoras de tendência socialista para que possamos verificar essa possibilidade. A editora Flama tinha pretensões políticas limitadas; foi uma empresa comercial, embora, ao que parece, tivesse posto em prática uma política editorial progressista e consistente. Só um levantamento mais aprofundado de sua produção, para verificar o que foi editado, conferir discrepâncias entre títulos anunciados e os que realmente foram publicados, pode dar-nos uma visão mais clara do que ela significou politicamente.



Referências bibliográficas

- AMADO, J. **Vida de Luís Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1945.
- _____. **Seara vermelha**. 14. ed. São Paulo: Martins, 1967.
- _____. **Terras do sem fim**. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ANDRADE, M. **Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.
- ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- ASTRO, R.; HAYASHI, T. **Steinbeck: the man and his work**. Corvallis: Oregon State University Press, 1972.
- AUBERT, F. H. Translation modalities: a descriptive model for quantitative studies in translatology. In: **Romansk Forum**. Oslo, University, n.6, p.3-28, dez. 1995.
- AUBERT, F. H. et al. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. **Tradução e Comunicação**, São Paulo, Álamo, n.º. 4, p.71-82, julho 1984.
- BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução Rita Buongiorno, Pedro de Souza. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- BASBAUM, L. **História sincera da república**. 4. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976. v.4.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Ed.) **Translation, history and culture**. New York: Pinter, 1990.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. **Constructing cultures**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.
- BASTIDE, R. **Arte e sociedade**. Tradução Gilda de Mello e Souza. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- BENSON, J. J. **The true adventures of John Steinbeck, writer: a biography**. New York: Viking Press, 1984.
- BENSON, J. J.; LOFTIS, A. John Steinbeck and farm labor unionization: the background of In Dubious Battle. **American Literature**, Duke University Press, v.52, n. 2, p.194-223, May 1980.
- BUKHARIN, N. I. **How it all began**. Tradução George Shriver. New York: Columbia University Press, 1998. Reviewed for H-Russia by David G. Rowley, University of North Dakota. N. I. Bukharin: Subversive. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/serap/reviews.htm#Bukharin>>. Acesso em: 1 maio 2002.
- CALIL, C. A.; MACHADO, M. T.(Org.) **Paulo Emilio: um intelectual na linha de frente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANDIDO, A. Literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.24, n.9, p.803-809, 1972.
- _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- CARNEIRO, M. L. T. **Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas.** São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CAUGHEY, J. W.; MAY, E. R. **A history of the United States.** Chicago: Rand McNally, 1965.
- COSTA, C. **Pequena história da república.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- COUTINHO, A. **Notas de teoria literária.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CUNHA, F. **A luta literária.** Rio de Janeiro: Lidador, 1964.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história.** São Paulo: Ática, 1998.
- EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução.** São Paulo: UNESP, 1997.
- ECO, U.; POE, E.; BELINSKI, A.; MARX, K.; ENGELS, F. **Socialismo y consolación.** Barcelona: Tusquets, 1970.
- ENGELS, F. **Letters from Engels to Margaret Harkness in London, april 1888.** Selected Correspondence. Transcribed: Dougal McNeill in 2000. Moscow, 1953. in Marxists Internet Archive. Disponível em: <<http://www.marxists.org>>. Acesso em 3 abr. 2002.
- FERNANDES, F. **Elementos de sociologia teórica.** São Paulo: Ed. Nacional, 1970.
- FRANCASTEL, P. Problemas da sociologia da arte. In: **Sociologia da arte II.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- GERTEL, N. Jornalistas contam a história. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 10 de jan. 1979. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/folha/>>. Acesso em 16 jan. 2002.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história.** São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.
- HERMANS, T. The translator's voice in translated narrative. **Target**, v.8, n.1, p.23-48, 1996.
- KONDER, L. **Os marxistas e a arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LAJOLO, M. **O que é literatura.** 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LEMOES, A. B. P. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagens recebidas por <trilhaecolog@alternex.com.br> em 13 e 27 jul. 2000.
- LINK, A. S. **História moderna dos Estados Unidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- LINS, A. **Teoria literária.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.
- MARTINS, W. **História da inteligência brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1977-78. vol. 7.
- MARX, K. ; ENGELS, F. **The holy family or critique of critical criticism.** Frankfurt, 1845. In: Marxists Internet Archive. Disponível em: <<http://www.marxists.org>>. Acesso em 3 abr. 2002.
- MILTON, J. **O poder da tradução.** São Paulo: EDUSP, 1994.
- MILTON, J. The nurse's waist: the translator as censor. in **Przeklad**, Katowice, pp.141-146, 1994
- MILTON, J. As traduções do *Clube do Livro*. **TradTerm**, São Paulo, v.3, p.47-65, 1996
- MILTON, J. **O Clube do Livro e a tradução.** Bauru: EDUSC, 2002.



MILTON, J. **Paraíso perdido**. Tradução Antonio J. De Lima Leitão. Lisboa: Typ. De J. M. R. e Castro, 1840, v. 1

MILTON, J. **Paraíso perdido**. Tradução Antonio José Lima Leitão. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, Editores, 1949. (Clássicos Jackson, v.13).

MILTON, J. **Poetry & prose**. Oxford: Clarendon Press, 1955.

MOURA, C.: depoimento [jul. 1999]. Entrevistador: Guy E. de Hollanda. São Paulo. 2 fitas cassete (120 min), mono.

NASCIMENTO, D. O. **Dossiê Sérgio**: o ateneu como romance de formação. 2000. Tese (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/bib/teses/t42781.html>>. Acesso em 8 jun. 2001.

PAES, J. P. **Tradução**: a ponte necessária. São Paulo: Ática, 1990.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PEGASOS. **Eugène Sue (1804-1857) - real name Marie-Joseph Sue**, 1999. Disponível em: <<http://www.kirjasto.sci.fi/>>. Acesso em: 20 ago. 2001.

PEREZ, S. C. **Grapes of wrath**: um exemplo de tradução de variantes lingüísticas. 1993. 82 f. Tese (Mestrado) – FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo. Disponível em: <<http://www2.usp.br/publishing/insite.cgi>>. Acesso em: 20 jul. 2002.

PRETTI, D. **Tradução e aceitabilidade social das formas lingüísticas**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 4, 1990, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: [s.n.], 1990. p.

RIDEOUT, W. B. **The radical novel in the United States, 1900-1954**. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

ROBINSON, D. **The translator's turn**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

RYAN, M. L. Postmodernism and the doctrine of panfictionality. **Narrative**, Ohio State University, v. 5, n. 2, p.165-187, May 1997.

SANDRONI, C. ; L. **Austregésilo de Athayde**: o século de um liberal. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SCHWARTZMAN, S. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984.

SERGE, V. **Literatura e revolução**. São Paulo: Ensaio, 1989.

SILVA, H. **1942**: guerra no continente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

SIMKINS, W. S. **John Steinbeck Page**. In: The University of Southern Mississippi. Disponível em: <<http://ocean.st.usm.edu/>>. Acesso em: 12 jan.2002.

SISCAR, M. A. **Interpretações do presente**. 1997. Comunicação pessoal. Curso de crítica literária, Prof. Daghlian, UNESP, S. J. R. Preto.

SODRÉ, N. W. **Memórias de um escritor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.



STEINBECK, E.; WALLSTEN, R. **Steinbeck: a life in letters**. New York: Viking Press, 1975.

STEINBECK, J. **In dubious battle**. New York: Penguin Books, 1992.

STEINBECK, J. **Luta incerta**. Tradução Gustavo Nonnenberg. São Paulo: Flama, 1944.

STEINBECK, J. **Luta incerta**. Tradução A B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, [1974]

TROTSKY, L. **The German Puzzle**. Tradução David Thorstad. Turquia, ago. 1932. In: Communications for a Sustainable Future. Disponível em: <<http://csf.colorado.edu>>. Acesso em 10 abr. 2001.

TYMOCZKO, M. Translation and political engagement: activism, social change and the role of translation in geopolitical shifts. **Translator**, St Jerome, Manchester, v. 6, n. 1, 23-47, 2000.

TYMOCZKO, M. Translation, History, Politics, Censorship Roundtable. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 2001, Belo Horizonte. Documento não publicado, 2001, p.4.

VENUTI, L. **The scandals of translation**. London: Routledge, 1998.

VINAY, J. P. La traducción humana. In: MARTINET, A. **Tratado del lenguaje**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976, v.4.

WEISSBROD, R. Translation research in the framework of the Tel Aviv School of Poetics and Semiotics. **Meta**, XLIII, 1, 1998. Disponível em: <<http://www.erudit.org/erudit/meta/v43n01/weissbrod/weissbrod.html>>. Acesso em jan.2002.

WEFFORT, F. C. **Origens do sindicalismo populista no Brasil**. Estudos Cebrap 4. Abril/junho 1973 São Paulo: Ed. Brasiliense, 1973.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WRIGHT, R. **Filho nativo**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Nacional, 1941.

WRIGHT, R. **Native Son**. New York: HarperPerennial, 1993.

WYLER, L. *A tradução no Brasil: ofício invisível de incorporar o outro*, 1995. 221 p. Tese (Mestrado) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WYLER, L. Brazilian tradition. In: (Ed.) Mona Baker. **Routledge encyclopedia of translation studies**, London: Routledge, 1997, p. 326 - 332

WYLER, L. **A research project in translation**. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE TRADUÇÃO & I ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO, Universidade de São Paulo, 1998, São Paulo. **Anais...**



Bibliografia consultada

- AMADO, J. **São Jorge dos Ilhéus**. 20. ed. São Paulo: Martins, 1970.
- ANDRADE, M. **Itinerários**: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- ANDRADE, M. **Portinari, amigo mio**: cartas de Mário de Andrade a Portinari. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- ARROJO, R. Literariness and the desire for untranslatability: some reflections on Grande Sertão Veredas. in: **TEXTconTEXT**, Heidelberg, v.5.2, p.75-81, 1990.
- BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. **The formal method in literary scholarship**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**. São Paulo: Pontes, 1990.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASSNETT, S. **Translation studies**. London: Routledge, 1992.
- BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. **Post-colonial translation**: theory and practice. London: Routledge, 1999.
- BEAUGRANDE, R.; SHUNNAQ, A.; HELIEL, M. H. (Ed.), **Language, discourse and translation**: in the west and middle east. Amsterdam: J. Benjamins, 1994.
- BIGUENET, J.; SCHULTE, R. (Ed.) **The craft of translation**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- CANDIDO, A. **Teresina, etc.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1996.
- CARONE, E. **A segunda república**. São Paulo: DIFEL, 1974.
- _____. **Movimento operário no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1979.
- _____. **O PCB**: (1943 – 1964). São Paulo: DIFEL, 1982. v. 2.
- CATFORD, J. C. **A Linguistic theory of translation**. London: Oxford University Press, 1965.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato**: vida e obra. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- EDWARD, L. **A palavra e os dias**: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. São Paulo: Ed. UNESP; Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- FRENCH, W. **A literatura americana e o prêmio Nobel**. Tradução Breno Silveira. São Paulo: Cultrix, 1971.
- GENTZLER, E. **Contemporary translation theories**. London: Routledge, 1993.
- GOHN, C. A. O envelhecimento ideológico de uma tradução literária: inevitabilidade ou opção?. **Revista de Estudos Germânicos**, Belo Horizonte, UFMG.

- HAYES, C. J. H. **A political and cultural history of modern europe**. New York: Macmillan, 1944.
- HENRIQUES, A. **Ascensão e queda de Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro: Record, 1966. v.2.
- HILTON, S. E. **O Brasil e a crise internacional (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- IEREMEEV, L. **A URSS na segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Revan, 1985.
- LARANJEIRA, M. **Poética da tradução**. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 1993.
- LIMA, L. C. **A metamorfose do silêncio**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LOBATO, M. **Cidades mortas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1948.
- MALRAUX, A. **La condition humaine**. Paris: Bordas, 1974.
- MOLLES, O. **Piquenique classe C**. São Paulo: Boa Leitura, [1950]
- MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.
- MORAES, F. **Olga**. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.
- MORENO, S.; OLIVEIRA, P. Da servilidade da tradução subversiva: servir a quem, por quê? **Alfa**, São Paulo, v.44, n. esp., p.131-155, 2000.
- NIRANJANA, T. **Siting translation: history, poststructuralism, and the colonial context**. Berkeley: University of California Press, 1992.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **The meaning of meaning**. London: Routledge & Kegan Paul, 1923.
- ORWELL, G. **A revolução dos bichos**. Tradução Heitor Ferreira 17. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.
- PAZ, O. **O ogro filantrópico**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- PAZ, O. **Traduccion: literatura y literalidad**. Barcelona: Tusquets, 1990.
- PEIXOTO, A. V. A. **Getúlio Vargas, meu pai**. Rio de Janeiro: Globo, 1960.
- PRADO JUNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1967.
- PRENDERGAST, C. Circulating representations: new historicism and the poetics of culture. **SubStance**, University of Wisconsin, n.88, p.90-104, 1999.
- RAJAGOPALAN, K. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e da pós-modernidade. **Alfa**, São Paulo, v.44, n. esp., p.123-130, 2000.
- RAMOS, G. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ROBINSON, D. **Translation and taboo**. Illinois: Northern Illinois University Press, 1996.
- RODRIGUES, C. C. Tradução e práticas político-culturais. **TradTerm**, São Paulo, v.1, p.49-56, 1994.
- RÓNAI, P. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.



- SADOUL, G. **Historia del cine mundial**. Mexico: Siglo Veintuno, 1977.
- SILVA, H. **1935: a revolta vermelha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, v.8.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- STEINBECK, J. **The grapes of wrath: text and criticism**. 2nd ed. New York: Penguin Books, 1997.
- STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. Tradução Herbert Caro e Ernesto Vinhaes. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, [1984]
- STURROCK, J. (Ed.), **Structuralism and since: from Lévy-Strauss to Derrida**. Oxford: Oxford University Press, 1992
- TÁTI, M. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- THE POETICAL works of John Milton. London: T. Nelson, 1868.
- THORP, W. **Literatura americana no século vinte**. Tradução Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Lido, 1965
- TRILLING, L. **Literatura e sociedade**. Tradução Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Lido, 1965.
- TROTSKY, L. **Literatura e revolução**. Tradução Moniz Bandeira. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980
- TYMOCZKO, M. **Translation in a postcolonial context**. Manchester: St. Jerome, 1999.
- VENDRYES, J. **Language: a linguistic introduction to history**. Tradução Paul Radin. London: Routledge & Kegan Paul, 1925.
- VENUTI, L. A tradução e a formação de identidades culturais. In: **Linguagem e identidade**. São Paulo: Fapesp/Faep/Unicamp, 1998.
- VOSSLER, K. **The spirit of language**. London: Kegan, 1932.
- VINAY, J. P. **Comparative stylistics of french and english**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995
- WADE, R. C.; WILDER, H. B.; WADE, L. C. **A history of the United States**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.
- WYLER, L. Uma perspectiva multidisciplinar da tradução no Brasil, In: MARTINS, M. A. P. (Org.) **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna 1999, p.96-104.
- ZANINI, W. **A arte no Brasil nas décadas de 1930-40: o Grupo Santa Helena (GSH)**. São Paulo: Nobel, EDUSP, 1991.



APÊNDICE A — *Corpus* de 538 itens lexicais extraído do capítulo VIII de *In Dubious Battle*, páginas 149 e 150, excluídas as partes narrativas, no qual foi aplicado o modelo de Vinay e Darbelnet (1995), reformulado por Aubert (1984, 1998).

Modalidades de tradução, com seus códigos, utilizadas no modelo:

01	omissão
02	transcrição
03	empréstimo
04	decalque
05	tradução literal
06	transposição
07	explicitação
08	modulação
09	adaptação
10	tradução inter-semiótica
11	acréscimo
12	erro
13	correção
68	transposição com modulação
62	transposição com transcrição
63	transposição com empréstimo
65	transposição com tradução literal
67	transposição com explicitação
69	transposição com adaptação

- 1 (06b.01) "You (05.01) 're (05.04) a mystery to me, (06a.01) too, (05.01) Doc."
- *O Senhor também é um mistério para mim, doutor.*
- 2 (06a.01) "Me? (05.02) A mystery?"
- *Eu? Um mistério?*
- 3 (05.01) "Yes, (06a.01) you.
- *Sim, o senhor.*
- 4 (06b.01) You (06a.03) 're not a (06b.02) Party man,
O senhor não é de+ o partido
- 5 (08.01) but (06a.02) you work (68.02) with us (01.03) all the time;(08.06) you never get anything for it.
e trabalha gratuitamente para nós.
- 6 (06b.04) I don't know (05.01) whether (06a.02) you believe (08.07) in what we're doing or not,
Não sei se acredita no que faz,
- 7 (06b.03) you never say, (08.03) you just work.
não diz nada, limita-se a trabalhar.
- 8 (08.07) I've been out with you before,
Já tive a ocasião de vê-lo trabalhando
- 9 (05.01) and (08.04) I'm not sure you believe (05.01) in (08.01) the (05.01) cause (01.02) at all.
e às vezes me parece que o senhor não acredita em nossa causa.



10 (06b.04) It would be hard (05.02)to say. (08.08) I could tell you some of the things (06a.02) I think;
É difícil dizer. Se eu revelasse a vocês certas coisas que penso,

11 (05.01) you (06a.04) might not like them.
vocês talvez não gostassem.

12 (06a.02) I'm (06b.07) pretty sure you wouldn't like them.
Estou quase certo de que não gostariam

13 (01.02) "Well, (08.05) let's hear them, anyway."
- Fale (11.01) doutor.

14 (01.01) "Well, (06b.02) you say (06b.05) I don't believe in (05.02) the cause.
Diz que não acredito em+ a causa (11.02) de vocês.

15 (08.07) That's like not believing in (07.02) the moon.
Isso seria a mesma coisa do que negar a existência de+a lua.

16 (06b.03) There've been (06b.01) communes (08.01) before
As comunas (11.03) e os comunistas sempre existiram

17 (05.01) and (06a.03) there will be (08.01) again
e sempre existirão.



- 18 (05.01) But (06a.02) you people (08.03) have an idea (05.01) that (08.06) if you can establish the thing,
Mas vocês pensam que, uma vez instaurado o regimen pelo qual lutam,
- 19 (08.05) the job'll be done.
terão cumprido sua missão.
- 20 (65.02) Nothing stops, (02.01) Mac.
(11.03) É um erro Mac, (11.03) nada é definitivo, nada estaciona.
- 21 (05.01) If (06b.03) you were able (06a.06) to put an idea into effect (65.01) tomorrow,
Se amanhã vocês conseguirem implantar uma idéia,
- 22 (07.01) it (06b.05) would start changing right away.
a idéia e o resultado logo modificar-se-ão.
- 23 (08.01) Establish (05.02) a commune, (08.07) and the same gradual flux will continue.
Experimentem criar uma 'comuna' (11.01) modelo e verão; lentamente o fluxo continuará sua obra.
- 24 (05.01) "Then (06a.01) you (06b.05) don't think (08.02) the cause is good?"
Então o senhor acha que nossa causa não é boa?
- 25 (06b.02) "You see? (09.11) We're going to pile up on that old rock again.
Aí está! Já estamos fora do assunto.
- 26 (06b.03) That's why (05.01) I (06a.03) don't like (05.01) to (08.03) talk (01.02) very often.
Por isso que eu não gosto de discutir.



- 27 (06b.03) Listen to me, (02.01) Mac. (05.02) My senses (06a.02) aren't (08.02) above reproach, (05.01) but (06b.05) they're all I have.
Ouçã Mac. Meus sentidos não são perfeitos, mas é tudo quanto possuo.
- 28 (06b.04) I want to see (05.01) the (65.01) whole (05.01) picture (08.05) as nearly as I can.
Quero ver o quadro todo, e com a maior nitidez possível.
- 29 (06a.04) I don't want (08.06) to put on the blinders of (05.03) 'good' and 'bad', (08.02) and limit (05.02) my vision.
Não quero saber de etiquetas com as palavras bom' e 'mau', que prejudicariam minha visão.
- 30 (05.06) If I used the term 'good' (08.01) on (05.02) a thing
Se eu empregasse a palavra 'bom' para uma coisa,
- 31 (76a.03) I'd lose (08.02) my (05.01) license (08.01) to (07.01) inspect (05.01) it,
perderia imediatamente o direito de examiná-la, de julgá-la,
- 32 (05.01) because (08.06) there might be bad in it.
porque ela poderia conter algum elemento 'mao'.
- 33 (08.04) Don't you see? (06a.11) I want to be able to look at the whole thing.
Você me compreende? Quero ver o quadro inteiro.
- 34 (06b.02) How about (06a.01) social (05.01) injustice? (68.01) The profit (05.01) system?
E a injustiça social? E o sistema capitalista?



- 35 (06b.01) You (05.02) have to (08.03) say they're (05.01) bad."
O senhor tem que reconhecer que são más.
- 36 (02.01) Mac, (08.03) look at (06a.01) the physiological (05.01) injustice,
Mac, não se esqueça de +a injustiça fisiológica,
- 37 (08.01) the (05.03) injustice of tetanus, (01.02) the injustice (08.01) of (05.01) syphilis
de+a injustiça do tétano, da sífilis,
- 38 (05.01) the (06a.01) gangster (05.01) methods (06a.01) of (68.01) amoebic (08.01) dysentery -
os métodos dos gangsters de+as moléstias microbianas....
- 39 (08.02) that's (05.02) my field.
e só falo de minha especialidade.
- 40 (06a.01) Revolution (05.01) and (06a.01) communism (08.02) will cure (06a.01) social (05.01) injustice.
A revolução e o comunismo acabarão com a injustiça social.
- 41 (01.01) "Yes, (08.02) and disinfection (05.01) and (06a.01) prophylaxis (08.02) will prevent (05.02) the others."
Assim como a higiene e a profilaxia acabarão com as outras.
- 42 (06a.02) "It's (05.01) different, (06b.01) though; (06a.01) men (05.01) are (08.02) doing one,
Mas é diferente. Os homens são responsáveis pela primeira,

- 43 (01.01) and (06a.01) germs (08.04) are doing the other.”
os germens pelas outras.
- 44 (06a.04) I can't see (01.01) much (05.01) difference, (02.01) Mac.
Não vejo diferença, Mac
- 45 (08.01) “Well, (01.02) damn it, (05.01) Doc,
Ouçã, Doutor.
- 46 (08.05) there's lockjaw every place. (06b.04) You can find syphilis (05.03) in Park Avenue.
O tétano dá em qualquer meio social (11.02) e também podemos encontrar sífilíticos na Park Avenue, (11.03) não é verdade?
- 47 (05.01) Why (08.04) do you hang around (06a.02) with us
 (11.02) *E então porque vive conosco*
- 48 (05.01) if (08.05) you aren't for us?”
se acha que não estamos com a razão?
- 49 (06a.04) “I want to see,”
Quero ver.
- 50 (05.02) “When you (05.01) cut (68.02) your finger, (05.01) and (06b.01) streptococci (06a.03) get in the (05.01) wound, (06b.04) there's a swelling
- Quando você se corta e o streptococo penetra na ferida, esta incha.
- 51 (05.01) and (06b.02) a soreness.
e você sente dores.



52 (05.08) If the cells lose the first fight the (06b.01) streptococci (08.09) invade, and the fight goes on up the arm.
Se as células perdem o primeiro combate, o estreptococo avança, invade o braço, e a luta prossegue.

53 (02.01) Mac, (05.03) these little strikes (06b.02) are like (08.01) the (05.01) infection.
Mac, essas pequenas greves se assemelham a uma infecção.

54 (05.01) Something (06a.03) has got into (08.02) the men; (06a.03) a little fever (01.02) had started
Algo se introduz no (11.01) corpo dos grevistas: uma febresinha.

55 (06b.04) and the lymphatic glands (08.04) are shooting in (07.01) reinforcements.
As glândulas linfáticas mobilizam os glóbulos brancos para a defesa do organismo.

56 (06a.04) I want to see (08.04) so I go to (01.03) the seat of (05.02) the wound."
(11.02) E como quero ver (11.01) claro, é natural que eu procure a ferida.

57 (06b.01) "You (08.02) figure (05.02) the strike is (05.02) a wound?"
O senhor compara a greve com um ferimento?



APÊNDICE B – Corpus de 538 itens lexicais: *In Dubious Battle* de Steinbeck, *Luta Incerta* de G. Nonnenberg e *Luta Incerta* de A. B. Pinheiro de Lemos:

“You’ re a mystery to me, too, Doc.”

– O Senhor também é um mistério para mim, doutor.

– Você também é um mistério para mim, Doc.

“Me? A mystery?”

– Eu? Um mistério?

– Eu, um mistério?

“Yes, you.

– Sim, o senhor.

– Exatamente.

You’ re not a Party man,

O senhor não é do partido

Você não é do partido,

but you work with us all the time; you never get anything for it.

e trabalha gratuitamente para nós.

mas está sempre trabalhando conosco. Jamais ganha alguma coisa por isso.

I don’t know whether you believe

Não sei se acredita

Não sei se acredita ou não

in what we’re doing or not,

no que faz,

no que estamos fazendo,

you never say,

não diz nada,

pois nunca o diz,

you just work.

limita-se a trabalhar.

limitando-se a trabalhar.

I’ve been out with you before,

Já tive a ocasião de vê-lo trabalhando

Já trabalhamos juntos antes,

and I’m not sure you believe

e às vezes me parece que o senhor não acredita

e não tenho muita certeza se acredita de fato

in the cause at all."

em nossa causa.

na causa.

"It would be hard to say. I could tell you some of the things I think;

É difícil dizer. Se eu revelasse a vocês certas coisas que penso,

É difícil explicar, Mac. Poderia contar-lhe alguma das coisas em que acredito,

you might not like them."

vocês talvez não gostassem.

mas talvez você não goste de ouvir.

I'm pretty sure you wouldn't like them.

Estou quase certo de que não gostariam

Ou melhor: tenho certeza de que não vai gostar.

"Well, let's hear them, anyway."

– Fale doutor.

– Mesmo assim, fale tudo.

"Well, you say I don't believe in the cause.

Diz que não acredito na causa de vocês.

– Bem, você diz que eu não acredito na causa.

That's like not believing in the moon.

Isso seria a mesma coisa do que negar a existência da lua.

É a mesma coisa que não acreditar na lua.

There've been communes before, and there will be again.

As comunas e os comunistas sempre existiram e sempre existirão.

Já houve comunas antes e haverá novamente.

But you people have an idea that if you can establish the thing,

Mas vocês pensam que, uma vez instaurado o regimen pelo qual lutam,

Mas as pessoas têm a idéia fixa de que, se a coisa for institucionalizada,

the job'll be done.

terão cumprido sua missão.

então resistirá para sempre.

Nothing stops, Mac.

É um erro Mac, nada é definitivo, nada estaciona.
Mas não há nada que pare no tempo, imutável.

If you were able to put an idea into effect tomorrow,

Se amanhã vocês conseguirem implantar uma idéia,
Se amanhã você conseguir por em prática uma idéia,

it would start changing right away.

a idéia e o resultado logo modificar-se-ão.
ela começará a mudar imediatamente.

Establish a commune,

Experimentem criar uma 'comuna' modelo
Institucionalizada uma comuna,

and the same gradual flux will continue."

e verão; lentamente o fluxo continuará sua obra.
o mesmo fluxo inexorável continuará.

"Then you don't think the cause is good?"

Então o senhor acha que nossa causa não é boa?
– Acha então que a causa não é boa?

"You see? We're going to pile up on that old rock again.

Aí está! Já estamos fora do assunto.
– Está vendo, Mac? Lá vamos nós encalhar novamente nesse velho rochedo.

That's why I don't like to talk very often.

Por isso que eu não gosto de discutir.
É por isso que não gosto de conversar sobre essas coisas.

Listen to me, Mac.

Ouçá Mac.

Escute, Mac.

My senses

Meus sentidos

Meus sentidos

aren't above reproach,

não são perfeitos,

não são infalíveis,

but they're all I have.

mas é tudo quanto possuo.
mas são tudo o que tenho.



I want to see the whole picture as nearly as I can.
Quero ver o quadro todo, e com a maior nitidez possível.
 Quero ver o quadro inteiro, o máximo possível.

I don't want to put on the blinders of 'good' and 'bad',
Não quero saber de etiquetas com as palavras 'bom' e 'mau',
 Não quero pôr os antolhos de "bom" e de "mau",

and limit my vision.
que prejudicariam minha visão.
 que limitam minha visão.

If I used the term 'good' on a thing
Se eu empregasse a palavra 'bom' para uma coisa,
 Se eu aplicasse a classificação de 'boa' a alguma coisa,

I'd lose my license to inspect it,
perderia imediatamente o direito de examiná-la, de julgá-la,
 perderia a minha liberdade de examiná-la,

because there might be bad in it.
porque ela poderia conter algum elemento 'mau'.
 pois poderia encontrar algo ruim.

Don't you see? I want to be able to look at the whole thing."
Você me compreende? Quero ver o quadro inteiro.
 Será que não entende, Mac? Quero ser capaz de examinar a coisa toda.

"How about social injustice? The profit system?
E a injustiça social? E o sistema capitalista?
 – E o que me diz das injustiças sociais? E o sistema de lucro?

You have to say they're bad."
O senhor tem que reconhecer que são más.
 Não pode deixar de reconhecer que são maus!

"Mac", ... "Look at the physiological injustice,
Mac, não se esqueça da injustiça fisiológica
 – Mac, pense nas injustiças fisiológicas,



the injustice of tetanus, the injustice of syphilis

da injustiça do tétano, da sífilis,
a injustiça do tétano, a injustiça da sífilis,

the gangster methods of amoebic dysentery – that’s my field.

os métodos dos gangsters das moléstias microbianas ... e só falo de minha especialidade.
os métodos de gangster da disenteria amebiana. Esse é o meu campo.

“Revolution and communism will cure social injustice.”

A revolução e o comunismo acabarão com a injustiça social.

– A revolução e o comunismo irão curar a injustiça social.

“Yes, and disinfection and prophylaxis will prevent the others.”

Assim como a higiene e a profilaxia acabarão com as outras.

Assim como a desinfecção e a profilaxia irão impedir as outras.

“It’s different, though; men are doing one, and germs are doing the other.”

Mas é diferente. Os homens são responsáveis pela primeira, os germes pelas outras.

Mas é diferente. Uma é culpa dos homens, a outra dos germes.

“I can’t see much difference, Mac.”

Não vejo diferença, Mac

Não vejo muita diferença, Mac.

“Well, damn it, Doc, there’s lockjaw every place.

Ouça, Doutor. O tétano dá em qualquer meio social

– Mas que diabo, Doc. Pode-se encontrar o tétano em toda parte.

You can find syphilis in Park Avenue.

e também podemos encontrar sífilíticos na Park Avenue, não é verdade?

Existe sífilis na Park Avenue.

Why do you hang around with us if you aren’t for us?”

E então porque vive conosco

se acha que não estamos com a razão?

Por que fica junto de nós,

se não está do nosso lado?

“I want to see,”

Quero ver.

– É que eu quero ver e conhecer, Mac.



“When you cut your finger,

– Quando você se corta

Quando você corta o dedo

and streptococci get in the wound, there's a swelling and a soreness

e o streptococo penetra na ferida, esta incha e você sente dores.

e os estreptococos entram na ferida, o dedo incha e dói.

That swelling is the fight your body puts up, the pain is the battle.

O tumor é a resistência oposta pelo seu organismo, a dor é a luta.

A inchação é a luta de seu corpo contra a infecção, a dor é a batalha.

You can't tell which one is going to win,

Você não sabe quem vencerá,

Não se pode dizer quem vai ganhar,

but the wound is the first battleground.

mas o ferimento é o primeiro campo de batalha.

mas a ferida é o primeiro campo de batalha.

If the cells lose the first fight

Se as células perdem o primeiro combate,

Se as células perdem essa primeira luta,

the streptococci invade, and the fight goes on up the arm.

o streptococo avança, invade o braço, e a luta prossegue.

os estreptococos invadem e a luta se estendo pelo braço acima.

Mac, these little strikes are like the infection.

Mac, essas pequenas greves se assemelham a uma infecção.

Essas pequenas greves, Mac, são como a infecção.

Something has got into the men;

Algo se introduz no corpo dos grevistas:

Alguma coisa entrou nos homens.

a little fever had started

uma febresinha.

Há um pouco de febre



and the lymphatic glands are shooting in reinforcements.

As glândulas linfáticas mobilizam os glóbulos brancos para a defesa do organismo.

E as glândulas linfáticas estão trabalhando dobrado, produzindo reforços.

I want to see,

E como quero ver claro,

Como eu quero ver tudo,

so I go to the seat of the wound."

é natural que eu procure a ferida.

então tenho que ir diretamente ao próprio local da ferida.

"You figure the strike is a wound?"

O senhor compara a greve com um ferimento?

Imagina então a greve como uma ferida?



APÊNDICE C — Diálogo de Mac com Al, do último capítulo de *In Dubious Battle*, p. 335, seguido da tradução de Nonnenberg:

Al cleared one hand from the bedclothes and scratched his cheek. "I'm still with you, Mac. But the old man wants to blast you. He went in this morning to get the sheriff to kick you off'n the place. Says you're trespassin', an' he wants you off. Says he's punished for listenin' to guys like you. Says I can go to hell if I string along with you. He was mad as a hornet, Mac."

"I was scared he would be, Al. Listen, we know you're with us, see? It don't do no good to make that old man any sorrier than he is. If it'd do any good, it'd be different. You just pretend to come around to his side. We'll understand that, Al. You can keep in touch with us. I'm awful sorry for your old man."

Al sighed deeply. "I was scared you'd think I doublecrossed you. If you know I ain't, I'll tell him t'hell with you."

"That's the stuff, Al. And we'll give you a boost in town, too. Oh, say, Al, did Doc look in on you last night?"

"No. Why?"

"Well, he started over here before the fire, an' he ain't been back."

"Jesus! What do you think happened to him?"

"I'm scared they snatched the poor devil."

"They been pushing you all around, ain't they?"

"Yeah. But our guys got in some good licks this morning. But if your old man turns us in, I guess they'll roll over us tomorrow."

"Whole thing flops, huh, Mac?"

"That don't mean anything. We done what we came to do. The thing goes right on, Al. You just make peace an' pretend you ain't ever goin' to be burned no more." He listened. "Is that somebody coming?" he ran through the kitchen and into the front of the house, and looked out a window.

"It's my old man, I recognize his step," said Al.

Mac returned. "I wanted to see if anybody was with him. He's all alone. We could make a sneak, I guess. I'd rather tell him I'm sorry."

"You better not," Al advised. "He won't listen to nothing from you. He hates your guts."

363 words

16 par.

16 lines

Al passou a mão no rosto.

– Eu continuo com vocês, Mac. Meu pai quer expulsá-los. Hoje de manhã saiu para falar com o “sheriff”. Diz que chega o que já sofreu e que seu quizer, também posso ir para o inferno com vocês. Estava que era uma fera.

– Eu esperava isso Al. Sabemos que você é dos nossos, mas é inútil excitar ainda mais seu pai. Não adianta nada. Finja que concorda com ele. Nós compreendemos a situação. Quando você ficar bom, mandaremos chamá-lo. Lamento tudo quanto aconteceu a seu pai por nossa culpa.

– Eu estava com receio de que vocês duvidassem da minha sinceridade, – suspirou Al. – Mas se vocês concordarem, direi a meu pai que não quero mais saber de comunismo.

– É isso mesmo. E não tenha cuidado, nós não o esqueceremos. O doutor esteve aqui ontem à noite?

– Não, por que?

– Ele nos disse que viria. Mas com o incêndio...

– E então? O que foi que aconteceu?

– O meu medo é que o tenham prendido.

– Eles estão apertando o cerco, não é, Mac? – disse Al.

– Que estão, estão. Mas os nossos deram-lhes uma boa lição esta manhã. Se seu pai nos expulsar de sua propriedade, seremos dispersados pela polícia.

– E tudo terá sido inútil?

– Não, fizemos o que nos cumpria fazer, Al. Nosso trabalho continua. Faça as pazes com seu pai e diga-lhe que compreendeu...

Não concluiu a frase, ouvira passos.

– Está chegando alguém.

– É meu pai, – disse Al. – Conheço seus passos.

Mac foi até a janela.

- Queria ver se estava só. Está. Ficaremos para dizer-lhe o quanto sentimos...
- Não adianta Mac, – interrompeu Al. – Ele o odeia.

269 palavras

19 parágrafos

29 linhas

ANEXO A – Artigos da Revista da Academia Paulista de Letras:

O combate às más traduções

Faz alguns meses que levantamos, nesta folha, a questão das traduções que andam a multiplicar-se assustadoramente nestes últimos anos. O movimento é justo e louvável, sem dúvida, mas (tudo na vida é assim...) com uma condição primordial: que o “negócio” não prejudique a parte do espírito. De vez em quando voltamos ao tema, Ainda há pouco publicamos mais uma nota sobre o caso em nosso suplemento “Autores e Livros”. Como era de esperar, outras vezes acudiram ao nosso apelo e a crítica literária, a princípio tímida, está agora caindo em cheio sobre os maus tradutores. Consideramos o assunto, em geral. Em primeiro lugar, existe um problema de alta importância, - o de nossa formação intelectual. Em segundo lugar, não é exagero notar a grande dificuldade em que se encontram os nossos editores limitados quase exclusivamente aos mercados nacionais, - ao contrário do que acontece do lado dos editores de língua inglesa e espanhola. Os nossos vendem apenas a brasileiros. E isto os obriga a procurar, em febril competição, livros e autores capazes de interessar a um público maior e, portanto, de cultura inferior e talvez de mal gosto literário. Por certo que há as exceções, como as obras de Monteiro Lobato, Almir de Andrade, Adalgisa Nery, Oscar Mendes e Onestaldo de Pennafort, dentre outros, têm traduzido. Outra dificuldade terrível é a da competição dos tradutores. O caso está, ainda, abandonado, a saber, deixado aos azares da competição comercial: traduz mais quem traduzir mais barato. E com o mínimo de segurança. De modo que, entre traduzir e fazer mil e outras coisas, ainda é “partido” fazer mil e outras coisas. Resultado: O tradutor tem que ser de nível mental inferior. Sendo assim, terá “coragem” de traduzir qualquer livro, inclusive obras de pensadores geniais, - os mais notáveis pensadores do mundo! Assim, o nosso atraso corre o perigo de acabar degenerando em ridículo de nós mesmos. Porque o traduzir supõe muito mais que saber folhear um dicionário de língua estrangeira. Todas as línguas são feitas particularmente de modismos diretamente intraduzíveis. A tradução nunca é de “vocábulos”, mas de “frases”. E em toda obra de língua estrangeira está presente o “genius” de um povo e um estilo próprio de um homem. A tradução não pode ser uma simples “troca” de palavras, - “ao pé da letra”. A

verdadeira tradução é uma dupla “conversão”, - de um “genius” lingüístico em outro e de um “estilo” pessoal em outro, sem prejuízo fundamental do conteúdo significativo da obra traduzida.

Fazemos questão de ressaltar aqui a boa fé e o entusiasmo justo da maioria dos editores. Estão persuadidos de que o negócio é, ao mesmo tempo, um grande serviço à Nação. Infelizmente, falta-lhes, em geral, o “tino” do negócio “onde este é propriamente um esforço cultural”. É preciso que saibam que saber inglês ou francês não é o mesmo que saber traduzir. A tradução exige, acima de tudo, conhecimento do assunto da obra que se há de traduzir. Deste modo, só filósofos poderão traduzir filosofia, só poetas poderão traduzir poesias, só filólogos poderão traduzir filologia, etc. Sem exceção. Salvo milagre... ou falta de probidade intelectual.

É preciso ainda fazer notar que não temos nenhum interesse de criticar os nossos editores, mas o desejo leal de colaborar com eles, tendo em vista o nosso progresso cultural.

“A Manhã” [sem data]

(*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 março de 1944, n.º 25. São Paulo, 1944, p.166-7)

O problema das traduções

Em comentário recente voltaram os nossos brilhantes confrades do “Correio da Manhã” a verberar as péssimas traduções de livros estrangeiros que hoje entulham os mercados nacionais.

Como os leitores não ignoram, hoje existem traduções em muito maior número que obras originais.

Por falta de estatísticas sobre o assunto não nos é lícito fixar uma proporção qualquer. Acreditamos, porém, que a cada livro original português correspondem, nos prelos nacionais, pelo menos dez estrangeiros. Em se tratando de romances, por exemplo, a proporção é ainda



maior. Não se publicam no Brasil romances em número proporcional às versões de romances estrangeiros, principalmente norte-americanos.

O “Correio da Manhã” é de opinião que os livros de literatura devem ser traduzidos por literatos e assim mesmo segundo a capacidade de trabalho destes. “Restringir (escreve) aos literatos a faculdade de firmar traduções literárias – e estas em número compatível com o que um literato pode produzir... – seria pois uma forma com bons precedentes, e bem dentro da ética profissional que em todos os ramos devíamos preservar”.

A restrição preconizada pelo prestigioso matutino de Edmundo Bittencourt levanta um problema que se traduz por meio de uma pergunta:

Pertencem, realmente, aos literatos brasileiros de projeção nacional as “traduções” que aqui se publicam sob a responsabilidade dos seus nomes ilustres?

Quantas páginas é possível traduzir-se por dia: vinte, trinta, quarenta? Parece que não. Um romance norte-americano, de quatrocentas ou quinhentas páginas no original, não pode ser traduzido em menos de dois meses de trabalho diário e absorvente. Tão absorvente que não deixa ao tradutor horas vagas para outro trabalho intelectual qualquer.

Fora disso, – e o prazo de dois meses nós o concedemos aos tradutores que conheçam perfeitamente ambos os idiomas e que saibam escrever correntemente à máquina – fora disso é obra de carregação tudo o que se quiser fazer em benefício da cultura nacional.

(*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 junho de 1944, n.º 26. São Paulo, 1944, p.160-1)

Traduções

Há por aí fora um pesado descontentamento contra certas traduções de obras célebres, escritas originalmente em idiomas estrangeiros. A grita não deixa de ter sua razão, porque em verdade, o que hoje se nos deparam nas livrarias, em matéria de literatura adventício, são traduções baratas, fervilhantes de erros vernáculos e sobretudo confirmadoras do famoso aforismo romano – *traduttore, traditore*.



Isto deriva de que o problema das traduções nunca foi compreendido pelas nossas casas editoras. Se se trata de traduzir uma obra escrita em inglês, o que as editoras procuram é uma pessoa que conheça suficientemente o idioma de Shakespeare. A incompreensão, como se vê, é quilométrica, pois a primeira qualidade que se deve exigir de um tradutor é que ele conheça suficientemente o idioma para o qual vai ser trasladada a obra.

Estas coisas já não deviam mais ser repetidas em público, porque exprimem uma verdade cediça. Castilho ensinou-nos que podemos ser tradutores, sem nem ao menos conhecermos o idioma em que é escrita a coisa a traduzir. Ele não sabia o alemão, e, apesar disso, soube traduzir o que de melhor encontrou no teatro de Goethe. Auxiliado por outrem, pôs o “Fausto” em português, e em português de lei. Tudo porque sabia manejar o nosso idioma, e sobretudo porque tinha bom senso literário. Monti pôs em italiano talvez a melhor tradução da “Ilíada”, e, entretanto, não sabia o grego. Aqui mesmo, entre nós, temos o ilustrativo caso de Machado de Assis, que nos deu alguns belos fragmentos de poesias orientais, tomadas não dos textos primitivos, mas de uma interpretação inglesa.

Quando estas verdades forem sentidas, tanto quanto tem sido ditas e reeditas, escritas e até irradiadas, encontraremos no mercado livresco traduções de melhor quilate do que isso que atualmente se nos depara por aí, a rebaixar as nossas letras até ao desprestígio.

(*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VI, 12 junho de 1943, n.º 22. São Paulo, 1943, p.174-5)

A biblioteca proletária

A fim de proporcionar aos operários o delegado Eduardo Távora do Centro proletário, um seu gabinete de trabalho, uma reunião de industriais paulistas. Presidentes o senhor da União Política e Social expôs ao presidente o plano do Dr. Alfredo para estabelecer suas duas finalidades. Um segundo plano o plano do delegado Alfredo Álvares de

ANEXO B – Proposta cultural do Secretário da Segurança Pública, 1944.

Foram criadas 45 bibliotecas para o proletariado

O Dr. Alfredo Issa, secretário da segurança pública, no propósito de ampliar a eficiência da Polícia, tem realizado radicais reformas não só no que concerne ao material e aparelhamento, como ao pessoal. Diversos setores, principalmente os que estão ligados ao policiamento, já foram reformados de acordo com a nova orientação que compreende a adoção de métodos diferentes e modernos.

A ordem social e o proletariado

O titular de Segurança Pública volta sua atenção para um outro setor de máxima importância, que é o da ordem social. Contando com a colaboração do Dr. Eduardo Tavares do Carmo, titular da Delegacia de Ordem Política e Social [DEOPS], o Dr. Alfredo Issa elaborou um plano de ação, que compreende tanto o serviço repressivo como o preventivo. No referido plano é dedicada especial atenção à situação do proletariado, com o fim de solucionar de modo harmonioso e humano seus problemas de caráter social. Para a consecução imediata desse objetivo, a providência a ser posta em prática inicialmente é a que se refere à melhoria do nível cultural do operário, por todos os meios aconselháveis destacando-se entre eles, a instalação de bibliotecas em todos os locais de trabalho.

A biblioteca proletária

A fim de concretizar esse objetivo, o delegado Eduardo Tavares do Carmo promoveu, em seu gabinete de trabalho, uma reunião de industriais paulistas. Presidindo-a, o titular da Ordem Política e Social expôs aos presentes o plano do Dr. Alfredo Issa, acentuando suas altas finalidades. Em seguida, passou a palavra ao delegado adjunto Raimundo Álvaro de

Menezes, que fez longa dissertação, esclarecendo as vantagens que uma ação conjugada da Polícia com os industriais e operários proporcionariam em benefício geral. O assunto foi objeto de amplos debates por parte dos presentes que, apoiando, unanimemente, a idéia, ofereceram interessantes sugestões e estudaram diversas propostas. A atitude dos industriais paulistas causou excelente impressão. No decorrer da reunião verificou-se que alguns estabelecimentos fabris de São Paulo já possuem bibliotecas escolhidas para seus operários, as quais serão reformadas, de acordo com os planos assentados. Todas as bibliotecas a serem instaladas serão inscritas no Instituto Nacional do Livro e, assim, gozar das vantagens proporcionadas por aquele importante órgão, inclusive a do recebimento gratuito de novos volumes. Diversos industriais se comprometeram, também, a conceder aos seus operários, paga pelas fábricas, meia hora diária para se dedicarem à leitura. Por fim, ficou resolvida a instalação de 45 bibliotecas. Todas têm um patrono, entre as figuras do passado. Sua inauguração se deu no dia 13 de novembro, data do primeiro aniversário da administração do Dr. Alfredo Issa na pasta da Segurança.

(*Revista da Academia Paulista de Letras*, ano VII, 12 dezembro de 1944, n.º 28. São Paulo, 1944, p.170-1)

ANEXO C – Carta de Engels à Srta. Margaret Harkness, considerações críticas sobre realismo e literatura interessada, 1888.

Dear Miss Harkness, I thank you very much for sending me your “City Girl” through Messrs Vizetelly. I have read it with the greatest pleasure and avidity. It is indeed, as my friend Eichhoff your translator calls it, ein kleines Kunstwerk... [a small work of art. DM].

If I have anything to criticize, it would be that perhaps, after all, the tale is not quite realistic enough. Realism, to my mind, implies, besides truth of detail, the truthful reproduction of typical characters under typical circumstances. Now your characters are typical enough, as far as they go; but perhaps the circumstances which surround them and make them act, are not perhaps equally so. In the “City Girl” the working class figures are a passive mass, unable to help itself and not even showing (making) any attempt at striving to help itself. All attempts to drag it out of its torpid misery come from without, from above. Now if this was a correct description about 1800 or 1810, in the days of Saint-Simon and Robert Owen, it cannot appear so in 1887 to a man for nearly fifty years has had the honor of sharing in the most of the fights of the militant proletariat. The rebellious reaction of the working class against the oppressive medium which surrounds them, their attempts - convulsive, half conscious or conscious - at recovering their status as human beings, belong to history and must therefore lay claim to a place in the domain of realism.

I am far from finding fault with your not having written a point-blank socialist novel, a “Tendenzroman” [social-problem novel. DM], as we Germans call it, to glorify the social and political views of the authors. This is not at all what I mean. The more the opinions of the author remain hidden, the better for the work of art. the realism I allude to may crop out even in spite of the author’s opinions. Let me refer to an example. Balzac whom I consider a far greater master of realism than all the Zolas passés, présents et a venir [past, present and future], in “La Comédie humaine” gives us a most wonderfully realistic history of French ‘Society’, especially of le monde parisien [the Parisian social world], describing, chronicle-fashion, almost year by year from 1816 to 1848 the progressive inroads of the rising bourgeoisie upon the society of nobles, that reconstituted itself after 1815 and that set up again, as far as it could, the standard of la viellie politesse française [French refinement]. He describes how the last remnants of this, to him, model society gradually succumbed before the

intrusion of the vulgar monied upstart, or were corrupted by him; how the grand dame whose conjugal infidelities were but a mode of asserting herself in perfect accordance with the way she had been disposed of in marriage, gave way to the bourgeoisie, who horned her husband for cash or cashmere; and around this central picture he groups a complete history of French Society from which, even in economic details (for instance the rearrangement of real and personal property after the Revolution) I have learned more than from all the professed historians, economists, and statisticians of the period together. Well, Balzac was politically a Legitimist; his great work is a constant elegy on the inevitable decay of good society, his sympathies are all with the class doomed to extinction. But for all that his satire is never keener, his irony never bitterer, than when he sets in motion the very men and women with whom he sympathizes most deeply - the nobles. And the only men of whom he always speaks with undisguised admiration, are his bitterest political antagonists, the republican heroes of the Cloître Saint-Méry, the men, who at that time (1830 - 6) were indeed the representatives of the popular masses. That Balzac thus was compelled to go against his own class sympathies and political prejudices, that he saw the necessity of the downfall of his favorite nobles, and described them as people deserving no better fate; and that he saw the real men of the future where, for the time being, they alone were to be found - that I consider one of the greatest triumphs of Realism, and one of the grandest features in old Balzac.

I must own, in your defense, that nowhere in the civilized world are the working people less actively resistant, more passively submitting to fate, more hébétés [bewildered] than in the East End of London. And how do I know whether you have not had very good reasons for contenting yourself, for once, with a picture of the passive side of working-class life, reserving the active side for another work?

Disponível em: < http://www.marxists.org/archive/marx/letters/engels/88_04_x1.htm >. Acesso em: jan. 2002.



ANEXO D – Manifesto político de todos os diretores e redatores da

revista *Clima*, em seu número 11, jul./ago. 1942.

[...]

Fundamentalmente, a guerra de que agora participamos é uma guerra contra o fascismo. Fascismo é o regime político instaurado notadamente na Alemanha, na Itália e na Espanha. Fascismo é o conteúdo político da “Union of British Fascists”, de Oswald Mosley; do movimento do Padre Coughlin, na América do Norte; do “Rexismo” de Léon Degrelle, na Bélgica ; dos partidos de La Rocque e Doriot, na França, e do Integralismo, de Plínio Salgado e outros, no Brasil. Quisling e Laval são fascismo. Velhas glórias militares decrépitas e inconscientes, como Hindenburg e Pétain, também são fascismo. Fascismo é o ataque do Japão à Manchúria; é o ataque da Itália à Abissínia; é o apoio da Alemanha e da Itália aos facciosos espanhóis; é a invasão da Áustria e da Tchecoslováquia, é a fraqueza das grandes democracias diante dessa invasão – o pacto de Munique; é a invasão da Albânia e da Grécia pela Itália; é o ataque da Alemanha à Rússia; é o ataque do Japão aos Estados Unidos; é, finalmente, o ataque da Alemanha e da Itália ao Brasil.

No plano internacional e nacional, esta é uma guerra contra o fascismo. Os inimigos de Hitler e de Mussolini, na Alemanha e na Itália, são nossos amigos. Os amigos de Hitler e de Mussolini, no Brasil, são nossos inimigos. Quando se fala de quinta coluna no Brasil, não se deve pensar unicamente em alemães, italianos e japoneses. Estes não são quinta coluna. São, em princípio, inimigos. A quinta coluna característica é sempre formada por naturais do país. No Brasil, em primeiro lugar, pelos integralistas. Os fascistas de todo o mundo têm um chefe, e este chefe é Adolf Hitler.

Temos a certeza de que a quinta coluna consciente ou inconsciente, diante desta nossa posição enérgica, lançará mão de uma de suas armas favoritas: dizer que somos comunistas ou que fomos manobrados por comunistas, como já foi feito por um outro professor da Faculdade de Direito, referindo-se ao comício promovido pelos estudantes

de sua própria escola na Praça da Sé. Protestamos desde já, do fundo do nosso patriotismo, contra esta manobra desonesta, que consiste em caluniar os soldados brasileiros e apresentar problemas inatuais, para que a atenção do governo e do povo do Brasil seja desviada dos problemas atuais. Poderíamos, mesmo, acrescentar que, para nós, o socialismo ou o comunismo das internacionais numeradas é hoje uma questão historicamente ultrapassada, e que a admiração de todo o mundo pelo gigantesco esforço de guerra do povo russo nada tem que ver com marxismos, leninismos, trotskismos ou stalinismos acadêmicos.

[...]

São Paulo, 25 de agosto de 1942.

Assinaram esse documento: Lourival Gomes Machado, Alfredo Mesquita, Antonio Branco Lefèvre, Antonio Candido de Mello e Souza, Decio de Almeida Prado, Marcelo Damy de Souza Santos, Paulo Emilio Salles Gomes, Roberto Pinto de Souza, Ruy Galvão de Andrade Coelho. (nota dos organizadores)



ANEXO E – Artigo crítico sobre traduções, de Mário de Andrade, publicado no *Diário de Notícias*, 21 de janeiro de 1945.

Traduções

Pela terceira vez um artigo meu para este jornal traz o título de “Traduções”. Da primeira vez, em 1939, eu ainda tratava o caso com certo bom humor, mas da segunda, em 1940, estava bem zangado. Não tenho a menor intenção, relembando isto, de me coroar com a gloriola de ter levantado uma lebre do Brasil. Hoje está ficando um pouco moda, indiscreta moda, entre os artistas da minha geração e vizinhas, se reconhecerem, acredito que muito feridos em sua modéstia, os primeiros nisto e naquilo. É a nova escola literária do pioneirismo. Ela tem várias graças e estilos. Vai desde o peremptório “Fui eu que primeiro joguei pingue-pongue” até o mesureiro “Vejo com prazer que o Sr. Fulano concorda comigo, que já em 1723 afirmava que etc.” Mas é muito sabido que nós somos o primeiro país democrático do mundo e que Deus é brasileiro.

Pois em 1939, eu fazia coro com os que reclamavam contra os costumes de traduzir e as traduções chovidas sobre o Brasil. Mas foi depois desse tempo que, embora em regente, o coro afinou e engrossou de vozes mais afirmativas e cantaram todo um Réquiem. Guilherme de Figueiredo, Valdemar Cavalcanti, aqui em São Paulo, Antônio Cândido, Sergio Milliet, muitos por toda a parte, gritaram mais convincentemente, e os editores se assustaram com maior utilidade. Eu creio que as coisas já estão melhorando, como prometia o meu bom humor de 1939.

Este se afiançava no fenômeno, que eu presenciara, das traduções espanholas. Estas, quando a epidemia das traduções estourou na Espanha, eram pouco menos que infectas. Ainda faz pouco mais de um ano, preocupado com a tradução de um *Lied* de Heine, de que eu guardava nas mãos três versões brasileiras, me dei o trabalho de examinar como o tinham traduzido italianos, franceses e espanhóis. Nossa! A tradução espanhola, não era apenas vergonhosa, era indecente, a pior do mundo! Manuel Bandeira uma vez, garantido no prestígio literário da Espanha, duvidou que eu tivesse razão quando afirmava que a maioria das traduções espanholas era ruim. Mas tempos depois me chegou uma carta dele, contando

que ao traduzir um livro, creio que inglês, em que vinha a tradução de uma poesia alemã, não só fora ao original, para não traduzir de tradução, como confrontara traduções em diversas línguas. Pois ficara horrorizado com a espanhola. Mas enfim chegou a reação da *Revista do Ocidente*, com as traduções ótimas, e a tradução espanhola subiu muito de nível.

As nossas já estão subindo de nível também, mas ainda não me parece que satisfatoriamente. Os exemplos vergonhosos apresentados pelos nossos críticos, a utilíssima seção de denúncias aberta neste jornal modificaram bastante a situação. Aquele escândalo detestável de escritores de nomeada emprestarem o nome, em troco de dinheiro, a traduções que não eram feitas por eles, se não acabou, coisa que não posso garantir, pelo menos baixou de colorido. Os escritores célebres principiaram revendo com mais atenção os livros a que iam dar o seu nome e títulos. Se ainda às vezes continuam medíocres tradutores com a mão do gato, pelo menos não permitem mais traduções porcas.

Mas nessa melhoria sensível da tradução brasileira, há que denunciar um mal novo que me parece da maior indecência. Vários dos nossos tradutores bons, com muita razão, e várias das nossas grandes casas editoras, com menos razão, se ilustram atualmente de apresentar traduções dos já comprovadamente geniais escritores e obras literárias do passado. Schiller, Manzoni, Puchkin principiam andando por aí, revestidos dos rutilantes andrajos da língua nacional. Muito que bem. Os anúncios fazem uma bulha danada, e, não sei, os novos críticos vão um bocado na onda reconhecendo com justiça a boa intenção e o normalmente bem sucedido desse esforço.

Mas existe o outro lado da medalha. Que houve melhora eu reconheço que houve, mas não foi o nível da tradução que subiu, foi uma bancada, ponhamos, uma bancada da direita que surgiu. Dantes, a tradução brasileira era um fenômeno exclusivamente editorial de comércio. Traduziam os romances de que saíam os filmes, as coleções de novelas policiais, os nomes do dia e do escândalo; e mesmo um André Gide dos *Moedeiros falsos* era traduzido, não pelo drama da inteligência que é Gide, mas para a intriga dos moedeiros falsos. Ora nada mais disso melhorou nem subiu de nível. Apenas, se garantindo da exigência de melhora em que estávamos, surgiu uma bancada de direita que, com muito melhor aparelhagem e sensibilidade, se atirou às traduções de Cervantes, de Chaucer ou de Rabelais. Será um bem?

Eu proponho que se considere isso um mal. Elevam o nosso nível cultural, dizem. Elevam um bocadinho elevam, sim; sobretudo quando se trata de obras em russo, em alemão,



pouco acessíveis à grande maioria dos leitores cultos brasileiros. Porque há sempre que afiançar uma coisa: esses ainda não são livros populares para a grande maioria dos leitores brasileiros. Teriam alguma popularidade transitória se o cinema pusesse em movimento e em luz os grandes livros, mas quem disse! Da forma que um Morgan e um Anatole France só continuam lidos por uma minoria que geralmente sabe o francês e o inglês e pode avançar pelo italiano e o castelhano a dentro. E para casos destes, o livro original será sempre infinitamente melhor.

As obras que a população leitora (peço ao Sr. linotipista não escrever “leiteira”: não á leite), as obras que a população leitora do Brasil continua gastando, são ainda os *best-sellers*, os romances policiais, os romances ... saídos dos filmes. Mas tudo isso é apressadamente traduzido numa linguagem que não é de ninguém, nem pode-se chamar qualquer coisa aparentável a um “estilo”. Não é linguagem popular, não é língua literária, não é brasileiro, não é português, não é nada, na maioria enorme dessas traduções. E assim se fixou um, espero que crime contra a nossa gente. O critério das traduções se encastela nesta lei: para os cultos, traduzir bem; para a gente baixa, traduzir de qualquer maneira. Infelizmente não há luta, mas há uma enorme distinção de “classes” na tradução nacional!

O resultado deve ser o pior possível; a moral é a pior possível. As pessoas cultas, que podem se interessar pelo fastio da *Evangelina* ou do *Jocelyn*, pessoas que já sabem se exprimir com mais firmeza intelectual na sua linguagem, pouco ou nada se enriquecem com essas traduções da direita. E perdem muito. Irão aos poucos se desinteressando das línguas estrangeiras. E veremos entre nós disseminada essa grave e repulsiva anti-universalidade de pessoas pseudo-cultas encurraladas numa língua só. Como esses numerosos “cultos” ingleses que só falam o inglês, norte-americanos que só falam o norte-americano, e franceses que só falam o francês. E seremos nós a engrossar a falange desumana dos que endereçam cartas para a Argentina-City, capital do Rio de Janeiro. Bem, hoje os norte-americanos não se enganam mais entre Belém, Natal e Buenos Aires, mas é por outras razões.

Mas enquanto os cultos brasileiros possivelmente se enriquecem expressionalmente escutando os belos exemplos estilísticos da bancada da direita, o povinho que se dane. Que continue lendo, em linguagem de bugre, os terríveis crimes e as moças infelizes. Eu pergunto: Não era justamente a essa massa de leitores, muito mais pobre também no conhecimento da sua língua, que se impõe o nosso dever, dos tradutores e das casas editoras, de pretender

e elevar e enriquecer na sua linguagem? Porque não se trata de erros de gramática, insisto, como eu já lembrava em 1939. Os maus tradutores sabem gramática muito mais que Machado de Assis. O que eles não têm é língua nenhuma, estilo nenhum. O que eles não sabem é se expressar com limpeza intelectual. E nem é gramática que a massa dos leitores precisa aprender: do que ela precisa é de riqueza suficiente de linguagem que lhe permita se expressar além das frases quotidianas do “Bom dia”, “Te gosto” ou “Paciência”. Ao menos para saber protestar. Se eu fosse o Primeiro Congresso dos Escritores Brasileiros, eu propunha que Dante e Shakespeare fossem traduzidos pelos maus tradutores, e os romances policiais e de cinema o fossem pela bancada da direita. Ao menos se preservava nos cultos o dever da sua universalidade lingüística, e se fornecia à massa dos leitores de cultura pobre a prática de uma linguagem mais firme de sua expressão. Ao menos para protestar.

(*Diário de Notícias*, 1º Supl., Rio de Janeiro 21.01.45, p. 1)

Este artigo foi gentilmente indicado pela pesquisadora Lia Wyler, que trabalha com historiografia da tradução no Brasil.



ANEXO F – Epígrafe de *In Dubious Battle*, retirada de *Paradise Lost* de John Milton, 1667:

Abaixo, o mesmo texto empregado na edição de 1936 de *In Dubious Battle*, com pequenas variações de grafia, que incluem a forma antiga de “battle”:

*Innumerable force of Spirits arm'd
That durst dislike his reign, and me preferring,
His utmost power with adverse power oppos'd
In dubious Battel on the Plains of Heav'n,
And shook his throne. What though the field be lost?
All is not lost; the unconquerable Will,
And study of revenge, immortal hate,
And courage never to submit or yield:
And what is else not to be overcome?*

Battel \Bat"tel, n. [Obs. form. of Battle.] (Old Eng. Law) A single combat; as, trial by battel. See Wager of battel, under Wager.

Source: Webster's Revised Unabridged Dictionary, © 1996, 1998 MICRA, Inc.

Online Literature Library - John Milton - Paradise Lost

Disponível em: <www.literature.org/authors/milton-john/paradise-lost/>. Acesso em jan. 2001

Uma tradução portuguesa de 1840 aparentemente é a única em nosso mercado de livros, já que será usada até o final dos anos 40:

Elle impelliu-me a combater o Eterno
E trouxe logo às fêrvidas batalhas
Innumera alluvião de armados génios
Que dêlle o impèrio abhorreecer ousarão,
E, a mim me preferindo, oppor quizerão
Nas planices do Ceo, em prèlio dúbio,
As fôrças pròprias às oppostas fôrças
Fazendo-lhe tremer o empyreo sòlio.
Que tem perder-se da batalha o campo?
Tudo não se perdeu; muito inda resta:
Indòmita vontade, ódio constante,
De atras vinganças decidido estudo,
Valor que nunca se submete ou rende,
(Nobre incentivo pâra obter victòria)
Honras são que jamais ha de extorquir-me
Do Eterno a ingente fôrça e inteira raiva. [98]

A sua forma atualizada ortograficamente aparece na edição de 1949 de *Paraíso Perdido*, publicada pela editora Jackson:

Ele impeliu-me a combater o Eterno,
E trouxe logo às férvidas batalhas
Inúmera aluvião de armados Génios
Que dele o império aborrecer ousaram,
E, a mim me preferindo, opor quiseram
Nas planícies do Céu, em prélio dúbio,
As forças próprias às opostas forças
Fazendo-lhe tremer o empíreo sólio.
Que tem perder-se da batalha o campo?
Tudo não se perdeu; muito inda resta:
Indómita vontade, ódio constante,
De atras vinganças decidido estudo,
Valor que nunca se submete ou rende
(Nobre incentivo para obter vitória),
Honras são que jamais há-de extorquir-me
Do Eterno a ingente força e inteira raiva. [97]



